

ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS

VERBO

revelado

O poder das palavras
escritas, ditas ou
silenciadas

15
1943 - 2018
ASLe
ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS

ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS



VERBO

revelado

O poder das palavras
escritas, ditas ou
silenciadas

© Academia Saltense de Letras, 2023

Todos os direitos autorais reservados e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

Edição
Rose Ferrari

Capa
Alba Mara Milioni

Coordenação
Anna Osta

Diagramação
Caio Cesar Canovas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Verbo revelado : o poder das palavras escritas, ditas
ou silenciadas / Academia Saltense de Letras ;
coordenação Anna Osta.
-- Salto, SP : Editora Mirarte, 2023.

ISBN 978-85-64005-17-4

1. Literatura brasileira - Coletâneas I. Academia
Saltense de Letras. II. Osta, Anna. III. Título.

23-174901

CDD-B869.908

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Coletâneas B869.908
Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



www.editoramirarte.com.br



editoramirarte



mirartemkt

SUMÁRIO

Prefácio.	7
Momentos com meu pai	11

CONTOS

Palavras de sabedoria	19
A coruja, a raposa e o verbo revelado	25
Texto anônimo	31
Assalto ao banco de Salto da Onça	37
Palíndromo	47
Os três copos d'água	53
A colecionadora	65
Piçarra	71
Verdades inventadas	75

CRÔNICAS

Cuidado com as palavras	83
Verbo revelado	87
Ah se ela soubesse...	93
Perguntas instigadoras na ação do escrever, dizer, silenciar... sentir	99
O poder das palavras	105
A Palavra das palavras	111
Palavras que fascinam	117
Um olhar sobre o pensamento e a linguagem	121

Gramática: uma memória	125
Palavras são flechas.	129
Palavra é palavra.	133

ENSAIOS

Ensaio sobre os Yanomami e os povos indígenas do Brasil.	141
As múltiplas faces da palavra	149
Para bom entendedor meia pala...	155
Do anonimato à História	161
A libertação da palavra.	167
Por narrativas outras, por outras palavras	173
O elefante em nós	179

POESIAS

O poder da palavra	187
Lar, doce lar ortográfico!	191
Ciência prática e pragmática!	193
Dança das proparoxítonas!	195

PREFÁCIO

A palavra é ferramenta de trabalho para o escritor, que busca sempre encaixar a mais precisa na construção de seu texto. Portanto, quando a acadêmica Mércia Falcini sugeriu o tema “Verbo revelado: o poder das palavras escritas, ditas ou silenciadas” para esta coletânea, sua sugestão foi imediatamente acolhida pelo grupo. E o resultado não poderia ter sido outro: um livro que reflete os talentos plurais dos meus pares na Academia Saltense de Letras.

Nas primeiras páginas deste livro, o leitor conhecerá o garotinho *Aserb* e uma *raposinha* abusada, personagens dos contos de André Palhardi e Anita Liberalesso Neri, que anseiam por sabedoria sem prever que, para alcançá-la, terão de domar um elefante, como ficará claro no ensaio *O elefante em nós*. Também conhecerá *Verdades inventadas*, escritas depois que os símbolos gráficos da *Caminho Suave* foram desvendados sob a supervisão de professores dedicados, como a queridíssima tia Salete, lembrada na crônica *Ah se ela soubesse*.

Porém, como toda regra tem sua exceção, o leitor aqui também terá o prazer de conhecer uma menininha encantadora, que aprendeu a ler sozinha, desenhando palavras na parede de seu quarto, no conto *A colecionadora*. Bem como a força das palavras regionais, que Núbia Istela apresenta em seu conto *Piçarra*.

O leitor ainda embarcará em uma viagem pelo espaço-tempo a convite do acadêmico João Carlos Milioni e

“verá”, entre tantas outras coisas aqui descritas, o homem pré-histórico, os povos originários e fatos da época de Pedro Álvares Cabral. Porque essa é a magia contida no encontro criativo das palavras, capaz de levar o leitor para aventuras como os contos *Assalto ao banco de Salto da Onça* e *Palíndromo*.

Além disso tudo, é possível conhecer, nas páginas deste livro, *uma mãe muito falante* e a *palavra que persegue e assusta* até chegar ao poder reflexivo da palavra no texto de Cristina Salvador. E nos ensaios: *A libertação da palavra*; *Do anonimato à História*; *Por narrativas outras, por outras palavras*; *As múltiplas faces da palavra* e *Para bom entendedor meia pala...*

Sim! São muitas as inflexões que o *Verbo revelado* suscitou entre os 30 escritores participantes desta coletânea, como reverberam os versos dos dois poetas acadêmicos aqui presentes, e as recordações de Rafael Barbi e Antônio Oirmes Ferrari, Presidente Emérito de nosso sodalício.

Entre os membros fundadores da Academia Saltense de Letras, destaco ainda um homem “das palavras” de nossa cidade, que nos deixou recentemente, o saudoso acadêmico Valter Lenzi. Jornalista e escritor, Lenzi foi o idealizador desta publicação e coordenou as duas primeiras edições de coletâneas da ASLe. Agora, o grande entusiasta da palavra é merecidamente homenageado na abertura desta obra, na crônica *Momentos com meu pai*, escrita pela acadêmica, e filha, Cynara Lenzi Veronezi.

Outra novidade que esta coletânea traz é a honrosa participação de João Marcos Andrietta, que recebeu o título de Membro Honorário de nosso sodalício em novembro passado. Ele foi, então, indicado pelos acadêmicos Valter Lenzi e Jorge Duarte Rodrigues para receber esse reconhecimento em razão da sua expressiva contribuição para o

progresso cultural da comunidade saltense. E, a partir de agora, também da própria ASLe, com a publicação do texto *A Palavra das palavras*.

Os textos aqui publicados seguem a classificação por gênero literário – conto, crônica, ensaio e poesia – e a ordem alfabética dos nomes dos acadêmicos, para melhor deleite do público leitor.

Anna Osta
Coordenadora editorial

MOMENTOS COM MEU PAI

Cynara Lenzi Veronezi

Era uma manhã de um domingo qualquer do ano. O sol chegava, com força e quente, em nossas faces. Estávamos, eu, minha caçula e meu pai. Ele se sentara para descansar, após algumas voltas ao redor da piscina, coisa que fazia regularmente nos domingos possíveis de sua vida sempre agitada. E, segundo ele, feliz daquele jeitinho.

Naquele momento de seu descanso, eu aproveitei para



citar um assunto que minha filha acabara de comentar que estava aprendendo na escola: Ditadura.

Ele, então, sempre sábio em seus conhecimentos, adquiridos ao longo de sua experiência jornalística e de vida, discorreu sobre o assunto de maneira simples, porém muito inteligente e trouxe-o para nossa cidade, como exemplo mais significativo para aprendizagem e entendimento da neta, que ouvia tudo, atenta e interessada. Ali, naquele momento, pudemos “viajar”, criando em nossas mentes imagens de um relato muito presente na vida dele.

Aquela manhã, ensolarada e cheia de vida, com trilha sonora de pássaros ao nosso redor, perfume de flores no ar, ficou marcada em meu coração, e acredito que no da minha filha caçula, também.

Palavras foram ditas com tantos significados e importância que poderíamos ficar ali, por horas e horas, absorvendo seu rico conteúdo, pois sabíamos o grande grau de conhecimento que aquele senhor carregava consigo. Conhecimento este que sempre admirei em meus anos de convivência com ele. Mas o senhor em questão, no auge de seus 80 anos, não tinha tanto tempo assim. Seus compromissos eram seguidos e cumpridos à risca, de segunda a segunda. Percebia-se naquele ser uma incansável ideia de pertencimento à vida em toda sua plenitude e beleza.

Assunto como a morte, para Seu Valter, era raro, apesar de enfrentar momentos e perdas difíceis durante sua vida. Nesse quesito ele se calava e ficava mudo, pois era um assunto muito difícil para ele lidar. As palavras não eram ditas, mas sim, sentidas!

E desde meus tempos de criança, durante o período escolar, eram raros os momentos de sentar-me com ele para uma conversa. Ele, sempre muito ocupado com seus tra-

balhos, deixava a gente um pouco frustrada, egoísta por querer mais atenção, porém sabíamos que as contribuições dadas a todos que precisassem de seu auxílio eram imediatamente atendidas. Um ser pronto para qualquer pedido ou ajuda. E a gente entendia. Sempre!

E neste mundo das palavras, das letras, dos sons, cresci. Um mundo onde a importância da escrita era primordial e necessária, quase que fisiológica. Um mundo tão amplo de conhecimentos e ações voltadas à aprendizagem que, sob meu olhar de criança, era infinito, maravilhoso e encontrava-se num patamar que jamais poderia ser adquirido, conquistado. Eu apenas contemplava tamanha beleza!

É, mas o Seu Valter, meu querido pai, não dispunha de tudo aquilo por puro dom divino, à toa. Ele sabia que cada passo que ele dava ao encontro das palavras, mais elas o abraçavam e o envolviam, sem caminho de volta. Na verdade, Seu Valter não olhava para trás em suas ações; era uma pessoa que olhava muito à frente do seu tempo, do seu espaço, numa estrada cheia de obstáculos e dificuldades que ele, mesmo sabendo que as encontraria, arriscou-se, destemido e com seus medos escondidos, para que os inimigos não conhecessem suas fragilidades. Um ser que, apesar das noites mal dormidas, acordava toda manhã com o propósito de fazer seu dia ser eficiente, único, independentemente das dificuldades que sabia que o esperavam!

Diante de tudo isso, percebo que minha vontade de seguir esse caminho, quando criança, não existia ou estava escondida pela admiração grandiosa que tinha, quer dizer, tenho por ele.

Estou aqui hoje, diante destas escritas, consciente de que o destino do ser humano é inevitável, pois apesar de tantas oportunidades de seguir um caminho junto do meu

pai, como jornalista, eu, Cynara, percebia que nunca poderia “chegar aos pés” de tanta grandiosidade e conhecimento das palavras, como tinha Seu Valter.

Minha tentativa, com esta escrita, é mostrar um pouco do que vivi, apesar de ser uma pequena citação de uma vida infinitamente cheia de ações e realizações, mas também enraizada em sentimentos de alegria, angústia, tristeza, frustração, ansiedade que ele passou durante toda sua vida em busca das palavras. Seu Valter acreditava que “as mensagens dos sábios não devem ser dadas em público!”, e seguia muito bem isso: seus pronunciamentos sobre algo eram realizados só quando necessário.

Era um ser ora pensativo, ora falante; ora sisudo, ora cativante; ora observador, ora distraído.

E assim vivia, em sua plenitude. Ser do mundo, das dezenas de viagens que tinha o prazer de realizar com sua eterna parceira e companheira de batalhas, Dona Zuleima, minha querida mãe. Nessas viagens, podia desligar-se das palavras escritas e revigorar sua mente em conhecimento e olhares, fora da rotina dos seus dias.

Meu pretexto para escrever sobre ele é que posso visitá-lo novamente em seus momentos. Apesar de os meus olhos estarem cheios de lágrimas, não poderia deixar de escrever sobre uma pessoa que utilizou literalmente os verbos e conjugou-os em sua totalidade e plenitude.

Seu Valter soube esperar que a menina, que um dia virou as costas para as letras (talvez com medo delas), tivesse um dia o despertar, já na fase adulta, para o grande amor por elas. E essa mesma menina está escrevendo estas linhas sem nenhuma pretensão, porém com muita emoção e alegria por dizer, com todas as letras, palavras e sons possíveis, o quanto é grata a Deus por Seu Valter ser seu pai!

Em minha mente, e também em meu coração, parece que ouço ao longe ele me chamar, no mais profundo dos carinhos que um pai pode ter: “Cy!”

Palavras, simples palavras, que têm o grandioso poder de passar para o papel um amor imensurável por um ser de pequenas grandiosas atitudes que marcaram minha vida para sempre.

Neste momento me despeço, acreditando que um dia possamos nos encontrar novamente e eu, simplesmente compartilhando o que aprendi com meu pai sobre o poder que a palavra tem, lhe direi em alto e bom som:

“Pai, quantas saudades!”

E foi assim que aconteceu...

CYNARA A. L. VERONEZI é formada em Pedagogia e autora dos livros: “Historinhas”, “Histórias pra Contar”, Minha Fiel Escudeira e Eu” e “ A Pandemia no Reino Encantado”. Tem dezenas de vídeos gravados contando suas histórias nas redes sociais. É integrante da Academia Saltense de Letras (Cadeira18, patrono Dante Alighieri).





CONTOS

PALAVRAS DE SABEDORIA

André Luiz Palhardi

Aserb era um garoto muito esperto que vivia nos arredores de um vilarejo próximo à cidade de Lhasa, no Tibet. Seus pais já conheciam seu gênio persistente e não entravam mais em discussões com ele, uma vez que ele sempre venciam e acabava convencendo-os de seu ponto de vista.

Num dia frio típico tibetano, ele saiu com seu pai para uma entrega de preparo de Tsampa, em Lhasa. Gostava muito de ir nessas entregas, pois sempre procurava alguém com quem pudesse debater um tema qualquer que lhe viessem a levantar, o que ultimamente era raro em sua casa.

Andando pela cidade encontrou um mendigo e o cumprimentou por educação, planejando seguir seu caminho em busca de um monge ou, quem sabe, um lama que lhe pudesse dar sustentação em uma arguição de qualidade. Mas o mesmo continuou a conversa:

- Onde vai com tanta pressa alguém tão jovem ainda?

- Estou em busca de um sábio - respondeu sem pestanejar.

- Muito bem, então... Já pode encerrar sua busca - retrucou o mendigo.

- Quer dizer que é um sábio? Não me parece...

- Aquele que não pode ver além das aparências, por mais que busque a sabedoria, nunca saberia que a encon-

trou, mesmo que tropeçasse nela.

Aserb se espantou com a resposta do mendigo e decidiu dar uma chance a ele.

- Você tocou em um ponto que me chama muito a atenção! Pretendo um dia ser a pessoa mais sábia em meu vilarejo.

- Isso pode não ser muito difícil...

- Como assim?

- Bem... Basta que seu vilarejo seja muito pequeno, ou que conte somente com ignorantes. Talvez você até já seja o mais sábio por lá... - disse o mendigo abrindo um sorriso.

O menino pareceu não gostar muito do comentário do mendigo.

- Olha como fala do meu vilarejo e das pessoas que lá vivem!

- Aquele que busca a sabedoria tem que aprender a reconhecer a verdade, ou a mentira, nas palavras dos outros - completou com uma pergunta - Disse algo que não seja verdade?

O menino refletiu por um instante e acabou cedendo.

- Não, de fato - murmurou algo pra si mesmo e completou - Me desculpe.

- Sábio é aquele que reconhece seus erros e volta atrás no momento que tem consciência disso - fez-se uma pausa e o mendigo completou - Gostei de você. Como pretende se tornar um sábio em seu vilarejo? Você tem consciência de que a sabedoria tem várias vertentes?

- Como assim a sabedoria com várias vertentes?

- Você pode ser um sábio da medicina, das leis, da religião, da vida... - disse abrindo os braços e olhando ao redor.

O menino, antes tão confiante, parecia não ter se dado

conta daquela constatação. A sabedoria que buscava era a das argumentações no dia a dia e acabara por ignorar as inúmeras áreas tão importantes do cotidiano...

- Bem. Eu estava pensando na sabedoria que as pessoas buscam quando o procuram para um conselho, por exemplo.

Fez-se um silêncio e o semblante do menino pareceu mudar de desafiador para entristecido. Percebendo a mudança, o mendigo perguntou:

- Algo que eu disse o deixou triste?

- Bem, sim e não. Estou imaginando como posso ser mais sábio que um médico que temos no vilarejo... Não conheço nada de medicina...

- O valor do conhecimento não está em sua quantidade ou em sua especificidade, mas no uso que se faz dele. De que adiantaria um médico sentado o dia todo em sua casa sem atender os doentes que existem no vilarejo? - fez uma pausa, aguardando o menino refletir - Da mesma forma, de que adiantaria um sacerdote ou um monge que não assistisse os fiéis quando estes estão ansiosos em busca de seus conselhos?

- O valor do conhecimento se mostra na necessidade, é isso?

- Isso mesmo. Para aquele que busca a resposta para uma doença, o médico é o sábio de que ele necessita. Para aquele que busca uma resposta espiritual, o sacerdote ou monge são seus sábios - uma nova pausa se fez - Você mesmo pode ser um exemplo disso...

- Eu, mas como?

- Você busca ser sábio, mas o acúmulo do conhecimento por si só não implica em sabedoria - o mendigo percebeu que ele estava muito atento a suas palavras - A sabedoria é

o uso oportuno dos conhecimentos. Você já havia pensado sobre isso?

- Não - respondeu desconsolado Aserb - Nunca...

- Mas não se preocupe com isso, pois agora você já deu o primeiro passo para corrigir isso.

- Como assim?

- Reconhecer que nós e nosso conhecimento são limitados é o primeiro passo para nos tornarmos sábios - aguardou novamente para que Aserb assentisse que estava compreendendo - Acredito que você pode se considerar um filósofo iniciante e, como tal, pode começar pela busca implícita na definição de filosofia que mais me chama a atenção no momento.

- E qual seria ela?

- Filosofia é a busca pelo conhecimento que só se adquire com a consciência da ignorância.

Aserb refletiu por um instante e pareceu compreender a definição que lhe havia sido apresentada pelo mendigo. Ficou contente pela conversa que acabara de ter com aquele homem e lhe agradeceu pelo seu tempo e seus ensinamentos.

- Por seus próprios ensinamentos o senhor se revelou um sábio no dia de hoje, pois aplicou seu conhecimento em um momento oportuno, por isso, lhe agradeço do fundo de meu coração. Também lhe devo desculpas por achar que um mendigo não teria nada a me oferecer de conhecimentos, pois no início de nossa conversa pensava dessa forma.

Já estava entardecendo e seu pai certamente o procurava para poderem voltar ao vilarejo.

- Agora preciso ir... Obrigado novamente - e antes que o mendigo pudesse se despedir, saiu correndo, como é típico dos garotos de sua idade - Ah... Uma última coisa - dis-

se gritado e se virando – Qual é mesmo seu nome?

– Me chamo Oru Oset.

E, correndo como o vento, o menino desapareceu na multidão. Talvez voltassem a se encontrar, mas nenhum dos dois tinha certeza disso. O que ambos tinham certeza é que um havia mudado o outro de uma forma única e, dali em diante, suas histórias estariam sempre ligadas pelo conhecimento que, por pouco tempo, compartilharam.

Oru Oset se levantou depois de algum tempo e, caminhando, foi em direção ao Palácio de Potala. A estrutura era imponente e bela. Como quem faz aquele caminho com frequência, adentrou por uma passagem lateral quase imperceptível e lá deixou as roupas surradas de mendigo.

ANDRÉ LUIZ PALHARDI é professor e escritor. É graduado em Tecnologia Mecânica pela Unesp, além de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e MBA em Gerenciamento de Projetos. Desde 2015 é titular da cadeira nº 35 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Aluísio Azevedo. Contato com o autor pelo e-mail: andrepalhardi@gmail.com.



A CORUJA, A RAPOSA E O VERBO REVELADO

Anita Liberalesso Neri

Era uma vez... um reino muito distante. Era no tempo em que os animais falavam. Nesse reino e nesse tempo vivia uma velha coruja por todos conhecida, não só por seus vastos conhecimentos sobre o mundo, como, também, pela sua sabedoria. Ela era admirada por sua permanente disposição para aconselhar e ajudar a resolver problemas existenciais, pela capacidade de falar com clareza sobre as paixões da bicharada e pela sua engenhosidade em criar situações que obrigavam à reflexão sobre o bem-viver.

Um dia a coruja foi procurada por uma jovem raposa. Ela era bem conhecida por sua simpatia, inteligência e esperteza, mas também por sua tagarelice, sua língua afiada e sua inconseqüência, que a levavam a falar coisas sem pensar, coisas que feriam sentimentos, causavam desgosto e faziam com que os outros duvidassem de si mesmos. Tampouco era dada a leituras e ao estudo, que a ajudariam a ser mais contida e consequente. Cansados de situações desagradáveis decorrentes dessas características, os bichos fizeram uma grande assembleia e deliberaram chamar a raposa às falas. Depois de longas perorações avisaram-na que, se não se corrigisse, seria afastada da Comunidade dos

Bichos. Assustada, a raposa decidiu procurar ajuda junto à coruja.

“Grande Mestra”, disse a raposinha, depois de expor o seu problema e suas urgências, “a senhora sabe de minhas boas intenções e da minha vontade de conviver em harmonia com os outros animais, mas a minha natureza me impede de ser calma e reflexiva, cuidadosa e respeitosa, como eles desejam. Ajude-me, por favor!”

A coruja olhou para a jovem raposa com seus velhos olhos e disse: “Querida criança, preste atenção, as palavras têm grande força, mas, uma vez pronunciadas, o falante perde o poder sobre elas. Palavras ditas são como setas que vão direto ao pensamento e às emoções dos ouvintes. Elas podem informar, agradecer, conciliar e apaziguar, mas também podem confundir e podem ferir mais do que um punhal. Por isso, é importante que você esteja sempre atenta àquilo que diz”.

E prosseguiu: “As palavras escritas servem aos mesmos propósitos, mas são mais permanentes do que as faladas. São uma forma mais elaborada e refinada de expressão, porque exigem deliberação. Assim, o escritor tem que tomar ainda mais cuidado com o que comunica e com a maneira como o faz. E deve intuir os sentimentos, percepções e intenções do ouvinte, para fazer as escolhas mais precisas. Em suas formas mais elaboradas, a palavra escrita serve à história pessoal, à História e à cultura”.

“Existe ainda uma terceira forma de expressão que é o silêncio”, disse, ainda, a coruja. Nessa hora a raposinha arregalou os olhos e a dúvida quase fez com que soltasse uma de suas impropriedades. E a velha coruja continuou: “O silêncio é uma poderosa forma de consentimento, con-

cordância e aceitação, mas também de expressão de discordância, rejeição, hostilidade, desdém, cobiça, inveja e outros sentimentos negativos”.

Para terminar suas recomendações, a coruja sábia achou que devia dizer – e disse – à raposa algo que julgava essencial: “Atente para o fato de que não são somente as palavras faladas, escritas e silenciadas que comunicam. O seu corpo se comporta verbalmente, minha cara. Ou seja, não só a linguagem falada, mas gestos, trejeitos, suspiros, sorrisos, empalidecimentos, caretas e hesitações transmitem ordens, dúvidas, cansaço, tédio, desprezo, inveja e cobiça, ou assentimento, admiração, ternura e adoração.”

Pensando que o essencial tinha sido dito e que a raposa tinha material de sobra para trabalhar, a velha coruja despediu-se, marcou data para retorno e retirou-se para seus aposentos. Lá se foi sua jovem consulente, lépida e faceira, disposta a levar a sério os conselhos da mestra e a fazer a lição de casa da melhor forma possível. Ela começou a ler mais e a estudar a arte da comunicação. Aprendeu a escolher cuidadosamente as palavras e a falar de forma consequente e intencional, quando solicitada. Passou a exercitar a escrita, buscando formas mais precisas e claras de comunicar suas ideias. Insistiu em auto-observação e em controle de gestos, movimentos corporais, meios-sorrisos e expressões faciais.

À medida em que crescia em competência e autoconfiança, a raposa foi percebendo que podia usar as palavras faladas, escritas e silenciadas para persuadir, inspirar, motivar, ensinar e orientar, mas, como o poder inebria, não foi capaz de perceber o quanto passou a gostar de usá-las para controlar, manipular, enganar e satisfazer os seus propó-

sitos. Assim prosseguiu, até que chegou o dia da consulta de retorno à coruja sábia. À medida em que a raposinha foi avançando no relato de suas experiências, a coruja começou a desconfiar de que faltava à outra saber que o aumento do poder por meio de palavras acarreta aumento da responsabilidade. Assim, o passo seguinte consistiu em reforçar os ensinamentos anteriores, colocando-a em contato com obras escolhidas de sua preciosa biblioteca. Escolheu as que continham relatos sobre as consequências do uso indevido das palavras sobre indivíduos e coletividades. Da antiguidade à contemporaneidade, fez desfilar perante os olhos da raposinha trechos exemplares de livros sagrados, mitologias, provérbios, pregações morais, discursos políticos, poemas, tragédias, biografias, escritos filosóficos e literários, bem como histórias de guerra e redenção, de conquista e capitulação de várias épocas e origens nacionais.

Ao final da empreitada, a raposa disse à coruja: “Grande Mestre, agora eu percebo o quanto a senhora estava certa quando disse que as palavras têm poder, mas que devem ser usadas com cuidado e sabedoria. Estava igualmente certa quando fez com que eu percebesse que estava usando a linguagem em meu próprio interesse, sem considerar as consequências. De hoje em diante, eu vou procurar usá-la para o Bem”.

A velha coruja sorriu e reiterou: “Lembre-se, minha cara e jovem raposa, as palavras escritas, faladas e silenciadas têm o poder de ensinar, inspirar, curar e elevar. Elas têm também o poder de iludir, destruir, ferir, desgostar, diminuir o valor do outro, escarnecer do que é bom para ele e causar sofrimento moral. Use-as com sabedoria, que elas estarão sempre a seu serviço e a serviço da felicidade

dos semelhantes”.

Assim a raposa foi em frente, fortalecida pelos ensinamentos da coruja, usando as palavras para gerar mudanças positivas no mundo. Os ecos de suas ações reverberaram pelo reino afora, dando testemunho do enorme poder da linguagem, quando usada para o Bem!

ANITA LIBERALESSO NERI é graduada em Pedagogia e em Psicologia, além de Mestre e Doutora em Psicologia pela USP. É membro fundadora da Academia Saltense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 11, cujo patrono é Odmar do Amaral Gurgel. Contato com a autora pelo e-mail: anitalbn@uol.com.br.



TEXTO ANÔNIMO

Anna Osta

“Pela maior parte da História, ‘anônimo’
foi uma mulher”,
frase de Virgínia Wolf sobre o anonimato
de mulheres escritoras na literatura

Algumas mulheres trocavam “receita de bolo”; outras, indicação de livros. Ella fazia parte do segundo grupo! Não por escolha consciente, mas por um desejo inato que ardia em suas entranhas e a impelia a ler todo e qualquer gênero de livro que lhe caísse nas mãos. Por essa razão, desde que aprendera a ler, era comum vê-la portando um livro, que não hesitava em abrir se tivesse um minuto de tempo livre, estivesse onde quer que fosse.

Essa característica de Ella não era compreendida pela maioria das pessoas de seu entorno. Sobretudo na comunidade operária em que nascera e onde seus antepassados imediatos viveram e alguns deles ainda viviam. Que utilidade poderia ter o conhecimento sobre uma horda de príncipes e reis, que seguidos por seus respectivos guerreiros, aportaram com suas naus nas areias de uma lendária cidade chamada Troia e lá permaneceram por longos dez anos, porque Páris raptou a mulher do grego Menelau? Muito mais útil para uma mulher era saber que a mistura de uma cenoura grande picada com três ovos inteiros, uma xícara

de açúcar, meia xícara de óleo e meia de leite, mais duas xícaras de farinha de trigo e uma colher de fermento, faziam um delicioso bolo de cenoura, acreditava a maioria dos moradores daquela localidade.

Apesar disso, havia um restrito e seletivo grupo de jovens mulheres que ousava resistir ao pragmatismo da luta pela sobrevivência diária, e às maledicências que rotulavam suas integrantes de “esquisitas”, reunindo-se uma vez por mês nos fundos de um armazém poeirento para falar das recentes leituras feitas e, também, indicar novos livros. Em um desses encontros a professora de Português, Irene, filha do João Quitandeiro, veio com uma ideia nova: propôs encenar um texto “anônimo”, que o grupo havia lido recentemente, intitulado O Poder das Palavras - um texto dialético, na verdade.

- Primeiramente, vamos precisar transformar o texto em um roteiro para teatro - informou a professora.

- Mas, como fazer isso, Dona Irene? - perguntou a jovem Ella.

- Todo roteiro precisa de um bom texto como base, o que nós já temos - disse a professora.

- Ainda assim - falou Ella - o texto não tem personagens. São apenas palavras...

- Tudo bem - disse a professora - Vamos transformar as palavras em personagens.

Todas as jovens olharam para ela com espanto. Como assim? Transformar uma palavra em personagem parecia algo no mínimo esdrúxulo.

- Pensei em dividir o texto de forma bem básica, ou seja, em três atos. No primeiro ato apresentaremos as características do casal protagonista: o Poder e a Palavra.

- E quais características seriam essas? - perguntou uma

integrante do grupo, sentada ao lado de Ella.

- Vamos ter de listar essas características. Não será difícil, eu trouxe um dicionário para auxiliar nesse trabalho - informou Irene.

- Que mais, professora? - perguntou outra integrante.

- No segundo ato mostraremos alguns problemas que Poder tem trazido para a vida da Palavra e como isso gera conflitos desagradáveis entre eles.

- A professora! Entendi nada - exclamou Izildinha, chocado com aquela ideia pra lá de absurda.

Irene riu e explicou para o grupo:

- Meninas, pensem que Poder é apenas o nome de um personagem masculino e Palavra, de um personagem feminino. Tipo Pedro e Patrícia. Entenderam?

Algumas cabeças balançaram em sinal de entendimento e concordância, então ela prosseguiu:

- Daí, teremos de apresentar o desfecho para esses problemas que, na verdade, será o terceiro ato de nossa peça teatral: o Gran Finale!

Ella sentiu uma comichão e falou erguendo a voz:

- Quem não sabe o que significa poder? Nem preciso olhar no dicionário para falar que Pedro, acho melhor do que chamar o personagem de Poder, é autoritário, mandão, soberano, controlador. Ele pode ser representado por um homem bem alto e forte, do tipo musculoso, com trapézios salientes, e carrancudo com sobrancelhas unidas sobre um nariz aquilino e olhos escuros como uma noite sem estrelas e...

- Calma, calma! - bradou Irene. - Antes de pensar nos estereótipos dos personagens, temos de estruturar a trama que envolve esse casal. Sem falar que você listou só as características negativas do personagem, não é Ella? E as

características positivas? Tais como aptidão, habilidade, competência, perícia.

Ella ficou pensativa. Pela primeira vez na vida se dava conta de que sempre que pensava em poder, só lhe ocorriam os aspectos opressores.

Irene prosseguiu:

- E quais seriam, então, as características da Palavra? Ou Patrícia, se preferirem...

- Palavra é emoção, sensibilidade, beleza. Pode até ser racional e ponderada, mas geralmente é impulsiva, às vezes ácida e vingativa, porém indispensável para expressar nossos pensamentos. É assim que eu interpreto esse personagem, disse Ella, recuperando-se da inércia que a observação anterior da professora tinha lhe causado, como uma mulher sofisticada, delicada, elegante, bonita! Poderia bem usar luvas e chapéu na peça, não acham?

As amigas riram com a imagem que Ella usara para construir o personagem feminino, que representaria a palavra naquele roteiro que estavam apenas começando a esboçar, através daquele *brainstorming*, instigadas pela professora.

- Mas só teremos esses dois personagens? - quis saber Izildinha.

- Podemos colocar alguns personagens secundários. Que tal usar as vogais A e O? - sugeriu Irene.

Um silêncio momentâneo envolveu o grupo. A sugestão tendia para o gênero fantasia e a dúvida silente era se funcionaria em um palco. Ou seria melhor transformar também os artigos em nomes próprios? Como que ouvindo o pensamento coletivo, Ella sugeriu:

- Tipo Alice e Oliver, amigos do casal!

- Ou filhos, contrapôs Izildinha.

- E Dália! - sugeriu a professora. - Podemos também colocar o artigo DA, no singular, dentro da peça.

- Sim! Poderia ser a avó materna das crianças. Carismática e generosa, ajudará os filhos a suplantar os conflitos entre os pais - acrescentou Ella, empolgada com a ideia de criar o roteiro de uma peça.

- Você tocou agora em um aspecto importantíssimo, Ella, falou a professora - Temos de pensar nos problemas e nas rupturas que farão os personagens se moverem de um contexto a outro entre o segundo e o terceiro atos, antes da conclusão da peça. Qual é afinal a mensagem que queremos transmitir?

Ao ouvir essa observação, Ella teve uma epifania. Poderia escrever inúmeras situações partindo apenas da sugestão de um título. Criar personagens com personalidades e características físicas. Inventar cenários e descrever ambientes. Tudo isso era empolgante demais! Era o poder que as palavras exerciam no âmago de um escritor que, através da inspiração e de muita transpiração, poderia escrever sobre qualquer tema nos mais diversos gêneros literários.

ANNA OSTA é jornalista graduada pela PUC-Campinas e escritora. É membro fundadora da Academia Saltense de Letras, da qual foi presidente no período de 2015 a 2020. A sua patronesse na cadeira nº 2 é Rachel de Queiroz, que prefaciou seu primeiro livro: Betsy. Contato com a autora pelo e-mail: annaosta@uol.com.br.



ASSALTO AO BANCO DE SALTO DA ONÇA

Eloy de Oliveira

Eu quero que achem os criminosos para ontem. Fiquem atentos a tudo e a todos. Não deixem passar nada. Devem estar na cidade. Fechamos todas as saídas.

A frase do capitão Aurélio naquela manhã mexeu com todos os policiais militares de Salto da Onça, cidade com 24 mil habitantes a 70 km de Natal, no Rio Grande do Norte. Ele era enérgico e não aceitava pouco dos subordinados, além disso estava muito irritado.

O assalto ao único banco local na madrugada fora violento e deixara um rastro de destruição. Mas o problema maior é que a polícia fora humilhada. O grupo tinha armas pesadas e incendiou o posto policial. Antes, os bandidos cercaram e acuraram os militares no seu interior.

Os policiais só tiveram tempo de sair pelos fundos, observados pelos bandidos, que riam alto enquanto os homens fardados se esgueiravam pela cerca de arame farpado do quintal do posto. Sujaram-se todos por rastejar na terra.

Ninguém morreu ou foi ferido, a não ser no ego e aquilo era o que mais doía.

- Aguenta o homem agora, disse o soldado Virgílio para o cabo Maurício. A dupla fazia a ronda na zona norte. Todos os 28 policiais de Salto da Onça estavam em rondas

por todo o perímetro e controlavam as entradas e saídas. Não era possível passar nada desapercibido por eles.

Um reforço já havia sido enviado pelo governador. Os policiais dos municípios vizinhos ficaram em alerta também.

- O dia promete - respondeu o cabo.

- E como.

- Não é só o assalto ao banco que assustou a cidade. Na minha rua aconteceu algo também surpreendente hoje de manhã - disse o cabo e depois passou a contar como tudo aconteceu ao parceiro:

- O motorista de um caminhão perdeu o controle da direção e acabou entrando na garagem do meu vizinho. Você acredita?

- Eita - disse o soldado.

- A rua ficou em polvorosa com o acidente. Nunca ninguém viu algo parecido por lá. Todos os meus vizinhos queriam saber o que aconteceu, se havia feridos, o que seria feito para a retirada. Eu também queria, mas não deu tempo por causa do chamado do capitão. Você precisava ver.

A rua onde o cabo morava e a cidade toda eram pacatas ao extremo. Tudo aquilo parecia coisa de cidade grande.

- Eu imagino, cabo. Todos nós tivemos de sair correndo para caçar esses bandidos do assalto ao banco. O dia realmente promete, mas vamos lá - disse ele acelerando a viatura ao mesmo tempo.

Quando o cabo Maurício e o soldado Virgílio viraram uma esquina em um dos bairros próximos da casa do cabo, foram surpreendidos com o choque violento de um Chevette todo enferrujado, que vinha no sentido contrário em alta velocidade.

A batida destruiu toda a frente da viatura. Os policiais acharam que ele deveria ser do bando, dada a investida contra uma viatura da polícia. Afinal, naquele trecho de rua ninguém corria daquele jeito.

Os dois saltaram do veículo sem ferimentos e foram averiguar o motorista do Chevette. Este estava desmaiado sobre o volante e com a testa cheia de sangue.

O cabo Maurício deu o alerta para a central informando do acidente e já colocando o motorista como suspeito.

Enquanto o soldado olhava atrás do veículo, já que a porta do porta-malas abriu, o cabo se afastou, depois de pedir reforço, para solicitar uma ambulância.

Nesse tempo, o motorista acordou e, tão logo percebeu o acidente, saiu do veículo e correu. Ele pretendia achar outro carro nas proximidades para continuar o trajeto.

Antes que os dois policiais se dessem conta, ele arrancou outro motorista de outro veículo e assumiu a direção. Foi quando os policiais perceberam e seguiram seu encalço, impedindo a fuga.

O homem com a testa sangrando já estava ao volante e engatava a marcha para sair do local quando os dois o cercaram. O soldado Virgílio foi para a frente do veículo com a arma em punho, enquanto o cabo foi abordá-lo pela lateral.

O dono do carro se afastou com medo.

O motorista não pensou duas vezes e jogou o carro em cima do soldado, que atirou duas vezes contra o para-brisa.

Ninguém chegou a ser ferido, mas o motor do carro morreu. O cabo retirou o motorista do veículo puxando-o pelo braço.

- O senhor está preso.

- Eu não posso ser preso, policial - respondeu o homem, esquivando-se dele.

Virgílio o cercou do outro lado.

Ele não demonstrava intenção real de fugir, mas estava agitado demais para que eles acreditassem nisso. Por essa razão, o soldado tratou de tentar algemá-lo enquanto o cabo apontava a arma a ele.

A situação não intimidou o suspeito.

Ele e o soldado entraram em luta.

O cabo guardou a arma. Não podia atirar e ferir acidentalmente o colega. Em seguida, partiu para o enfrentamento físico, também, na tentativa de conter o suspeito.

Quando viu que seria vencido, o homem tentou argumentar com os policiais:

- Eu não posso ser preso. Minha mulher está dando à luz. Eu preciso levá-la ao hospital. Estava indo para lá quando vocês entraram na minha frente.

- Calma, cidadão. Já chamamos uma ambulância. Vai ficar tudo bem. Mas o senhor não pode sair daqui. Houve uma batida grande contra a nossa viatura. O senhor provocou esse acidente. Não nós. E agora tirou o veículo de outra pessoa - disse o cabo Maurício com autoridade.

- O senhor não entende. É o meu primeiro filho. A Dirce está com medo. Ela está de sete meses. O parto não era para agora. Foi por causa do caminhão que ela se assustou. Eu não posso ficar aqui.

- Que caminhão?

- Um caminhão entrou na garagem da minha casa. Destruiu tudo. Ela estava dormindo. Eu trabalhei à noite.

- Então o cidadão é meu vizinho - deduziu o cabo.

- Seu vizinho?

- É, eu moro ao lado da sua casa. Estava saindo para trabalhar quando vi o acidente. Não pude ajudar, porque estamos com uma prioridade maior. Não sabia que sua mu-

Iher estava grávida. Nem minha mulher.

- Puxa, não sabia também. Prazer, eu sou seu vizinho. Mas me deixe ir. A Dirce tem só 16 anos. Ela está com medo.

- Não vamos deixar você ir. Vamos junto com você lá. Fique calmo.

As algemas foram dispensadas.

O cabo Maurício foi ao lado do soldado Virgílio, que foi dirigindo, e o vizinho entrou atrás, muito nervoso com a situação.

Não demorou para chegarem.

Estavam próximos da casa quando houve o acidente em que se envolveram.

Antes de deixarem o local do acidente, encarregaram o homem que era dono do veículo onde estavam agora de ficar esperando o reforço da polícia e redirecionar a ambulância que viria.

Quando chegaram à rua onde o cabo e o vizinho moravam, foram recebidos a tiros.

Os disparos partiam de dentro da casa do vizinho, entre os escombros da garagem.

Ao olhar para trás, assustado com a recepção, e tentar saber o que estava acontecendo, o cabo foi surpreendido.

O vizinho não estava mais no banco de trás. Havia descido durante os tiros, provavelmente, e eles nem perceberam.

- O homem é maluco. Deve ter descido para salvar a mulher - comentou o cabo.

Em seguida, o cabo ligou para a sua mulher e disse para ela se esconder, pois estavam sendo feitos disparos no vizinho.

Os policiais pediram reforço para aquele local agora, enquanto se abrigaram atrás de um carro parado próximo para se protegerem dos disparos.

De repente, os dois começaram a escutar tiros disparados no interior da casa.

Agora não eram mais contra os policiais os disparos. Estava havendo alguma coisa dentro da casa e eles precisavam agir, pois havia uma mulher grávida lá.

Na tentativa de salvá-la, o cabo Maurício e o soldado Virgílio se esgueiraram pela lateral oposta à casa do cabo, onde havia um terreno baldio e conseguiram ver a mulher grávida correndo pelo corredor para acessar um portão lateral.

Eles estavam bem ao lado do portão.

A mulher saiu assustada. Era uma menina ainda. Parecia ter menos de 16. Os policiais foram ao seu encontro.

Atrás dela vinha o vizinho com a testa ainda sangrando e uma arma na mão.

- Onde conseguiu essa arma? O que está havendo lá dentro? - indagou o cabo.

- Corra, vizinho, corra. São bandidos. Estão atrás de nós. Eu preciso salvar a minha mulher e o bebê, por favor.

- Claro, claro - disse o cabo - Virgílio, leve a moça para o carro. Eu dou proteção - disse e começou a atirar contra os bandidos que estavam saindo da casa.

O soldado, o vizinho e a mulher correram para o carro em que os policiais tinham vindo. Entraram e saíram. Virgílio só parou para o embarque do cabo.

Depois, saíram em disparada em direção ao hospital, que ficava em uma das saídas da cidade e onde o acesso estava sendo controlado por outros policiais.

Os homens de dentro da casa saíram atrás dos policiais

e do casal de vizinhos.

A mulher chorava desesperada.

- Calma, meu amor. Vai dar tudo certo. Esses são nossos vizinhos.

- Nós não, só o cabo - disse o soldado.

- Prazer, sou sua vizinha - falou Dirce.

- Prazer - respondeu o cabo - Que hora para nos conhecermos, não é?

O cabo deu um sorriso amarelo e imediatamente foi alertado pelo soldado:

- Cabo, os bandidos estão atrás de nós.

O cabo contou a situação pelo celular aos policiais que estavam na barreira perto do hospital e pediu que tentassem segurar os bandidos assim que ele, cabo, e os outros passassem pelo bloqueio.

Quando o veículo dirigido pelo soldado Virgílio passou pelo bloqueio, os outros policiais começaram a atirar contra o carro que vinha atrás deles. Os bandidos pararam e começaram a atirar de volta.

Virgílio já fazia o contorno para acessar o hospital, quando sentiu o cano do revólver do vizinho do cabo, que estava com a mulher no banco de trás, encostar na sua nuca, mostrando o calor ainda dos disparos que ele havia feito na casa.

- Não vá ao hospital - o vizinho disse.

- Como não? Sua mulher precisa do médico. O que está fazendo? Enlouqueceu?

- Dirce, pegue as armas deles. Não tentem nada, senão explodo os miolos de vocês - disse ainda com a arma na nuca.

Os policiais não estavam entendendo ainda, mas entre-

garam as armas. A mulher agora não chorava mais.

O soldado foi obrigado a conduzir o carro até um matalgal e os dois tiveram de descer. Caminharam até uma construção abandonada. Enquanto a mulher apontava a arma para eles, o vizinho os algemou juntos e, depois, a um cano de ferro da velha construção, que ele parecia conhecer bem.

Em seguida, a mulher tirou a barriga da gravidez, abrindo o vestido, e lá havia muito dinheiro. Ele estava dentro de bolsas que tinham sido presas ao corpo dela.

Os policiais foram obrigados a se despir. Ficaram apenas de cuecas.

O casal de vizinhos do cabo fez uma trouxa com as roupas dos policiais e os dois envolveram todo o dinheiro.

Depois fugiram.

Levou até a tarde para que o cabo e o soldado fossem resgatados.

Só então ficaram sabendo que o casal vizinho do cabo era o chefe da quadrilha que assaltou o banco. Os dois enganaram os outros bandidos e tentavam fugir quando a quadrilha jogou um caminhão contra a casa onde estavam.

A mulher tinha embalado o dinheiro no corpo para se fingir de grávida. Os dois iriam usar a falsa gravidez para passar pelo bloqueio. Quando o bando jogou o caminhão sobre a casa, ela se escondeu em um buraco abaixo do piso, nos fundos, uma rota de fuga disfarçada e planejada.

O homem atirou contra os outros bandidos e fugiu pelo portão lateral da casa, roubando o Chevette que dirigia.

Ele saiu em disparada para tentar escapar, levando a quadrilha a persegui-lo. Achava que tinha conseguido quando bateu sem querer na viatura da polícia. Os outros bandidos desistiram da perseguição e voltaram para achar a mulher na casa.

O curioso é que a quadrilha se reuniu na casa ao lado da casa do cabo para planejar o assalto durante três meses. Os encontros eram sempre regados a churrascos, bebidas e muita música alta.

Nem o cabo sabia dos bandidos, nem os bandidos sabiam do cabo.

NA: A cidade de Salto da Onça enfocada na história é fictícia, mas existe uma cidade no Rio Grande do Norte conhecida como Santo Antônio do Salto da Onça.

ELOY DE OLIVEIRA é graduado em Jornalismo, com Especialização em Gestão de Crise, além de escritor e gestor de marketing. Desde 2015 é titular da cadeira nº 31 na Academia Saltense de Letras, cujo patrono é João Cabral de Mello Neto. Contato com o autor pelo e-mail: eloydeoliveira@gmail.com.



PALÍNDROMO

Jean-Frédéric Pluvinage

Aurélio virou uma cerveja. Não é uma situação confortável virar uma cerveja. Você entra em estado líquido, seu cabelo se torna espumoso e tudo ao seu redor adquire uma coloração dourada. Mas eu só podia culpar a mim mesmo. E as palavras.

*

Há quinze minutos atrás, eu, Aurélio, em minha forma demasiadamente humana, estava tomando todas no bar, um escape depois de horas de estudo das artes ocultas, *Ars Magica*, ou magia para os leigos. Era uma vida difícil a de aprendiz de feiticeiro. Livros e mais livros, códigos a serem decorados. Palavras de poder: o domínio de todas as palavras que em si contêm o domínio da própria realidade.

Uma rosa com qualquer outro nome teria o mesmo cheiro doce, disse o bardo de Avon. Balela. Talvez um dia a rosa mude de nome, mas neste exato momento, neste exato lugar, ela é chamada de rosa. Esse é o poder e o limite dos magos. Cada palavra tem poder desde que ao menos uma pessoa que receba a palavra entenda o seu sentido. E eu sou péssimo para explicar sentidos. Ah, e neste momento, sou uma cerveja... Já não faço sentido. Retornemos de novo ao passado.

*

Ana era o seu nome, e era bela como uma rosa. Nunca entendi porque havia escolhido um nome tão simples. Como uma maga iniciante, seu nome de poder podia ser o que ela quisesse: Ísis, Atenas, Iansã, Yacy... As mais poderosas entidades. Apenas Ana. Ana bastava. Mas foi uma aluna exemplar, e comigo aprendeu o segredo das palavras. Isso há um ano. Foi um aprendizado fugaz assim como nosso romance. Tinha dificuldades em entender os sentidos das palavras, transformava-as à sua vontade e alterava tudo o que eu tentava fazer. Eu dizia rosa e ela entendia pedra, ou vice-versa. Ela dizia que fazia sentido para ela. E tudo bem ser assim: a magia era algo aberto. Eu não entendia dessa maneira. Tinha me tornado tão ranzinza e duro como meu antigo mestre?

*

Pare de dar tantos sentidos às palavras, dizia Lácio, velho arqui-mago das rosas. Quando o conheci, eu ainda usava meu nome comum. E por ele aprendi o caminho da verdadeira magia. Ele conduziu meu aprendizado, mas com impaciência... Você é um mago, não um poeta. Tem de ser preciso, sem margem para dúvidas. E ele, com seu conhecimento cabalístico de poderoso rabino, escrevia sacralmente apenas uma palavra em uma estátua de barro: ela então se movia por si só. Um golem, animado pela palavra *Emet*, “verdade” em hebraico.

Mas o aluno não tinha a obsessão semântica de seu professor. Lácio seguia a cabala, que tinha alto apreço pelos números e a exatidão matemática. O mestre das rosas, autoritário, me batizou de Aurélio, na esperança de que se-

guisse um caminho mais dogmático e pétreo da magia. Nomear alguém é dotá-lo de significado. Mas não adiantou: revoltei-me, abandonei os estudos acadêmicos, tornei-me autodidata, acreditava que podia haver magia na pluralidade dos sentidos.

A magia não precisava ser um código: deve haver uma magia de múltiplos sentidos, de camadas profundas, uma magia aberta em que cada pessoa presente pode interpretar cada palavra a seu modo... Cada junção de fonemas tendo um significado que só faz sentido no lugar e no tempo em que eu crio essa palavra. Dessa forma sem forma e desse molde sem molde, a palavra que antes era prisão, uma lista pétrea e definida, um dicionário, se torna uma rosa em minha mão. Eis a rocha que ganha vida. Meu golem. O milagre alquímico. Tenho o poder até mesmo nas palavras inventadas, nas que nunca foram ditas.

*

Filgegstengnetsgeglif. Estagirotamatorigatse. Tertopinopeleponipotert

*

Era um jovem repórter, mal saído da faculdade, mas queria ser romancista. Tamanha era a soberba da juventude: queria dominar o mundo pelas palavras bonitas, e não a crônica fria do dia a dia. E ficava no bar imaginando o grande romance que viria. Enviei um texto a amigos e colegas literatos. Um deles viu potencial em mim. Lácio ainda não tinha as barbas brancas, nem a falta de paciência. Logo me instigou a ver o poder nas palavras e me iniciou nas artes ocultas. Isso há vinte anos atrás.

Mas por que estou me remoendo tanto, sempre indo em direção ao passado? Espere, vamos mudar o sentido... Voltar de trás pra frente.

*

*Estagirotamatorigatse. Tertopinopeleponipotert. Filgegs-
tengnetsgeglif*

*

Rejeitei o dogmatismo das minhas aulas, abandonei os ensinamentos do arquimago. Em um apartamento imundo, longe de tudo e de todos, eu olhava para uma pedra e tornava-a uma *pengrateretargnep*. O efeito ainda era fraco. Fitava uma vassoura, dizia uma proparoxítona escabrosamente polissílaba e aquele objeto ganhava vida. Mal limpava a área de serviço, depois, cansado, o *xolazenezalox* já caía sem vida no chão, voltava a ser vassoura. O que faltava para alterar a realidade, torná-la maleável à minha vontade? Talvez essas palavras só fizessem sentido para mim mesmo e, por isso, só conseguia alterar meu próprio universo.

Sim, era preciso alguém que pudesse receber esses múltiplos sentidos. Não adianta fazer arte apenas para si mesmo. De iniciado me tornaria mestre e faria um novo aluno compreender as minhas palavras: elas teriam ainda mais poder.

*

Bela como uma rosa, Ana era o seu nome. Ana bastava e era apenas Ana. Era romancista, mas queria largar tudo para fazer jornalismo. Não nos entendíamos no começo. Mas ela aprendia rapidamente a *Ars Magica*. Ria das pala-

vras que eu inventava. Dizia que eram longas demais, difíceis demais. Suas palavras mágicas eram simples, vulgares, comuns. Tentava ensinar a ela os sentidos das minhas palavras, ela tentava ensinar os sentidos das palavras dela. Virava um monólogo a dois, cada um em sua direção. E, apesar disso, ou talvez por causa disso, extrapolamos os limites de mestre e iniciado. Dividíamos a mesma cama, os mesmos sonhos. Mas os sentidos continuavam opostos. Talvez nunca tenha dado espaço para que ela desse sentido às minhas palavras, e vice-versa. O amor deu lugar ao silêncio, a rosa voltou a ser pedra. Nos separamos.

Eu voltava para meu apartamento imundo, *xolazenezalox* no chão. Disse simplesmente *vassoura*, aquilo se levantou, varreu a sala com perfeição e pousou delicadamente aos meus pés.

*

Quinze minutos atrás, domado por mil frustrações, Aurélio entrou no bar e começou a beber várias. Várias cervejas, diga-se de passagem, pois não era fã de omitir palavras. Elas têm poder, mesmo escondidas. Olhou para o garçom com o olhar turvo e pediu um *trovaroravort*. Para seu espanto, o garçom deu uma piscadela e trouxe a cerveja que pediu. Pediu novamente com outra palavra de poder, e outra, e outra, e outra e mais outra. E o garçom sempre entendia. Teve uma epifania. Podia usar qualquer palavra e o sentido era sempre o mesmo. Havia dominado as palavras que sempre buscara em vão. Agora era senhor da realidade.

*

Como um aprendiz de feiticeiro soberbo, Aurélio per-

deu o controle. Já não sabia a diferença entre palavra e realidade. Entre significante e significado. Olhava o garçom que virava um menino que virava um garçom. Olhava para o relógio e logo Cronos estava ao seu lado, com um pêndulo. O mapa é a cidade e a cidade é o mapa. Nem mesmo os pensamentos, as palavras não faladas, escapavam. Tudo dava voltas em torno de si, como o *ouroboros* místico. Criou o seu próprio labirinto e afogou-se nele.

Pensava em objetos simples e eles apareciam ao seu redor. Pensava em sentimentos e ele os sentia como se viessem dele. Pensou na Ana, a bela rosa, e ela apareceu ao seu lado, ora como Ana, ora como rosa. Não havia mais intermediação, tudo o que era pensado era concebido, tudo o que podia ser concebido já era pensado.

Aurélio percebeu que as palavras não dão sentido à realidade. Elas apenas criam a sua realidade particular. Desesperado, decidiu virar uma cerveja. Literalmente. E se encontrou em estado líquido.

JEAN-FRÉDÉRIC PLUVINAGE é professor e empresário do ramo editorial. É graduado em Jornalismo e em Design Gráfico, além de Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp. Desde 2018 é titular da cadeira nº 26 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é o filósofo Sócrates. Contato com o autor pelo e-mail: jean@foxtablet.com.br



OS TRÊS COPOS D'ÁGUA

João Milioni

Ao longo dos séculos, a humanidade produziu uma grande quantidade de provérbios, frases e ditados que, às vezes, mesmo tendo sentido dúbio ou até tendo sua interpretação trocada no decorrer de suas épocas, causaram e causam, até os dias atuais, uma gama enorme de sentimentos, sejam eles de alegria, de felicidade, de medo, de apreensão, enfim, até hoje impactam a vida das pessoas por ultrapassarem as linhas do tempo, por seu significado que se mostra atemporal e indiferente a todas as modernidades construídas pelo ser humano. Porém, em sua grande maioria, esses provérbios indiferentes ao tempo não possuem um selo de origem, ou seja, ninguém sabe de onde surgiram, como começaram, apenas que existem e estão aí para quem quiser fazer uso.

Mas, o que dizer de outras fontes inspiradoras e impactantes quando delas sabemos a origem? O que dizer dos feitos atemporais dos grandes nomes que cravaram sua genialidade na história do nosso planeta? São simplesmente fascinantes! E, pelo fato de assim o serem, fui buscar no imaginário, uma grande e extraordinária viagem no tempo, apenas e tão somente para um pleno exercício de entendimento de mim mesmo, se pudesse estar cara a cara com pelo menos uma dessas maiores e mais brilhantes mentes de todos os tempos.

Então, entre tantos grandes nomes da história da humanidade, considere alguns aspectos que os diferenciavam e escolhi apenas um. E, com esse único escolhido, me predestinei a encontrar nos recantos da minha imaginação e por que não, quiçá espiritualmente, frente a frente para degustar um sonho impossível, mas maravilhosamente encantador.

Parte dos adeptos da literatura contemporânea mundial se espantou, e outra parte entrou em êxtase, quando o escritor J.J. Benitez lançou seu espetacular best-seller intitulado Operação Cavalo de Tróia, no qual narra uma grande viagem no tempo e, supostamente, um personagem do seu livro que, por meio de um experimento secreto da NASA, consegue transpor as barreiras do tempo e voltar para época em que Jesus Cristo vivia seus últimos dias nesta Terra. Mais intrigante que a narrativa da grande aventura intertemporal, foi a afirmação do autor de que tudo aquilo era verdade. Acredite quem quiser!

Por coincidência, nessa mesma época eu tinha acabado de ler um extenso estudo totalmente baseado nas potencialidades da água, nosso fluído universal. Fluído que está presente em tudo e é o motivo principal da nossa existência. Está tanto em nossos corpos quanto na terra que habitamos. É imprescindível em todos os aspectos, simplesmente porque sem água não há vida. Muitos acreditam firmemente que ainda não sabemos, ou não conseguimos entender o poder que emana da água ou que nela está contido. Lembremos que João Baptista ungiu Jesus Cristo nas águas do rio Jordão e muitos outros acontecimentos de expressiva simbologia espiritual aconteceram com a utilização da água. É muito comum, hoje em dia, assistirmos cultos religiosos nos quais a água é utilizada para dar sentido a todos

os pedidos de proteção, de bênçãos, de cura, ou seja, é o meio utilizado como ponte, como elo de ligação entre o real e o imaginário.

E foi assim que me aprofundei em diversos outros aparatos teóricos que se entrelaçavam em vertentes que continham afirmações não científicas, mas que apresentavam vários elementos importantes que apontavam para o acontecimento de fenômenos inexplicáveis, diretamente relacionados à água e, também, aos campos magnéticos da Terra. Num deles, o objetivo principal era comprovar os fenômenos relatados no espaço compreendido pelo chamado Triângulo das Bermudas, onde a posição dos campos magnéticos da Terra e aquele ponto específico do oceano supostamente abririam uma fissura no tempo, criando uma espécie de portal quando a junção de fatores entre os elementos água, terra e campos magnéticos formassem um triângulo perfeito em relação ao espaço, fazendo com que pessoas e objetos fossem transportados ou sugados através do tempo por esse tipo de portal. Porém, esses estudos nunca foram cientificamente comprovados, apesar de receberem diversas defesas de alguns estudiosos que acreditam na tese de que essa é uma anomalia intertemporal possível de acontecer.

A forma geométrica do triângulo, a água e o magnetismo da Terra passaram a ser os elementos principais da grande loucura que havia se instalado em minha cabeça. Eu precisava criar condições supostamente idênticas para interagir com as ondas cerebrais que emanamos quando atingimos os mais profundos estágios de concentração e meditação, visando ao equilíbrio perfeito entre o corpo, a mente e o etéreo. Eu sabia que fisicamente não poderia me transportar para qualquer outra época, mas mentalmente

talvez fosse possível, se eu conseguisse as condições necessárias entre todos os elementos dessa cadeia de energia.

Resolvi usar o galpão existente nos fundos da minha casa para idealizar o meu experimento que consistia basicamente na formação de um grande triângulo com três barras de ferro de dois metros de comprimento, cada uma delas com um ímã acoplado nas extremidades, de forma que os polos invertidos promovessem uma espécie de corrente entre os vértices do triângulo, e, na parte interna de cada um dos três vértices, acoplei uma vasilha de metal cheia de água. Sendo a água e os metais bons condutores de energia, e os ímãs formando o campo magnético, dei como pronto meu experimento. Coloquei uma maca de lona sobre a base triangular e aguardei até o final do dia.

Era verão. Fiquei deitado naquela maca sob a luz do luar naquela noite, olhando para o infinito e esperando que alguma coisa acontecesse. E é claro, eu acreditava que meu experimento estava literalmente dentro dos parâmetros técnicos para que houvesse algum tipo de atividade extrasensorial.

Mais três dias se passaram e eu percebi que, a cada dia, eu tinha que repor um copo de água em cada uma das extremidades do triângulo. Não conseguia entender como aquilo podia ter acontecido, como três copos de água haviam evaporado em tão curto espaço de tempo, mas, ao mesmo tempo, esse fato inconclusivo alimentava minha imaginação de que alguma coisa estava acontecendo. Eu só não sabia entender exatamente o porquê! Era estranho, mas era gostoso saber que havia alguma coisa no ar todas as vezes que eu percebia que tinha que repor os três copos de água.

Depois de praticamente uma semana, quando eu já es-

tava desistindo da minha loucura, as coisas tomaram outro rumo. Numa daquelas noites abafadas, com o céu límpido e brilhante, adormeci sobre a pequena maca e só acordei quando senti uma sensação de tremor debaixo de mim. Abri os olhos sem me mexer, estava com uma forte sensação de náusea. Tentei levantar, com receio do que estaria acontecendo e vi que não estava mais na minha casa.

Percebi que estava sobre um tipo de solo seco, empoeirado, e uma brisa gelada me envolvia como se eu estivesse numa daquelas câmaras frias utilizadas pelos grandes frigoríficos. Caminhei pelo estreito caminho à minha frente onde algumas casas antigas, quase todas com bases sobre grandes rochas, lançavam suas sombras para frente, dividindo os raios de sol que vazavam das fendas entre elas. Havia pessoas nas pequenas ruas e nas casas, mas percebi que elas aparentemente não notavam minha presença. Fui ao encontro daquilo que parecia ser uma espécie de escadaria que prenunciava um tipo de templo em sua estrutura posterior. Aproximei-me mais e, dentre alguns que ali estavam e conversavam entre si, avistei-o. Lá estava ele. O grande nome escolhido por mim; e era grande também o seu tamanho. Fitei-o mais detalhadamente e praticamente não tive dúvidas de que havia conseguido meu intento. Aquele homenzarrão de ombros largos, vestido com uma espécie de toga de algodão branca com alguns detalhes de cor vinho escuro, um tanto quanto surrada pelo uso, estava sentado num daqueles degraus de pedra, com olhar agudo apontado para o horizonte, como se estivesse sendo retratado numa tela a óleo.

Naquele instante tive certeza que eu só poderia estar na Grécia antiga, mais precisamente no chamado berço da origem da democracia. Aquilo era Atenas! Ao mesmo tem-

po em que eu duvidava e me perguntava se aquilo estava realmente acontecendo, em alguns instantes, por meio do meu projeto imaginário eu estaria a poucos passos do mais famoso discípulo de Sócrates, frente a frente com um dos maiores expoentes da incrível escola filosófica que transcendeu todas as fronteiras possíveis. Aquele era o momento para refletir sobre o que dizer ao defensor de gênios da humanidade através do Mito da Caverna.

Respirei fundo e fiz minha viagem interior, trabalhei todos os recantos da minha imaginação. Concentrei-me ao máximo até sentir a brisa dos pensamentos que haviam me transportado para os primórdios da antiga Grécia, lar eterno dos grandes da filosofia e daquele gigante postado à minha frente.

Cheguei mais perto e senti que, mesmo sem me olhar, ele percebeu minha aproximação e, com um gesto simples de corpo, virou-se para mim, mas não olhou nos meus olhos, ficou com a cabeça baixa como quem está olhando para o chão. Meus sentidos estavam aguçados, eu parecia estar envolto por uma onda de energia que faiscava ao meu redor. Olhei para aquele homem e percebi que ele estava sentindo a minha presença ali.

Eu não havia estudado o idioma grego, mas naquele momento percebi que o que acontecia ali era uma comunicação telepática através das ondas de energia que emanava dos nossos corpos. Ele continuou com a cabeça baixa como se estivesse olhando para o chão, mas fez um pequeno movimento afirmativo com a cabeça, e parecia estar me escutando sem saber de que forma aquilo estava acontecendo. Então, ao perceber que, de certa forma, eu havia conseguido uma conexão, disparei minha primeira pergunta sem antes me preocupar em deixar que ele soubesse quem e de

onde era eu.

Comecei a esboçar as primeiras palavras que pareciam ecoar na bruma que me envolvia, levantando aquela poeira de faíscas cintilantes que me rodeavam como se fosse um escudo enigmático e invisível. Puxei o ar bem fundo e falei:

- De onde eu venho, a história mostra que seu maior desejo sempre foi estimular a fé na razão. Que o mundo que percebemos é ilusório, e que a verdadeira razão está no mundo espiritual. Como podemos explicar o fato de que, mais de dois mil anos depois dessa afirmação, o mundo contemporâneo em que vivemos dissocia cada vez mais a razão da emoção, e o mundo espiritual da verdade absoluta?

A resposta veio rápida e precisa; o gigante mexeu vagarosamente sua cabeça e olhou para a direção em que eu estava, como se quisesse que eu percebesse sua reação. Como se fosse um alerta de quem não enxergava, mas conseguia sentir que estava diante de alguém ou de alguma coisa que estava invisível aos olhos, mas não aos seus instintos. E então vociferou com voz grave:

- Se estás aqui agora, não há como dissociar a razão da emoção. Sua fé o trouxe para cá. Essa é a verdade do mundo espiritual.

Inacreditavelmente, já acreditando que estava conseguindo, mesmo que através da mente, através da telepatia, conversar com ninguém mais, ninguém menos que Platão, mal consegui assimilar o significado de sua primeira resposta, e já emendei outra pergunta:

- Se a palavra lançada é um fármaco e ela pode agir tanto como um remédio quanto como um veneno, dependendo da forma como é usada, qual é a melhor maneira para usá-la?

Senti que o gigante franziu a testa e, sob o chiado da bruma forte e arenosa que passava entre nós, disparou em tom sereno:

- Sempre de forma positiva para os outros e verdadeira para você.

Dessa vez me aquietei por alguns instantes e procurei refletir sobre a resposta recebida para a minha pergunta.

Na verdade, eu estava atônito, numa mistura de êxtase e choque. Aquilo tudo estava acontecendo ou eu estava tendo um sonho, um devaneio? Comecei a questionar aquele momento, mas, logo me recompus e voltei minha atenção para aquele espectro que emoldurava a figura do gênio à minha frente. E novamente indaguei:

- Você afirmou que existem apenas três tipos de caráter. O concupiscível, o irascível e o racional. Não podemos considerar que, além desses, também existe o caráter sincrético?

Percebi que o gigante suspirou profundamente, levou as mãos ao entorno de suas têmporas grisalhas, balançou levemente sua cabeça de um lado para outro como se estivesse reprovando aquela minha última parte da pergunta e respondeu sem pressa:

- O sincretismo é como a poeira sobre a rocha. A força do vento que a deposita é a mesma determinante que a carrega. Hoje pode ser menos, amanhã pode ser mais, mas nunca será o necessário para formar o verdadeiro caráter de alguém.

Platão ainda estava falando quando comecei a perceber que meus pés estavam ficando dormentes, estavam formigando e aquela sensação parecia estar lentamente subindo pelo meu corpo. Notei que meus braços também começaram a pesar e minha voz estava mais abafada pela espessa

bruma que estava agora girando no sentido anti-horário no meu entorno. Vi que o gigante se levantou, dando sinais que também estava sentindo que alguma coisa estava acontecendo. Então, mais que depressa, senti que naquele instante talvez eu estivesse fazendo uma última pergunta e me esforcei para tentar ficar no seu campo de visão frontal. As faíscas brilhantes aumentavam e giravam cada vez mais rápido. A poeira se misturava naquela nuvem que me envolvia e parecia prenunciar alguma coisa. Senti que poderia estar lançando minhas últimas palavras ao encontro daquela figura fantástica. Então, falei novamente:

- O verdadeiro sentido de viver dignamente está em deixar que o amor dirija sua vida?

Em pé, no alto de um daqueles degraus de pedra rústica, o gigante que parecia ainda maior e mais impressionante, fitou a bruma poeirenta que me envolvia, como se estivesse procurando o cerne daquele redemoinho, e com palavras firmes sentenciou:

- Acredito que não demorará muito, até que alguém que por aqui passar esteja mais preparado para ensinar mais e melhor sobre essa energia genuína que tem o amor como seu propulsor universal. Ele se propagará com força e atravessará todas épocas da humanidade.

No mesmo instante não pude deixar de pensar que ele poderia estar falando do futuro, falando de Jesus Cristo! Senti que meu corpo estava se desligando daquele momento e daquele lugar, tudo estava ficando mais pesado, mais denso e praticamente impossibilitando meu campo de visão. Tinha a sensação de estar flutuando, mas ao mesmo tempo aquela energia que me rodeava parecia exercer uma pressão contrária, fazendo com que as faíscas aumentassem cada vez mais.

Eu estava saindo dali, estava indo embora. E, num último esforço, olhei para o gigante postado poucos metros à minha frente e com muito esforço balbuciei.

– Isto está acontecendo? Está acontecendo?

A última coisa que me lembro de ter visto foi aquela figura imensa esboçar um pequeno sorriso e acompanhar com o olhar aquela nuvem que rapidamente me tirava dali e me trazia de volta para o lugar de onde eu havia saído.

O céu, carregado de nuvens poderosas, iluminava suas várias faces com relâmpagos e raios que cortavam o espaço como cicatrizes acompanhadas por potentes trovoadas que ecoavam seu tom grave, fazendo vibrar as vidraças perto de mim.

Notei que estava novamente sob o galpão. Eu estava suado e muito ofegante. Parecia que tinha corrido uma maratona, pois uma sensação de cansaço tomava conta do meu corpo. Estava atônito, tentando alinhar meu raciocínio, tentando compreender e entender tudo à minha volta. Olhei para as extremidades daquele triângulo imantado sob a pequena maca e as vasilhas de metal estavam praticamente secas. Coloquei a mão numa delas e senti que estavam quentes, assim como as extremidades dos vértices. Vi o céu aumentando aquela chuva e a tempestade trazendo ainda mais incidência de raios por todos os lados que eu olhava. Tive medo e resolvi sair dali e entrar em minha casa.

Estava me sentindo sujo, suado e empoeirado, tudo ao mesmo tempo. Entrei no banho e deixei a água do chuveiro cair quente e abundante sobre mim. Fiquei pensando em quantas vezes eu já tinha lido sobre Platão. Sobre sua obra “O banquete” e a vertente poderosa do amor, sobre a influência de Sócrates, sobre os tipos de caráter vaticinados por ele e pela época em que vivia, sobre a fé, a razão e o mundo

espiritual, sobre tantos dizeres e frases de efeito que atravessaram séculos e ainda são o que são e, sobretudo, sobre o poder das palavras que movem os homens, as almas e o mundo.

Meu estado de êxtase era tão avassalador que eu não tinha certeza de absolutamente mais nada. Tudo aquilo era verdade? Tinha mesmo acontecido? E aquela sensação única, por estar perto dele e sentir sua reciprocidade? O que era afinal tudo aquilo? Eu estava simplesmente sonhando com uma história maluca que eu havia colocado na minha cabeça?

Não consegui achar resposta para nenhuma das minhas perguntas. Então sentei, aguardei a chuva e a tempestade passarem e fui buscar mais três copos d'água.

“Tente mover o mundo, mas comece movendo a si mesmo.”

Platão

JOÃO CARLOS MILIONI é graduado em Administração de Empresas. É autor de “A brilhante amizade” (1999); “O compadre de João Carrasco”, peça teatral (2000); “Planeta Mãe”, (2001); e “Obstinado” (2012).

É membro da Academia Saltense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 21, patrono João Guimarães Rosa.



A COLECIONADORA

Marilena Matiuzzi

Desde muito pequena a característica mais marcante de sua personalidade era a curiosidade. Tudo lhe interessava muito. Gostava de descobrir coisas novas o tempo inteiro.

Observava com vivacidade as pessoas e, com pouco mais de um aninho, já se comunicava à perfeição com todos à sua volta.

Em cima de sua cama, na parede, havia um quadro emoldurando uma oração, que foi presente de um amigo da família quando ela nasceu. A seu pedido sua mãe lia, todas as manhãs, aquela prece. Não foi tarefa extraordinária associar as palavras impressas no quadrinho com as palavras que saíam da boca de sua mãe que, em razão da repetição diária, as sabia de cor e salteado.

Em consequência, por volta dos 4 anos de idade, a menina lia tudo: jornais, revistas, anúncios. Ninguém conseguiu decifrar como aquele fenômeno havia se dado.

E, logo depois que leu as primeiras frases nos jornais e livros, quis colecionar palavras, como quem coleciona preciosidades.

Tornou-se assídua em procurar novas palavras para acrescentar à sua coleção e o encontro de algumas lhe causou verdadeiro encantamento, como quando descobriu as palavras com “ch”.

Gostou do som que esse dígrafo fazia escapar, entre os dentes: chuva, chuvisco, chapéu, chuveiro, riacho, tchau. Pareciam chiados. Inventou várias frases engraçadas com sequências aleatórias de palavras com som de cha che chi cho chu e se divertiu muito com aquela brincadeira.

Não demorou muito para escrever as palavras que mais lhe agradavam dentre as que colecionava, mas não em escrita cursiva, pois nunca havia aprendido, e tampouco de forma sequencial nas linhas de um caderno, porque não o tinha. Escrevia do seu jeito. Dizia que “desenhava as letras”. Os desenhos se tratavam, na verdade, de um método pessoal que ela inventou para transformar as palavras naquilo que elas significavam. A palavra “chuva”, por exemplo, que era sua preferida, teve suas cinco letrinhas replicadas aos montes e transformadas em pingos de água caindo do céu em uma folha de papel que havia sido trazida da padaria com o pão enrolado nele.

Ficou tão lindo aquele desenho da chuva de letrinhas do tamanho de gotinhas d’água, que ela não controlou seu desejo de torná-lo permanente e o reproduziu na parede ao lado de sua cama. O pedaço da parede que ficava quase colado ao colchão era julgado por ela um lugar desconhecido de todos os outros moradores da casa. Ali, com cavoucadas feitas com a ajuda de um prego, ela reproduziu a chuva que havia feito antes no papel de pão. Nas horas seguintes, acrescentou um homem debaixo daquela chuva, com um chapéu e um guarda-chuva; mais tarde fez uma casinha aberta onde se podia ver um chuveiro pingando água e, por fim, fez um riacho com crianças brincando nele. E, assim, aquele pedaço de parede ficou repleto de desenhos lindos, onde o traço de cada personagem foi feito de palavrinhas

que os designavam e que chiavam. Poderia ter no mundo algo mais lindo do que aquilo?

Passou horas ali, em êxtase puríssimo, admirando aquelas imagens e sonhando com a história criada com as palavras: chuva, guarda-chuva, chapéu, chuveiro e riacho.

No dia seguinte, quando começou a se acostumar com o sentimento de alegria pelo que tinha feito, passou a pensar em outras palavras bonitas para desenhá-las. Só precisava descobrir um lugar secreto em alguma parede, porque aquele episódio lhe fez entender que felicidade secreta dispara o coração de um jeito travesso e com gosto de “quero mais”. Talvez ao lado da cama da irmã mais velha, mas ela iria descobrir facilmente, então, era melhor que não fosse lá. Quem sabe atrás da mesa de cabeceira que ficava ao lado de sua cama, mas era pesada para afastá-la e atrás de um móvel, as palavras não teriam como ficar felizes. Talvez lá fora, na parede do quintal, perto do pé de manacá, ou dos pés de rosas?

Antes de encontrar o lugar ideal, o sonho foi desfeito, porque a mãe descobriu a camada imensa de pó debaixo da cama, quando foi limpar o quarto, e ao afastar a cama, viu cada um dos desenhos feitos de “palavrinhas chiadas” cavoucadas na parede.

Só conseguiu que seus desenhos não fossem destruídos por pás de cal e tinta porque seu irmão mais velho, em seu socorro, disse que aquilo era “genial” e que não parecia ter sido feito por uma garotinha tão pequena e que seria uma “judiação” destruir. O pai, quando chegou em casa e soube do feito, não aprovou as cavoucadas na parede, mas disse que era preciso comprar caderno e lápis com urgência para ela.

Como contar o que se seguiu àquela notícia de seu pai? Ela teria caderno e lápis como tinham as crianças maiores que iam à escola! Ia poder desenhar as letras em páginas branquinhas que esperavam ansiosas para serem preenchidas. A felicidade era tanta que ela fingia não ter ouvido aquilo, só para depois lembrar que ouviu e sentir a alegria de novo. Quis pular de alegria, e pulou muito, mas parava de vez em quando com receio de que a felicidade de dentro do coração, que era gigante, escapasse e se perdesse dela.

O caderno, o lápis grafite, a borracha, o apontador e seis lápis coloridos, vieram dentro de uma caixinha de madeira com divisórias, após um período maior do que estava conseguindo esperar.

Chegaram junto com o ingresso dela à escola.

Na escola, sua mania de colecionar palavras cresceu.

Em um dado momento, talvez na segunda ou terceira série, resolveu agregar à sua coleção as palavras difíceis. “Inexorável” e “epifania”, por exemplo, tão logo as conheceu, foram identificadas não só como difíceis, mas como pertencentes à uma casta superior.

Adquiriu também o hábito de se esforçar para compreender as palavras, por mais estranhas que fossem. Compreender uma palavra, era, secretamente, ouvi-la, que não era somente o gesto de buscar seu sinônimo ou explicação, mas saber do seu pulsar e do seu som. Em sua imaginação, era como se cada palavra, ao ser compreendida, fosse coroada rainha por seus súditos, que eram as palavras que, ao explicá-la, se tornavam assim.

Na medida em que a coleção crescia e ela se aprofundava no conhecimento, compreensão e oitiva de cada uma das palavras, ela inventava outros jogos: o da visita de uma

palavra amiga à outra; o do confronto entre palavras inimigas; o da união entre palavras semelhantes ou desiguais; o do despedaçar palavras até torná-las fragmentos, e, por fim, o de se juntarem e se apresentarem em musicais lindíssimos.

No início, os musicais feitos pelas palavras eram regrados e ensaiados com muita disciplina e esforço. Ela dedicou muito tempo a esses ensaios.

O esforço foi, com o tempo, se desfazendo, como se as palavras tivessem se tornado senhoras de si mesmas, a ponto de escolherem-se entre si, para se apresentarem de forma simples ou complexa, suave ou intensa, alegre ou triste.

Também entendeu que cada pessoa combinava com uma palavra. Algumas combinavam com um musical de palavras, outras com uma narrativa de palavras, outras com uma frase de palavras, outras com o silêncio das palavras, outras com palavras inventadas, engraçadas, difíceis, confusas, equivocadas, e assim por diante.

Sentia uma pena quando refletia que por maior que sua coleção de palavras tivesse se tornado, sempre seria infinitamente menor do que as que jamais conseguiria conhecer.

Também cresceu a facilidade em identificar as palavras com as pessoas, e não sabia mais se era um hábito adquirido pelo intenso convívio e observação que teve com elas, ou se as palavras é que buscavam, através de si, os seus iguais.

Dentre todas as formas que as palavras se apresentavam ao mundo, ela sabia que a mais linda de todas era a que se compunha em sons e imagens, ou seja, em poesia, ainda que silenciosa, pois o Senhor de toda a existência, num determinado ponto da eternidade, usou a palavra de

forma poética, para chamar à vida tudo o que existe.

E, assim, ela sabia que passaria a vida colecionando palavras e, diante de cada uma, por menor que fosse, ela dedicaria seu melhor afeto, respeito e compreensão.

MARILENA MATIUZZI é advogada pós-graduada em Direito Constitucional, poeta e cronista. Ingressou na Academia Saltense de Letras em 2011, onde ocupa a cadeira de nº 39, cuja patronesse é Cora Coralina. Contato com a autora pelo e-mail: m_matiuzzi@yahoo.com.br.



PIÇARRA

Núbia Istela

Júlia gritava sem parar à meninada, que insistia em continuar mato adentro, mesmo após o sol se ir completamente e o céu ceder espaço às primeiras estrelas, que começavam a brilhar no universo infinito e, ao mesmo tempo, tão pequeno, que eram as quebradas do mocó.

Baixinha, com um lenço improvisado feito com as fraldas da filha caçula na cabeça, uma das mãos na cintura e, com o indicador da outra, ameaçava as crianças que começavam a apontar lá no colchete.

- Essas *piçarras* ainda vão me matar de raiva - dizia para a filha mais velha, que arrumava o fogo do fogão a lenha para não apagar. Ainda precisava esquentar água para toda família tomar banho.

Júlia estapeava um por um, à medida entravam imundos e suados na velha cozinha.

- Ai, minha *cacunda!* - gritou Zezinho, ao receber o tapa da mãe. Não tinha doído, pois a mão dela nem havia acertado as costas do garoto, mas ele era o mais dramático de todos.

Jacinta, a filha mais velha, mais que depressa, levou os três menores para um banheiro feito de palha nos fundos da casa para lavá-los. Era o dever dela, cuidar para que todos estivessem limpos para o jantar.

No outro dia, começava tudo novamente. A gritaria na casa de Júlia iniciava antes do sol nascer. Na maioria das vezes, era percebida na casa dos vizinhos da redondeza. Havia dias que Júlia maldizia a vida e praguejava os filhos. Nhá Maria tinha pena das crianças, mas não deixava de sentir o mesmo pela mãe, que labutava o dia todo sem parar. A vizinha, que não foi capaz de conceber filhos e a “paciência mora ao lado”, apenas dizia à comadre:

- Cuidado com que *cê* fala, *cumade Jula*, as palavras têm poder.

Às vezes, Júlia só suspirava fundo e nem respondia a amiga. Mas o dia que bicho estava solto, ela também soltava uma má criação.

- É que não é *cocê*, *cumade Maria*, que tem que aguentar essas *piçarra*. Fica aí o dia *intirim* dando combate na vida *duzôto praque* num tem essas *desgramera* toda para dar conta. Mas eu vou falar um trem *pr’ocê*, viu? Tem dia que eu só queria espreguiçar um *tiquim*. Mas a *diera* é que num dá.

Maria acreditava na força do pensamento e no poder que as palavras ditas tinham. Ela jamais proferira sequer uma palavra mal dita, e muito menos praguejou alguém. Não ousava repetir o que ouvia Júlia dizer sobre as crianças, quando ia contar sobre os barracos presenciados ao marido no fim do dia.

- Eu tem é dó de *Jula*, Bastião. Mas eu tenho dó mesmo é dos *coitado* dos *minino*, se *es fô* pra todo lugar que ela manda os *bichim*, não quero nem pensar o que vai *contecê*. E Jacinta? Tão moça, tão bonita, teve que largar a escola pra ajudar em casa.

E assim seguia a vida. Mas Jacinta, essa não se importava mais com o que ouvia. Como dizia a mãe, entrava em um ouvido e saía pelo outro. Mas, no silêncio de sua voz,

um barulho gigante morava em sua cabeça, dia e noite.

Ela ia do céu ao inferno em uma fração de segundos, suas alegrias eram escassas, mas os seus pensamentos iam longe buscar refúgio para a tormenta que vivia sua mente.

Ela sonhava com o corre-corre da cidade grande, nunca tinha visto uma, mas sabia que existia. Ela sonhava com cheiro dos temperos misturados, da frenagem dos carros. Ela sonhava com a dança. E nesse devaneio, seu corpo se mexia sozinho, ao som da música que só existia em sua cabeça.

Ela nada dizia, ela nada falava. Sequer uma palavra.

Mas tinha o mundo, o mundo todinho dentro de si, todas as palavras que foram afogadas durante anos e que morreram antes mesmo de chegar até a garganta.

Tinha tanto a dizer, mas nada lhe fora perguntado, ela também era uma *piçarra* às vezes, como dizia Júlia. Ela debruçou-se sobre o edredom puído, estava cansada, ali estaria escondida das vistas da mãe. Sentiu-se culpada, mas o corpo pedia calma.

Outro dia desses, pela primeira vez na vida, alguém lhe perguntou o que ela queria fazer da vida. Todos esperavam uma resposta óbvia: casar, ter quantos filhos Deus mandar e continuar ali, na roça. Mas a resposta da menina, sempre silenciada, apanhou a todos de surpresa:

- Quero ser dançarina. - Disse, rompendo todas as expectativas.

O assombro tomou conta dos olhos da mãe, que jamais esperou tal comportamento da filha, o pai saiu de fininho, mortificado pela vergonha que a filha traria ao seio familiar. Maria levou a mão à boca, acreditando que todas as pragas pegariam, sem dúvidas, na menina.

- Ué, gente. Que foi? Quero dançar tango. - Foi o que

ela disse.

A mãe se levantou estapeando a menina.

- Nunca mais *ocê* repete uma burrada dessas. *ocê* não ficou doida. - Júlia tinha os olhos arregalados, como se a filha tivesse dito algum absurdo.

Maria interveio.

- *Diera, cumade Jula*, falei *cá* senhora pra parar de ficar chamando os *minino* daquelas coisas. Agora *ocê* tá vendo aí o que vai dar.

Jacinta saiu rindo quintal a fora, não entendeu bem o porquê daquele alvoroço todo a respeito do seu antigo sonho. Mas, pela primeira vez, sentiu-se inteira, completa, ao verbalizar o que queria para vida. E ela queria com toda força da sua alma.

NÚBIA ISTELEA é jornalista pós-graduada em Comunicação e Marketing de Mídias Digitais. Desde 2019 é titular da cadeira nº 37 na Academia Saltense de Letras, tendo como patronesse Aurora Duarte. Contato com a autora pelo e-mail: istelajornalismo@gmail.com



VERDADES INVENTADAS

Rose Ferrari

1 964. Passava das 6 horas daquela gelada manhã de maio quando ele chegou apressado. Desceu de sua bicicleta Göricke comprada de segunda mão, empurrou-a pelo estreito e úmido corredor, atravancado por latas velhas com flores plantadas e, finalmente, chegou à sua casa.

Eram dois cômodos, um de alvenaria e outro de madeirite, construídos aos fundos da casa de seu pai, o *nonno*. Encostou a bicicleta no puxadinho, improvisado para cobrir a “lavanderia”, onde ficava a vasca de lavar roupas e, na sequência, um quintalzinho a céu aberto com o varal de arame, cheio de fraldinhas de algodão brancas como a neve.

Com a mesma pressa com que venceu um quilômetro e meio, de bicicleta, entre a tecelagem onde trabalhava e o rancho em que morava, atravessou a minúscula cozinha onde ela passava um café ralo no coador de pano e seguiu em direção ao cômodo de alvenaria, o quarto.

- Não vá pegar a menina agora! Você está todo sujo...
- disse a mulher.

Ele fez que nem ouviu. Foi para o berço de madeira antigo e encontrou a garotinha: pele bem branca e cabelos castanhos escuros, se mexendo sem parar para se livrar dos cobertores.

- Olha só... que belezinha! É o bigatinho do papai! Venha com o papai, venha!

A bebê era esperta e ficava incomodada com tantas roupas e cobertores. Queria mesmo era livrar-se de tudo aquilo, então esticava e contraía braços e pernas sem parar. Em meio a essa fúria pueril, dava gemidinhos de esforço e fazia sons com a boca, até que soltou:

- Pá, pá... pá, pai.

- Ela falou! Ela falou PAPAI! - gritou ele exultante de alegria para a mãe, que acordara às 5 da manhã e já havia cuidado da criança, lavado aquela montoeira de fraldas, feito o café e limpado a cozinha.

- Não falou nada. Só está resmungando porque você foi aí acordar a menina. Isso sim!

Já segurando a bebê de 6 meses pelo tórax, com cada mão debaixo de uma das axilas da criança, ele a erguia como se fosse um troféu em dia de premiação. E seguia comemorando:

- Ela falou sim. Falou papai! Eu ouvi... Oh, que coisinha linda!

Fraldas, mamadeiras, papinhas, historinhas, travessuras, mudanças de casa, irmãzinhas... Momentos cristalizados não seguraram o tempo, e chegou o dia de deixar aquele círculo para ingressar na escola. Como sempre fora estimulada a falar, pedir, contar... a garotinha foi logo conversando com as primeiras crianças que encontrou. Eram dois meninos do seu tamanho: um deles era gordinho e alegre, com as bochechas coradas, e o outro, tímido e silencioso.

- Hoje o papai me trouxe de lambreta - contou aos meninos.

- Ah, não. Meu pai não me traz não. Eu venho a pé

mesmo, junto com o Agnaldo – disse apontando para o amigo ao lado, um toco de gente, vestido de calças curtas em azul-marinho, camisa branca de tergal, meias três quartos e sapatos pretos.

Ao ouvir PAI em lugar de PAPAI, aquele pequeno cérebro foi tomado por uma dúvida muito séria: “Hummm... Por que será que ele não fala papai? Acho que o certo é pai. Papai deve ser coisa de bebezinho”. Precisava tirar isso a limpo, coisa que faria naquele mesmo dia, logo depois da janta, horário em que o pai dava atenção aos milhões de perguntas da filha, muitas vezes constrangedoras.

– O certo é eu chamar o senhor de pai ou de papai?

– Os dois modos estão corretos. Chame como você quiser. Papai é um jeito mais carinhoso...

– HUM... Então os meninos da escola não são carinhosos, porque eles falam PAI. Papai é coisa de bebezinho, não é? E eu não sou mais um bebezinho. Já tenho 6 anos!

– Fale pai, então – concordou ele um tanto desapontado.

Pronto. Parecia que a questão estava pacificada, mas mal sabia quantos outros questionamentos aquela palavra ainda lhe traria...

Num outro dia, na escola, ao retornarem todos do recreio, filas formadas por classe, a menina finalmente prestou atenção ao que a mãe fazia e dizia, todos os dias, naquele horário. De seu lugar, entre os últimos da fila, pois era mais alta que a maioria das crianças de sua classe, espichou o olhar para aquela figura pequena em vestes cinza com uma coisa comprida e muito estranha na cabeça.

A mãe era pequena, mas tinha uma voz poderosa e começou fazendo um sinal com a mão direita, copiado por todas as crianças do pátio:

– Em nome do PAI, do Filho e do Espírito Santo... – em seguida começou a cantar fazendo gestos que toda a criançada já conhecia – PAI nosso que estás no céu... – entoava levantando lentamente os dois braços para o alto – santificado seja o vosso nome... – modulava a voz balançando as mãos como quem invoca algo.

Desse ponto em diante, a menina deixou de prestar atenção e começou a maquinar um pensamento. E aquelas novas ideias foram tomando conta do seu ser: “Nossa... A madre está cantando para o meu pai? Ele deve ser muito importante pra toda essa criançada obedecer assim”. Não... Mais tarde, nas aulas de religião, ficou sabendo que aquele pai a que a madre se referia era Deus. Sim, o criador de tudo o que existe, o ser supremo, era chamado de PAI.

A gravidade dessa associação de palavras a garotinha só pôde aprender e entender num tempo muito adiante, especialmente depois que descobriu que não existem verdades absolutas. Nem mesmo as que parecem mais sagradas. Todas foram palavras criadas, todas foram, em algum momento e por algum interesse, adotadas e difundidas para que se tornassem “verdades”.

A garotinha acreditou em tudo, a mocinha descreditou de algumas coisas, a jovem estudou letras, artes, política, economia, ciências, ocultismo e, enfim, duvidou de tudo e descreditou por completo das verdades inventadas. Até que um dia, nessa busca incessante por entender quem é esse Deus a que chamam de PAI, ouviu uma frase que começou a fazer algum sentido: Deus é amor.

Se bem que a procura se complicou por demais, porque agora era necessário encontrar uma explicação para algo ainda mais inexplicável que o tal Deus PAI. Era preciso encontrar o Deus AMOR. Onde estaria?

E por rezar sempre, rezar nunca, rezar por conveniência, agora ela reza assim:

- Em nome das MÃES, das FILHAS e do melhor que elas puderam aprender e ensinar. Amém!

ROSE FERRARI é jornalista e empresária do ramo editorial.

É pós-graduada em Português: Língua e Literatura e MBA em Gestão de Mídias Digitais pela Universidade Metodista de São Paulo. Desde 2013 é titular da cadeira nº 38 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é o poeta Mário Quintana.





CRÔNICAS

CUIDADO COM AS PALAVRAS

Andrade Jorge

“Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada,
mas a língua dos sábios é medicina”.

Provérbios 12, 18

A comunicação do ser humano pré-histórico era por gesto, grunhidos, sons, segundo descobertas a escrita surgiu a partir dos primeiros registros de desenhos (pinturas rupestres) em cavernas, datados de 15.000 a.C., na África. Desenhavam o que acontecia no seu dia a dia nas paredes das cavernas que lhes serviam de habitação, abrigo, porém, por volta de 3.500 a.C., ocorreu uma evolução: os Sumérios, povo que habitava a Mesopotâmia (atual Iraque), inventaram o primeiro sistema de escrita. O sistema Cuneiforme consistia no uso de argila e da cunha (uma ferramenta de metal ou madeira dura, em forma de prisma). Geralmente os registros do cotidiano desse povo eram representados por desenhos, feitos nessas placas de barro.

Após o surgimento da escrita, através do Cuneiforme, surgiu o Hieróglifo no Egito, e a evolução não parou mais, a carta foi um meio de comunicação muito utilizado, po-

rém, com surgimento da telefonia perdeu espaço, mas é usada ainda até hoje. Depois vieram o telégrafo, telefone, rádio, televisão, internet, celular, smartphone, hoje falamos com o mundo em questão de segundos. A maravilha da comunicação interpessoal. Todo esse preâmbulo para evidenciar a fala na comunicação, a sua força na expressão de sentimentos.

A palavra que lançamos ao éter é uma arma poderosa, entretanto, não tem roupagem bélica, mesmo porque a palavra é um nada e um tudo, invisível, mas audível, acalma um espírito ou acelera.

Os grandes líderes foram aqueles que souberam fazer da palavra seu caminho para o sucesso, influenciando multidões e, nesse aspecto, o ser humano se diferencia pelo adjetivo “carisma”. O carismático é quem possui a capacidade de atrair, inspirar e influenciar pessoas a sua volta ou a distância, pelas redes sociais/ televisão. É um dom que poucos possuem, mas nesse quadro restrito existem as influências negativas e as positivas, como exemplo negativo o exacerbado carisma de Hitler que, ao discursar, convenciu aqueles que o ouviram, deu no que deu. No contraponto, o Filho de Deus, chamado Jesus, possuía um carisma moral religioso, que a sua pregação arrebatava milhares, e no tempo milhões. Para os cristãos esse Homem, quando em terra, tinha o poder da palavra, e ainda o tem no espaço celestial.

A palavra tem o poder de ferir sem qualquer corte no corpo, a não ser o corte invisível na alma, muitas pessoas se abatem terrivelmente ao ouvir palavras que machucam, e muitas vezes essas palavras ficam martelando a mente, então fica fácil saber do porquê de tantas terapias com psicólogos, psiquiatras, foram as palavras que fizeram um estrago no espírito, pode levar vida ou morte, pode ser a

mensageira da alegria, ou a guardiã da tristeza.

A Sagrada Escritura, em Provérbios 13, 2-3, nos ensina:

“Do fruto da boca o homem comerá o bem, mas o desejo dos pérfidos é a violência. O que guarda a boca conserva a sua alma, mas o que muito abre os lábios a si mesmo se arruína”.

*A palavra nos identifica, envolve
Leva a essência, dos ditos
Bom quando chega e resolve,
Nefasta quando deixa aflitos.*

*É bélica, tal sanguinário canhão
Ou serena feito orvalho da madrugada,
Maldita que lança praga ao chão
Bendita que traz o amor alada*

O ser humano saiu dos grunhidos, gritos, sons que emitia para se fazer entender perante o outro de seu grupo, para a palavra clara, límpida, falada no planeta todo, ressaltada as características de idioma de cada região, contudo, uma casta de pessoas ainda usa grunhidos, gritaria, não para se comunicar, mas para aterrorizar, subjugar o seu igual, como se em outro mundo estivesse. Infelizmente para uma parcela da raça humana, o homem saiu das cavernas, mas a caverna não saiu dele.

As palavras de súplicas que ouvimos pelas ruas, são os pedintes, moradores de rua, que dão entonações às palavras para surtir um efeito melhor, e angariar benefícios. As promessas, palavras que saem das bocas de políticos venais, na busca dos votos, em muitos casos palavras em vão, o prometido nunca chega.

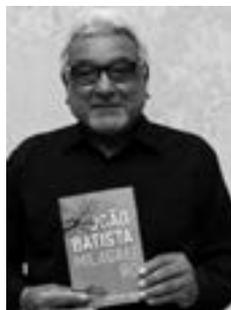
Há pouco tempo atrás a televisão diariamente exibia programas de cunho religioso, onde a palavra era moeda de troca, assistíamos a propaganda de óleo ungido, tijolo bento, água do rio Jordão, e por aí vai. É a palavra cumprindo o seu desígnio conforme a boca que a profere.

Estes foram alguns exemplos do mau uso da palavra, ela existe e está à disposição, existe uma corrente que diz que a palavra tem tanto poder, que após ser proferida, não se perde, fica girando no espaço sideral, penso que palavras consideradas malditas quando estão girando no silêncio do espaço, choram o seu destino, poderiam estar bailando com a felicidade que proporcionou, mas dançam com a tristeza que provocou.

O ser humano descobriu a palavra para sua comunicação, que nem sempre é a ideal devido ao livre arbítrio do homem, que fala o que quiser, quando quiser, onde quiser, assim fere ou afaga, cria guerra ou a paz.

ANDRADE JORGE é poeta/escritor. É autor de “Encanto e Desencanto”, “Quem é esse ser?”, “Contos, En...cantos & Peripécias” e “João Batista Milagreiro”.

É membro da Academia Saltense de Letras desde 2015, onde ocupa a cadeira nº 34, cujo patrono é Oswaldo de Souza Aguirre.



VERBO REVELADO

Antônio Oirmes Ferrari

Rememorando meus tempos de criança, veio-me à mente uma pergunta sábia feita por um colega à professora, nos tempos do saudoso Coleginho: “Madre, como nasceram as PALAVRAS?”

Diante dessa tão curiosa indagação, a mestra respondeu sem pestanejar: “Deus deu ao homem por Ele criado, o direito de falar, de comunicar-se. Então, criou para Adão e Eva a linguagem chamada ADÂMICA, de acordo com o que se lê nos registros sobre o Judaísmo. Então, ambos – Adão e Eva – se comunicavam no Jardim do Éden e nasceram as primeiras PALAVRAS”, concluiu a querida freira-mestra.

Hoje, após tanto tempo, recordo-me como nós, crianças, nos primeiros bancos escolares da vida, já queríamos saber como surgiram as palavras, escritas com os sinais gráficos chamados letras, as quais ora se unem, ora se separam, em seguida as sentenças, as frases, a expressar praticamente tudo, na vida do homem, no contato diário com o semelhante. E que poder têm as palavras! Elas dão guarida aos nossos pensamentos. Quanto mais o ser humano pronunciar uma frase em voz alta, sem dúvida mais o cérebro a tomará como verdade. Isso quer dizer que, do mesmo modo como os pensamentos produzem as palavras, estas – por sua vez – reforçam ou enfraquecem os pensamentos. A Neurociência – conhecida como a parte da ciên-

cia que estuda o sistema nervoso – atesta que a nossa fala está ligada diretamente à parte dominante do cérebro. Isso significa que quando falamos constantemente, a toda hora, dos nossos problemas, de nossas dificuldades, estamos – em verdade – antecipando e até perpetuando a derrota. Por outro lado, quando falamos com otimismo, com crença em nosso potencial, diante da problemática surgida, uma aura de vitória se apresenta diante de nós.

É pacífico que as palavras ditas motivam, confortam, educam. Lamentavelmente, porém, uma palavra é capaz também de desestruturar uma pessoa. Além do ato de ofender – quando em querela pessoal – as palavras produzem sensações dentro do corpo do ser humano, como comandos de voz que ativam o seu sistema de defesa e o sistema nervoso, desencadeando, automaticamente, prontas medidas para defender e atacar. Como se costuma dizer, “da boca do justo jorra a vida”. Ou melhor, há palavras que vivificam, que traduzem a vida espiritual e mesmo emocional. Por sua vez, tristemente, “da boca do ímpio flui violência”, desamor, cujas palavras ferem, matam. No lar, por exemplo, durante a convivência diária, quando ausente o amor, a violência verbal carregada de palavras indizíveis, é até mais grave que a própria violência física. Aí, então, há que se ter cuidado com a forma de falar, pois o palavrório injusto e desconexo não trará dano somente a quem ouve, mas principalmente a quem o profere. Há um Provérbio que diz claramente: “A morte e a vida estão no poder da língua. O que bem a utiliza, come do seu fruto”.

A Palavra Silenciada, por sua vez, se fixa no entendimento de que o poder do silêncio está na capacidade do ser humano de promover o autoconhecimento, o discernimento e a chamada escuta ativa nas relações. É um sujeito

que pode ser ativo, necessário no diálogo. Não há como negar que nem sempre uma conversa traz algo de produtivo e de valor. O diálogo produtivo há de ser permeado pela capacidade da escuta ativa. O silêncio compreensivo nas relações – presente e ativo – coloca os participantes do diálogo numa sintonia de crescimento, de percepção, levando-os a descobrir e explorar. Podemos dizer que escutar é um comportamento de sabedoria e revela que o ser é capaz de perceber suas emoções, sentimentos e pensamentos, com atenção ao seu diálogo interior.

Sobre esse assunto, tivemos oportunidade de ler o interessante texto do saudoso Rubem Alves, que esteve várias vezes aqui em Salto, entre nós, ilustre teólogo, educador, tradutor, psicanalista e escritor, nascido em Boa Esperança - MG, falecido em 2014 e conhecido internacionalmente. Seu aplaudido trabalho “A ESCUTATÓRIA” traz uma visão sábia e muito pertinente para os nossos dias, sobre a ARTE DE ESCUTAR. Ressalta ele que, ao longo de sua existência, sempre vê anunciados Cursos de Oratória, mas nunca viu anunciado um Curso de “Escutatória”. Todo mundo, em verdade, não quer aprender a ouvir. Afirmo a seguir que pensei em oferecer um Curso de “Escutatória”, mas antecipadamente acha que ninguém vai matricular-se. “Realmente, ESCUTAR É COMPLICADO E SUTIL”, afirma.

Surge, então, nessa mesma obra, a figura de Alberto Caeiro, um dos vários heterônimos do festejado poeta português Fernando Pessoa, para proferir: “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito; é preciso também que haja silêncio dentro da alma”. Daí, surge a dificuldade: o ser humano não suporta ouvir o que o outro diz, sem logo dar um palpite melhor, sem enfim misturar o que ele diz com aquilo que tem a dizer. Como bem diz Rubem Alves: “nos-

sa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade; no fundo, SOMOS OS MAIS BONITOS”. O Poder do Silêncio está firmado na capacidade de promover o autoconhecimento, o discernimento, a reflexão e a escuta ativa nas relações humanas. Como bem apregoa: “não basta o silêncio de fora. É preciso o silêncio dentro...Ausência de pensamentos. E aí, quando se faz o silêncio dentro, a gente começa a ouvir coisas que não ouvia”. E conclui: “eu comecei a ouvir”.

Fernando Pessoa na figura de um de seus heterônimos, Alberto Caeiro, conheceu de perto a experiência e se referia, com a frase firmada, ao que se ouve nos interstícios das palavras, no silêncio da alma. Escutar é um comportamento de sabedoria, capaz de perceber emoções, sentimentos e pensamentos.

Chegamos à Palavra Escrita, que é resultado de um sistema de comunicação humana, por meio de representações gráficas da linguagem verbal. Ao longo da história, consta que a primeira escrita que se conhece foi a Cuneiforme, que surgiu na antiga Mesopotâmia, no Oriente Médio. Em verdade, ao longo da história, principalmente nos seus primórdios, a palavra escrita e a sua interpretação ficavam restrita às camadas sociais dominantes, à nobreza e aos sacerdotes, embora a escrita fenícia tivesse fins essencialmente oficiais. A Alfabetização veio a ser difundida lentamente, entre as camadas da população, após a Idade Média.

Com a evolução dos tempos, a escrita firmada em símbolos, para formar as PALAVRAS, permitiu acumular conhecimentos e legá-los às gerações seguintes, no surgimento de civilizações mais complexas e para o estudo e aprendizagem. A origem do Alfabeto vem do legado de várias culturas, iniciadas com as civilizações antigas da

Mesopotâmia e Egito, com a escrita Cuneiforme da civilização mesopotâmica e os hieróglifos dos egípcios. Os símbolos consistiam em ideogramas e pictogramas, formados por desenhos representativos de objetos. A palavra escrita possibilitou o surgimento da LITERATURA (do Latim LIT-TERA, Letra) que é a arte da palavra e da escrita, uma das manifestações artísticas do ser humano, ao lado da Música, Pintura, Dança, Teatro e Escultura.

Para concluir, ainda sobre a Palavra Escrita, é digno de menção um evento histórico-cultural que marcou sobremaneira a Literatura Brasileira, como outras artes, com a Semana de Arte Moderna, ocorrida de 13 a 18 de setembro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo. Seus objetivos: ruptura com o modelo europeu; crítica e abandono ao formalismo do Parnasianismo, adotado até então, a ser substituído pelo Modernismo; valorização da identidade e cultura brasileiras; liberdade de expressão; aproximação da linguagem oral, com utilização da linguagem coloquial e vulgar; temáticas nacionalistas e cotidianas. Alguns de seus ilustres participantes: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Graça Aranha, Menotti Del Picchia e outros nomes da cultura nacional. Não é de estranhar que a Semana de Arte Moderna, que teve repercussão além-fronteiras, só ganhou importância com o correr dos anos e seu principal legado foi desprender a arte brasileira, notadamente a LITERATURA, da reprodução dos padrões europeus, dando início à construção de uma cultura essencialmente nacional. Qual o impacto da Semana de Arte Moderna, na Literatura e cultura brasileiras? - A Semana causou grande impacto entre os literatos e artistas mais conservadores da época, pois trazia uma crítica implacável às regras, temáticas e costumes importados, bem como à falta de liberdade

de expressão do escritor e artista brasileiros. Através do Modernismo implantado, muitos puderam trazer o Brasil para suas artes e nativismo, que faltavam em muitas obras anteriores. Concluindo, a Semana de Arte Moderna deixou sua marca histórica na arte das palavras e da escrita, expressas em nossa Literatura.

ANTÔNIO OIRMES FERRARI é graduado em Pedagogia, Direito e em Letras, Catedrático de Português e especialista em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, onde é titular da cadeira nº 7, cujo patrono é Machado de Assis. Contato com o autor pelo e-mail: aoferrari@uol.com.br.



AH SE ELA SOUBESSE...

Antonio Valini

Desde muito cedo foi um menino falante, envolvido por um universo plural de linguagens, que começou com o objetivo de mostrar sentimentos de amor pela família ou pessoas próximas. Inserido nessa rotina de falantes, o menino também sentia a necessidade de ser compreendido, interagir e emitir as primeiras palavras, momento em que passou a ser bombardeado por sons e descobertas.

Foi nesse clima que surgiram as primeiras palavras e os primeiros estímulos, quando o menino foi pego pela mão por sua primeira professora. Quantas descobertas em conjunto com a professora Salete Stecca! Que sorte a dele: contou com interações de muitas pessoas mais experientes, com as quais foi se aperfeiçoando. Mas o olhar da mestra acompanhava todos os avanços e descobertas do menino. Ela era uma educadora que já se preocupava com as emoções e com as relações. A poetisa americana Emily Dickinson diz que alguns entendem que a palavra morre quando é proferida. “Eu digo que ela começa a viver naquele momento”. Foi exatamente o que aconteceu com o menino: descobriu as palavras e passou a viver com elas intensamente.

Em todas as experiências vivenciadas pelo menino, seja ao brincar, ao conversar e ao falar, inconscientemente esta-

va estimulando seu processo intelectual, constantemente a serviço da comunicação e da solução de problemas. “Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem que assim é que a natureza compôs as suas espécies”, nos fala Machado de Assis no conto Primas de Sapucaia. “E o menino crescia em idade e sabedoria”. Ouso dizer que, em seu mundo, começava uma grande revolução.

O menino não tinha lá condições de pensar e planejar seu futuro. Mas, por outro lado, dedicava-se a se aperfeiçoar nas relações. Aos 7 anos, andava sozinho por toda aquela cidade do interior, seja de ônibus ou a pé mesmo. Era um verdadeiro arroz de festa. Conseguia estar em vários lugares ao mesmo tempo. É isso mesmo. Ele seguia à risca a máxima de Clarice Lispector “de que a palavra era o *seu* domínio sobre o mundo”. A esta altura do campeonato, já estava certo de que iria conviver com as palavras por muito tempo. Esse gosto pelas letras e pelo verbo começou amargo e depois ficou doce, saboroso.

Rubem Alves diz que um calendário é coisa precisa: anos, meses, dias, horas, que são marcados com números que medem o tempo. Mas os pedaços de tempo são bolsos vazios: nada há dentro deles. O bolso vazio do tempo se torna parte do nosso corpo quando o enchemos com vida. Aí o tempo não mais pode ser representado por números. O tempo aparece como um fruto que vai sendo comido: é belo, é colorido, é perfumado. E, à medida que vai sendo comido, vai acabando. Vem a tristeza. O tempo da vida se marca por alegrias e tristezas. Há inícios e há fins. E não é que foi assim mesmo?

Aqueles bolsos vazios começaram a ser preenchidos com uma imensidão de palavras para explicar os seus pen-

samentos, as suas vontades, as suas realizações, as suas decisões e os seus sonhos. Aqueles bolsos começaram a ficar rasos demais para acomodar tantos fatos e feitos. Aqueles bolsos começaram a transbordar informações. Aqueles bolsos se transformaram num verdadeiro repertório do menino, do jovem e, depois, do homem.

Ao menino, sonhar não custou muito barato não. Mas ele sonhou. E quem diria que chegaria à faculdade? Esforçou-se demais, valorizou cada real investido e continuou seguindo o seu caminho. As mãos da tia Salete estavam lá; e como elas puxavam aquele sonhador! Para ele, agora, o tempo já não é mais representado por números. O tempo é ainda mais belo, mais colorido, muito perfumado e representado por relações duradouras, algumas iniciadas lá, aos 6 anos de idade.

Num piscar de olhos o menino cresceu e, por intermédio das palavras que utilizava com honestidade, firmeza, seriedade, confiança, segurança, ironia ou até sarcasmo, foi completando a sua história e enchendo incontáveis bolsos. Por conta do seu amadurecimento, passou a usar as palavras de maneira ainda mais adequada. Mesmo que com raiva, triste ou numa situação complexa, sempre buscava um meio mais adequado para se expressar. Por inúmeras vezes, o silêncio foi a opção escolhida para perguntar ou responder. O jovem aprendiz se mostrava muito hábil quanto ao que dizer e quanto ao silêncio, que também entrega uma postura de sabedoria.

O tempo passou e hoje o menino se encontra a produzir um texto sobre o poder da palavra. Participar de uma obra é sempre uma honra para um professor. Ah se a Tia Salete soubesse a diferença que fez em minha vida. Apesar de que ela deve saber a importância que tem na vida de muitas

peças, não só na minha. Sempre que recebo um convite assim, revigoram-se os meus motivos para acreditar na importância da socialização das palavras. Um livro publicado é uma mensagem de amor, um libelo de sensibilização, de apelo à razão e de reiteração da importância da dignidade humana.

Quando a obra é sobre o poder da palavra, a importância se revela ainda maior. A palavra faz parte da constituição da identidade humana. Não nascemos prontos, somos engendrados como humanos no longo, cumulativo e grandioso processo histórico de definir a ontologia do ser humano, singular e coletivamente, a partir das práticas educacionais e sociais. Educar pela palavra é igualmente *humanizar*, fazer-se pessoa, constituir-se como humano. Então, uma obra que nasce como prática de humanização já nos parece uma promessa de sensibilização, de convencimento e de manutenção deste processo emancipatório.

Muitos haverão de saborear estes textos escritos em estilos próprios, aliando leveza expositiva com profundidade interpretativa, contrapondo, com proporcionalidade exemplar, as categorias e conceitos com as originais demandas sociais, profissionais e pedagógicas sobre o tema. Usei de propósito a expressão “saborear”, e isto aprendi com Rubem Alves que ensinava que os *saberes* devem ter *sabores*, pois nutrem e alimentam nossa alma, nosso espírito, nossa *psiquê*. Embora Rubem Alves tenha desenvolvido outras dimensões da dinâmica de “saborear”, eu ficarei com uma distinção: um livro se realiza quando é lido, quando é apropriado, quando é incorporado.

Além de saborear as palavras é importante e necessário que saibamos ouvir. A Tia Salete sabia. Como sabia! Escutar é complicado, sutil e necessário. Parafraseando Alberto

Caeiro, não é bastante ter dois ouvidos para ouvir o que é dito, é preciso que haja silêncio dentro da alma e que a gente ouça o que o outro tem a dizer, sem logo dar um palpite “melhor”, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Esse segredo ela também sabia. Mas não ficava consigo não. Contava e ensinava a todos os seus alunos. Ah se ela soubesse.

ANTONIO VALINI. Jornalista, MBA em Marketing pela FGV, Mestre em Administração/Marketing pela Unimep e Doutor em Educação pela Unicamp. Diretor da Ausare Comunicação e Marketing e Coordenador de curso superior na Unianchieta. É Membro da Academia Salsense de Letras desde 2020, onde ocupa a cadeira nº 10, cujo patrono é Jota Silvestre.



PERGUNTAS INSTIGADORAS NA AÇÃO DO ESCREVER, DIZER, SILENCIAR... SENTIR

Cristina Salvador

Refletir sobre o tema Verbo revelado: o poder das palavras escritas, ditas ou silenciadas, levou o meu pensar na busca de perguntas instigadoras, as quais provocassem meu caminhar em direção a conceitos e definições que auxiliassem nesta construção.

Ao partir do significado do conceito de linguagem, encontrei que este é entendido como capacidade do ser humano expressar pensamentos, ideias, sentimentos, emoções ... e o faz, inclusive, pela palavra escrita, dita ou até mesmo silenciada. Palavra esta que, ao longo do tempo, lugar, contexto em que for empregada, ganha força e sofre mudanças em seu significado e sentido. Com sua força pode destruir ou construir nações, modificar história de vida no individual ou coletivo; gerar novas formas no pensar e agir, ao desencadear novas direções em seu caminhar, sua vida. A palavra é mágica, formula possibilidades nunca acabadas, inconstantes à disposição do homem.

Em seu aspecto dinâmico e polissêmico, podemos

afirmar que ela é histórica, datada e situada. Palavras novas vão sendo criadas, outras em desuso, caem no esquecimento. Um adulto com idade mais avançada, ao ouvir a conversa de um grupo de adolescente, pensa estar em outro planeta. Imagine a dificuldade de compreensão e assimilação em seu real significado, encontrada pelo estrangeiro em contato com o falar do brasileiro. A riqueza vocabular em sua diversidade cultural existente no país, dificulta-lhe a apropriação ao se deparar com nomes diferentes ao mesmo objeto, dependendo da origem regional de seu interlocutor.

Ao refletir sobre o aspecto da historicidade da palavra com sua força, voltei meu pensar a diálogos existentes e escritos, que nos chegaram até a atualidade, realizados em lugares e épocas diferentes.

No AT (Antigo Testamento), em Êxodo: 3,14, pág. 103, (1993), Deus, mediado pelo Anjo Senhor, e Moisés ao ser questionado sobre o nome que deveria ser conhecido, Deus responde: “EU SOU AQUELE QUE SOU” ... como responderás aos ... (refere-se aos israelitas) ... “Aquele que se chama EU SOU envia-me junto de vós” ... “ Este é o meu nome para sempre...

A expressão enigmática “EU SOU”, em sua afirmação, abre para possibilidades a inúmeras interpretações. Analisar este enigma, com os olhos da alma e não olhos do corpo, nos leva a enxergar a totalidade dos possíveis significados existentes nesse falar.

Ao refletir sobre um dos seus possíveis significados, ocorreu-me verificar o tempo verbal em que foi empregado. O “EU SOU” foi usado no presente, ação que representa o agora: ontem, hoje e sempre, portanto atemporal.

Ao buscar outras interpretações, o encontro de que o “EU SOU”, seria o mesmo que dizer: “eu sou o que você precisa na hora que precisar”. Sou teu Pai... o Pastor... o escudo que te protege... teu rochedo... Em outras palavras, “eu estarei sempre contigo”. Ou ainda, eu sou o Deus dos vivos e não dos mortos, ao vincular o significado de ressurreição.

Num outro diálogo NT (Novo Testamento) Lucas -9,18-20, pág. (1359), quando Jesus estava a orar com seus discípulos, dirigindo-se a eles perguntou: “Quem sou eu, no dizer das multidões?”. Eles responderam: “João Batista, outros Elias; outros um dos profetas que ressuscitou”. Ele replicou: “E vós, quem dissei que eu sou?”. Pedro respondeu: “O Cristo de Deus”.

Dois diálogos, mesma temática sobre seu nome. No registro escrito, duas épocas... outro contexto. No primeiro, no AT, ocorreu antes do Verbo ser encarnado, uma vez que para os cristãos, Jesus já existia desde o início dos tempos. No segundo, após sua vinda encarnada, registro do NT. Ambos diálogos com respostas diferentes sobre a temática do seu nome, mas não excludentes. Ambos se reportam a divindade de Deus. Nas duas situações prevalece o olhar da alma, de cada interlocutor e não meramente o olhar do corpo.

Voltar nossos olhos para nos nomear, inúmeras são as respostas, inclusive que somos seres: humanos, únicos e singulares, diferentes um dos outros. Ao pertencer à raça humana: históricos, datados e situados; nas relações que estabelecemos com o outro, com o contexto e conosco mesmo, mediados pelas palavras, construímos e reconstruímos conhecimentos; passamos informações orais e escritas, que poderão, ou não, se processar em conhecimento, e

assim sucessivamente. Entre outras definições: seres pensantes e falantes, seres inacabados. No dizer de Cortella (2006) não nascemos prontos. “Gente não nasce pronta e vai se gastando, gente nasce não-pronta e vai se fazendo”, se constituindo, se exercitando no exercício de cidadania, entendida como consciência. Em síntese, somos seres de palavra, talvez uma das afirmações mais definitiva, ao abranger outras.

No desenvolvimento humano, a criança, em seus primeiros meses de vida, olha ao seu redor num olhar curioso de reconhecimento. Já afirmava Paulo Freire, que a *Leitura do mundo antecede a leitura da palavra*. Assim, aos poucos, ela passa a emitir sons, e no processo a repetir a fala do outro, que lhe revela o mundo. No decorrer do tempo se utiliza da primeira pessoa: eu quero, eu vou... Assim, a criança ganha impulso e ascende à realidade humana pela palavra e interfere no mundo e deixa que o mundo interfira nela. Se inicialmente ela toma a do outro, significa que a palavra vem de fora, portanto, mediação, e é através dela que vai em busca do seu sentido. Daí a importância do mediador, no caso: pai, mãe, ou outra pessoa com perguntas estimulantes e como “fazedor” de boas perguntas, que instiguem seu olhar curioso e abra possibilidades na aquisição de novas palavras

À medida em que a criança se apossa do nome, apreende sua essência, este ganha poder e a partir desse momento, passa a agir com ela e sobre ela. A cada palavra, cujo conceito é incorporado ao seu vocabulário, seu universo cresce, amplia sua visão do mundo e de mundo. Ao adquiri-la, esta passa a ser viva por sua apropriação, ganha força, o que constitui uma forma de afirmação de si e de

fixação ao mundo.

Palavra que por menor que seja em seu registro escrito, no seu dizer ou silenciar, pela força do significado e sentido que a contempla, ela pode transformar, destruir vidas, modificar histórias. Libertar ou oprimir. Basta refletir sobre o significado das expressões “sim” e “não”, e, “sim ou não” empregadas em resposta a um questionamento.

No primeiro caso, a expressão usada “sim e não” nasce da dúvida, pela incerteza, cuja resposta pode-se traduzir no significado de: talvez... pode ser... ..ou ainda ao afirmar “eu apostava no sim, agora mudei de ideia, é não”.

Na segunda expressão, empregada em uma determinada situação ou circunstância na qual se encontra, a pessoa por não visualizar outra alternativa naquele contexto, terá que decidir pelo “sim ou pelo não” e assumir suas consequências.

Na expressão “sim e não” refletida na lógica dialética, sua força está no “e” por abrir outras possibilidades em seu pensar e dizer. Enquanto que “sim ou não”, usada na lógica formal/cartesiana, a força do “ou” fecha a questão, em sua dualidade. Ou “é” ou “não é, nada a acrescentar, escolha limitada. Decidir pelo positivo ou pelo negativo. Não existe outra opção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico. 73 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria / Editora Claretiana, 1993.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Não nascemos prontos: provo-**

cações filosóficas, São Paulo: Vozes, 2006.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 3 ed. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

CRISTINA MARIA SALVADOR é Mestre em Educação pela PUC-SP, Psicopedagoga, Pedagoga e Licenciada em Letras com Especialização em Literatura Portuguesa. Desde 2013 é titular da cadeira nº 20 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é José Francisco Archimedes Lammoglia. Contato com a autora pelo e-mail: crissalto5@gmail.com.



O PODER DAS PALAVRAS

Francisco Moschini

“Como as águas da chuva e das neves descem do céu e para lá não voltam sem antes fecundar a terra, tal ocorre também com a PALAVRA que sai de minha boca, ela não torna sem antes produzir frutos”.

Isaías 55,10

PALAVRAS PROFÉTICAS

Quando Pedro Álvares Cabral desembarcou com os seus homens em Porto Seguro, observando a riqueza natural, belíssimas matas de inúmeras espécies vegetais, sol intenso, nascentes de águas cristalinas, Pero Vaz de Caminha, escrivão da expedição, assim se pronunciou:

“NESTA TERRA EM SE PLANTANDO TUDO DÁ”

Consideramos proféticas essas palavras, pois ao longo dos séculos até nossos dias, a agricultura tem sido, talvez, a maior riqueza do Brasil. Os ciclos da borracha nativa, da cana com a produção de açúcar exportada para a Europa, o algodão para tecidos, o café, cultura que foi responsável pela criação de imensas fazendas, abertura de ferrovias, surgimento de importantes cidades. Em nossos dias, o Brasil é um dos maiores produtores agrícolas de todo o planeta. A produção de soja, milho, algodão, açúcar ... tem sido a cada ano aumentada, sempre em milhões de toneladas.

PALAVRAS QUE MUDARAM A HISTÓRIA

“FICO”

Em 1815 D. João elevou o Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarves, que assim deixou de ser uma simples colônia, o que descontentou as lideranças políticas de Lisboa. Em abril de 1821, D. João voltou para Portugal, deixando aqui seu filho, o Príncipe Regente D. Pedro. As Cortes exigiam que D. Pedro voltasse a Portugal, ao que o Príncipe resistia, com apoio das principais lideranças políticas, intelectuais e econômicas (fazendeiros), época em que já havia movimentação para a independência do Brasil. No dia 9 de janeiro de 1822, José Clemente Pereira entregou a D. Pedro um manifesto pedindo que não obedecesse às ordens de Lisboa e permanecesse no Brasil. Ao ler essa manifestação de apoio, respondeu:

“COMO É PARA O BEM DE TODOS E FELICIDADE GERAL DA NAÇÃO, DIGA AO POVO QUE FICO”.

Assim, essa decisão de D. Pedro fez crescer o movimento pela independência, o que ocorreu poucos meses após o “FICO”.

“INDEPENDÊNCIA OU MORTE”

Com a elevação do Brasil a categoria de Reino Unido a Portugal e Algarves, as Cortes de Lisboa passaram a ter representantes brasileiros, o que não era aceito de boa vontade pelos portugueses, que temiam a autonomia política e econômica, esta já conquistada ainda na regência de D. João, com a quebra do monopólio comercial português. Como sabemos, o principal movimento pela nossa inde-

pendência foi a “INCONFIDÊNCIA MINEIRA”, sob a liderança de Tiradentes, cujo lema era:

“LIBERDADE AINDA QUE TARDE”

Em nosso país houve resistência por parte de lideranças adeptas de Lisboa, principalmente na Bahia, que não aceitava a permanência de D. Pedro no Brasil, o que obrigou o Príncipe Regente a procurar apoio nas províncias. Chegando de Santos, em São Paulo, às margens do riacho do Ipiranga, recebeu correspondência vinda de Lisboa que o destituía da regência, passando ao simples cargo de governador sujeito a autoridade das Cortes de Lisboa. Essas exigências não foram aceitas, o que levou D. Pedro ao rompimento com a metrópole. De imediato ele ordenou aos seus acompanhantes que se desfizessem dos emblemas militares de seus uniformes, que simbolizavam a autoridade de Portugal sobre o Brasil e exclamou com energia:

“INDEPENDÊNCIA OU MORTE”

Grandes manifestações de regozijo ocorreram e, realmente, o Brasil se libertava de Portugal trezentos e vinte e dois anos depois da chegada de Cabral. Na Bahia, houve resistência armada, pois não queriam desvincular-se de Portugal, ocorrendo naquela província verdadeira guerra civil, que durou até 2 de julho de 1823, quando foram expulsos os rebeldes e conquistada a independência.

Para confirmar nossa separação de Portugal, em 12 de outubro de 1822, D. Pedro foi aclamado IMPERADOR e DEFENSOR PERPÉTUO DO BRASIL e coroado em 1º de dezembro daquele ano.

“NADA RECEIO. SERENAMENTE DOU O PRIMEIRO PASSO NO CAMINHO DA ETERNIDADE. SAIO DA VIDA PARA ENTRAR NA HISTÓRIA”

Getúlio Dorneles Vargas

24 de agosto de 1954

Getúlio Vargas foi um dos maiores líderes políticos da primeira metade do século XX. Em 1930, sendo derrotado nas eleições presidenciais, chefiou uma revolução vitoriosa que o levou ao poder até 29 de outubro de 1945. Nesse período realizou grandes reformas, com destaque para a área social e trabalhista.

Voltou ao governo da república em 1951. O país viveu nessa época um período de tumulto político e social. A oposição política e por parte da imprensa ao seu governo era ferrenha e violenta. Em 1954 aprofundou-se essa crise. Políticos e militares o pressionavam-no a deixar o governo. Getúlio resistiu enquanto pode. Em 5 de agosto daquele ano, em atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, ferido com um tiro no pé, foi morto o Major da Aeronáutica, Rubens Florentino Vaz. A crise chegou ao auge. Praticamente só com o apoio de políticos que se mantiveram fiéis e principalmente da classe trabalhadora, sem saída, Vargas toma a medida extrema: suicida-se com um tiro no coração. Deixou escrito o que se chamou CARTA TESTAMENTO, na qual descreveu sua trajetória política, principalmente sua luta em defesa dos mais humildes e também de nossas riquezas e conquistas nacionais. Repetimos a última frase da referida carta testamento: “SAIO DA VIDA PARA ENTRAR NA HISTÓRIA”.

“ ... DECLARO VAGA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA”

Auro Soares de Moura Andrade
Presidente do Senado Federal
2 de abril de 1964

Jânio Quadros, eleito Presidente da República em 1960, em poucos meses de governo vinha sofrendo violenta pressão política, e por parte de alguns setores da imprensa. Veio a renunciar em 25 de agosto de 1961. João Goulart, em meio à crise política, assumiu o governo em 7 de setembro daquele ano. Seu curto governo foi tumultuado, pois não era aceito pelos mesmos setores enfrentados por Jânio Quadros.

João Goulart fora discípulo de Getúlio e assim seu governo era mais favorável às classes humildes e a defesa do patrimônio nacional e implantação das “reformas de base”, de modo especial a agrária. Tinha total apoio da classe trabalhadora e das categorias iniciais das forças armadas. Essa crise foi se avolumando ao longo dos meses, culminando em 31 de março de 1964 com o início do movimento militar. As tropas do General Olímpio Mourão Filho, sediadas em Juiz de Fora, rumaram para o Rio de Janeiro ocupando a cidade. João Goulart voou para o Rio Grande do Sul onde pensava obter apoio dos militares e de lideranças gaúchas para resistir.

Na madrugada de 2 de abril, Auro Soares de Moura Andrade, na presidência do Senado, convocou uma reunião extraordinária do Congresso Nacional (senadores e deputados federais) para avaliar a situação. Houve acalorados debates dos opositores e dos favoráveis ao governo de João Goulart. Em meio a esse tumulto, Auro assim se pronunciou:

“O Presidente da República deixou a sede do governo,

abandonou o governo. Assim sendo DECLARO VAGA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA”.

Foi aí que os militares se viram livres para assumir os destinos do Brasil, o que se estendeu até 15 de março de 1985.

FRANCISCO ANTÔNIO MOSCHINI é escritor e ativista na defesa das causas ambientais. Licenciado em Ciências Físicas e Biológicas e em Pedagogia. Desde 2021 é titular da cadeira nº 23 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Euclides da Cunha. Contato com o autor pelo e-mail: fa.moschinisalto@hotmail.com.



A PALAVRA DAS PALAVRAS

João Marcos Andrietta

A palavra é vida, pois dá sentido à existência humana. Através dela é possível expressar pensamentos, conhecimentos, sentimentos, comportamentos, ensinamentos, manifestar opiniões e emoções mediante a linguagem escrita ou falada.

Considerando o fato de a palavra possibilitar as condições necessárias para proferir ensinamentos, eis que surge a riquíssima oportunidade de ocupar este espaço com “A Palavra das palavras”.

Nesse aspecto, a centralidade deste texto começa com a escolha de uma palavra ligada aos acontecimentos contemporâneos, que atingem – positiva ou negativamente – proeminente número de pessoas. Na sequência, correlacionar situações envolvendo a palavra com o que afeta as pessoas. E em seguida, apresentar para reflexão um trecho da “Palavra das palavras”.

Assim sendo, se perguntarmos aos integrantes do nosso círculo de amigas e amigos: O que elas e eles – excetuando bens materiais – mais queriam ter? Certamente ouviríamos como num uníssonos: Quero paz!

Obviamente, o desejo de paz é consequência do estado atual do mundo marcado por violências, perturbações,

desentendimentos e hostilidades. Tais circunstâncias alcançam sobremaneira pessoas mais suscetíveis aos estresses mencionados, que passam a vivenciar os infortúnios do conflito existencial, ou seja, são incapazes de terem paz interior.

Porém, “A Palavra das palavras” indica claramente – para qualquer pessoa – o caminho da paz: “Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não é a maneira do mundo que eu a dou. Não se perturbe, nem se atemorize o vosso coração” (João 14, 27).

Outro tema que requer as luzes da “Palavra das palavras” é o tempo, pois comumente escutamos as pessoas reclamando: “Não tenho mais tempo para nada”; “As horas estão passando rápido demais”; “O dia precisava ter 30 horas”. Além de muitas outras queixas semelhantes.

Ora, o dia continua tendo 24 horas, a hora 60 minutos e o minuto 60 segundos. Logo, tudo permanece como sempre. Então, o que mudou foi o comportamento das pessoas em relação ao uso de suas ocupações, porque assumiram tantas obrigações desnecessárias que chamam de compromissos, mas na verdade são terríveis e persistentes ladrões do tempo.

Desse modo, o tempo se tornou um bem preciosíssimo que por esse motivo devemos saber administrá-lo com primazia. Assim, “A Palavra das palavras” revela por meio da sabedoria contida no livro sapiencial – a Bíblia cristã – do Eclesiastes o magnífico ensinamento a respeito do tempo: “Para tudo há uma ocasião certa; há um tempo certo para cada propósito debaixo do céu: (...) tempo de chorar e tempo de rir, tempo de prantear e tempo de dançar, (...) tempo de abraçar e tempo de se conter, tempo de procurar e

tempo de desistir, tempo de guardar e tempo de jogar fora, tempo de rasgar e tempo de costurar, tempo de calar e tempo de falar, (...) tempo de lutar e tempo de viver em paz” (Eclesiastes 3, 1-8).

Existe, também, na atualidade o seríssimo dilema da ansiedade que abrange muita gente e provoca efeitos desastrosos, sobremodo: as crises de pânico; desarmonia interior; conflitos íntimos e angústias da alma.

Dessa maneira, além dos devidos cuidados de profissionais da Saúde, um poderoso antídoto para combater os males da ansiedade também pode ser depreendido da “Palavra das palavras”, isto é: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus” (Filipenses 4, 6-7).

Contudo, igualmente problemático é o padecimento da depressão nos dias atuais, visto que a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a depressão como “a doença do século (...) e atinge, hoje, mais de 300 milhões de pessoas no planeta”¹. A realidade do Brasil aponta: “é o país com o maior número de pessoas que sofrem de depressão na América Latina, segundo o Ministério da Saúde”². Ademais, é inquietante a confirmação feita pela Organização Pan-Americana da Saúde que indica: “Sintomas como (...) falta de estímulo para realizar até as simples atividades do dia a dia fazem da depressão a principal causa de incapacidade em todo o mundo”³. Por isso, “A Palavra das pala-

1 Cfr. Portal Brasil Paralelo; Tema: Depressão; Publicado: janeiro-2023

2 Cfr. Idem.

3 Cfr. Idem.

bras” adverte: “O coração ansioso deprime o homem (e a mulher), mas uma palavra bondosa o anima” (Provérbios 12, 25).

Levando em conta as afirmações e informações elencadas até aqui é adequado prosseguir com a presente reflexão suscitando os resultados da prática contínua do amor.

Tratando dessa temática “A Palavra das palavras” é fecunda em sábias lições que facilitam a convivência social, sobretudo no momento que vivemos estigmatizados por polarizações, embates ideológicos e a banalização de valores éticos, morais e cristãos. Então, mesmo nessas condições complexas “A Palavra...” também propõe uma resolução, por exemplo: “Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem” (Mateus 5, 44). E ainda: “Se alguém afirmar: Eu amo a Deus, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1 João 4, 19-20).

Entretanto, vale a pena enfatizar que “A Palavra das palavras” privilegia o tema do amor por meio da notável sabedoria incorporada à Teologia Paulina, cujo destaque central se concentra no chamado “Hino ao Amor” (1 Coríntios 13, 1-13).

Assim, é relevante contextualizar que Paulo Apóstolo escreveu a 1ª Epístola dirigida à Igreja de Corinto (Grécia) – mais especificamente – no Capítulo 13, de forma poética e magistral sobre a supremacia do amor.

O Apóstolo inicia o poema na 1ª pessoa do singular fazendo comparações didáticas sobre a possibilidade da sua negação na vivência do amor e faz com rara excelência literária: “Se eu falasse as línguas dos homens e as dos anjos, mas não tivesse amor, eu seria como um bronze que soa ou

um címbalo que retine. Se eu tivesse o dom da profecia, se conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, se tivesse toda a fé, a ponto de remover montanhas, mas não tivesse amor, eu nada seria. Se eu gastasse todos os meus bens no sustento dos pobres e até me entregasse como escravo, para me gloriar, mas não tivesse amor, de nada me aproveitaria” (1 Coríntios 13, 1-3).

Depois, Paulo lança duas afirmações contundentes e ao mesmo tempo extremamente exigentes: “O amor é paciente, é benfazejo...”. Em seguida, relaciona 8 vícios capitais através dos quais no exercício costumeiro conspurcam a prática do amor, que: “... não é invejoso, não é presunçoso nem se incha de orgulho; não faz nada de vergonhoso, não é interesseiro, não se encoleriza, não leva em conta o mal sofrido; não se alegra com a injustiça, mas fica alegre com a verdade”. E prosseguindo, Paulo realça as consequências para quem alcança plenamente – como ele – a experiência fascinante do amor que: “... desculpa tudo, crê tudo, espera tudo, suporta tudo” (1 Coríntios 13, 4-7).

Na sequência do “Hino ao Amor”, ou seja, versículo 8 até parte do 12, Paulo Apóstolo partilha sua meditação – profunda, amadurecida e imperdível – a respeito de si mesmo no tocante “ao seu autoconhecimento”. E Paulo conclui a sua belíssima reflexão asseverando que: “Agora, conheço apenas em parte, mas, então, conhecerei completamente, como sou conhecido. Atualmente permanecem estas três (virtudes): a fé, a esperança, o amor. Mas a maior delas é o amor” (1 Coríntios 13, 12-13).

Por fim, é preponderante discorrer a respeito dum assunto deveras necessário e inspirador, qual seja: o próximo. Aliás o tema que “A Palavra das palavras” anuncia os

maiores ensinamentos de JESUS, como este: “Respondeu Jesus: “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mateus 22, 37-39).

JOÃO MARCOS ANDRIETTA é Mestre em Engenharia de Produção e foi empresário da indústria por 27 anos. Foi diagnosticado com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) e está acamado há 13 anos. É autor de 4 livros (direitos autorais doados para instituições sociais). É Membro Honorário da Academia Saltense de Letras. Atualmente escreve artigos e palestras.



PALAVRAS QUE FASCINAM

Jorge Duarte Rodrigues

A maior alegria daquele menino, na sua infância, foi a descoberta da existência das letras, que lhe causam fascínio até hoje. Não as de câmbio, de crédito imobiliário, de arrendamento mercantil, muito menos – sem saber até hoje pra que servem – as do Tesouro Nacional, mas sim, as letras da velha cartilha Caminho Suave, que chegou às suas mãos no 1º ano do curso Primário do Grupo Escolar “Tancredo do Amaral”.

A cartilha que associava desenhos coloridos às letras do abecedário, com cada página trazendo no cabeçalho, em tamanho gigante, a primeira letra da palavra seguida da imagem correspondente – A de abelha, B de bola, C de cebola, para ele, tinha mais importância que a Bíblia Sagrada a um sacerdote ou a um evangélico.

O que o deixara ainda mais maravilhado ao decorar as 23 letras – mais tarde acrescidas de k, w e y, era a liberdade de poder agrupá-las da forma que quisesse, resultando em palavras com significados inimagináveis. E mais tarde comprovar que grandes escritores e compositores, com talento e sensibilidade à flor da pele, faziam uso daqueles simples símbolos gráficos conhecidos de todos, para vertem em inesquecíveis cartas de amor, bilhetes carinhosos, romances, contos, crônicas, canções e poesias.

Desde pequeno cresceu entre as letras que saltavam aos olhos dos jornais espalhados pela casa, lidos avidamente pelo seu pai e que serviam de escudo para seu rosto cansado. Sentia orgulho daquele humilde, mas crítico e honrado operário da Brasital, letrado somente até o quarto ano pelo mesmo “Tancredo do Amaral” do filho, que depois de enfrentar um dia sofrido na mais cruel e insalubre seção da tecelagem, após regar a horta e tratar dos seus avinhados, descansava ao folhear, entretido, periódicos dos Diários Associados. O vermelho das letras garrafais da capa do Diário da Noite que tingia suas retinas, certamente aos olhos do seu pai, vislumbrava esperanças num mundo mais humano e uma vida melhor do que a família levava.

Vivia remexendo a escassa biblioteca da casa, formada basicamente por revistas cristãs, biografias de santos, além da Bíblia e do Breviário Romano. Mais importante que o conteúdo dessas publicações era a magia que sentia pelas palavras, iniciando talvez ali, enfronhado nas páginas daqueles impressos, a busca pelo sentido da vida e de uma crença que o menino jamais encontrou.

Não confiava na conhecida falácia de que mil palavras valiam menos que uma imagem. Sua paixão sempre foi por letras que unidas faziam nascer palavras fascinantes como saudade, plenitude, pungente, alameda, dádiva, madrugada, primavera, jade, tecido, ausência, melodia, gentileza, memória, silêncio, outono, teia, poente, lenda, floresta, aurora, amizade, inverno, nostalgia, sonho, drama, legenda, horizonte, videira, parábola, epifania, paisagem, noite, neve, planície, natureza.

Além do poder inquestionável das palavras que quando se avizinham passam a tecer rimas sonoras, iguais a poema, alfazema, emblema, cinema, teorema, serena, fa-

zendo-o enxergar encantamento até em palavras como “tergiversar”, embora seu significado fosse decepcionante, ou seja, inventar desculpas ou pretextos, hábito comum da maioria dos políticos de Brasília, eternos sanguessugas do povo sofrido desse país.

E o menino nunca mais apagou da memória fragmentos de um monólogo que presenciou ainda adolescente, no palco da escola, intitulado “Esta Noite Choveu Prata”, do renomado dramaturgo Pedro Block, que já ouvia desde criança seu irmão mais velho que ele, ator de teatro, ensaiar: “... *Choveu prata em minha vida, nos meus caminhos, bem como também hoje choveu prata em meus cabelos...*”.

Admirador do poeta pantaneiro Manoel de Barros, não se cansa de repetir trechos dos seus versos que exalam encantamento e doçura por meio de palavras: “... *Borboletas já trocam árvores por mim, enquanto enxergo o cheiro do sol; as palavras me escondem sem cuidado; aonde eu não estou as palavras me acham; quero a palavra que sirva na boca dos passarinhos; só uso a palavra para compor meus silêncios*”.

Um pouco mais do lirismo aparentemente ilógico de versos singulares revestidos de natureza do poeta mato-grossense: “... *Não pode haver ausência de bocas nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou. O meu amanhecer vai ser de noite. Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção. O que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o ilogismo. A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas. Queria que a minha voz tivesse um*

formato de canto. Só uso a palavra para compor meus silêncios”.

Já a estreia do menino de calças curtas na junção de palavras românticas foi um verdadeiro desastre. Metido a poeta, o bilhete apaixonado que ele rabiscou na carteira escolar e que atirou em direção à primeira amada da sua vida, foi se alojar caprichosamente no penteado de dona Otília, o que lhe valeu um doído puxão de orelhas da saudosa professora.

Desse episódio curioso e engraçado restou-lhe uma doce e terna amizade com Célia, a linda ex-colega de classe, destinatária felizarda por não ter passado pelo vexame e chateação de cair-lhe em suas mãos uma tola, inocente e desarticulada mensagem de amor.

JORGE DUARTE é graduado em Letras (Português/Inglês). É jornalista e atua como redator, cronista e revisor. Desde 2014 é titular da cadeira nº 29 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Pablo Neruda. Contato com o autor pelo e-mail: jorge@tapera.com.br



UM OLHAR SOBRE O PENSAMENTO E A LINGUAGEM

Mércia Falcini

Um dos objetos de estudo obrigatório na graduação em Pedagogia me chamou a atenção logo de cara: Pensamento e Linguagem. Sabe aquela aula que você torce para começar e não terminar nunca? Era assim comigo nos bancos da universidade.

Compreender que a relação entre o pensamento e a linguagem é um processo, um movimento contínuo de vaivém do pensamento para a palavra e vice-versa, conduziu minha carreira profissional de um jeito indescritível, mas não sem uma boa referência: Vygotsky.

Lev Vygotsky, psicólogo e proponente da psicologia histórico-cultural, é considerado pioneiro no conceito de que a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual ocorrem em função das interações sociais e condições de vida. Em sua obra “Pensamento e Linguagem” nos ensina que existe uma fundamental inter-relação entre o que pensamos e o que ouvimos e ou dizemos – um proporcionando recursos ao outro; e, com isso, defende que a linguagem tem papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

Posto isso, trago algumas lições aprendidas e influen-

ciadas por essa teoria, ao longo dos meus últimos 30 anos de existência, na mistura da vida profissional e pessoal.

A linguagem que mora dentro da gente nos escraviza para o bem ou para mal. Lya Luft, em “O Silêncio dos Amantes”, diz que “as palavras são como plumas ou punhais: jogadas de um lado para outro, naufragam verdades e emergem fingimentos”.

Na sala de aula, as plumas ou punhais determinam a vida dos alunos: constroem ou destroem potenciais. Por isso, nos processos de formação de professores, a reflexão também deve abordar a força das palavras ditas ou silenciadas. A incomunicabilidade, o silêncio quando deveríamos falar e a palavra quando deveríamos ter calado são partes do drama humano, sobretudo no período de formação.

Na obra aqui citada, de Lya Luft, as histórias narradas pela autora são recheadas de conflitos familiares, como a busca de um sentido da vida, rancores e solidões sentidas dentro dos lares, incompreensão e dores, mas também magia e amor, superação e conforto, vínculos e amizade construídos nos relacionamentos e movidos pela palavra.

Conforme avançamos nas páginas do livro, percebemos que a comunicação entre pessoas que se amam resulta em tragédias e vidas assombradas pela culpa, mas também faz com que se abram os olhos para novos caminhos possíveis. Um casal supera as dores do passado e encontra um novo caminho bastante singular; a rotina não permite enxergar o drama de quem está ao nosso lado; a mágoa e a revolta explodem numa libertação violenta; o preconceito em relação ao diferente pode ser mortal; a superficialidade impede de viver um verdadeiro amor; a morte revela o valor da vida: todos somos tocados pela narrativa que tece o fio condutor do pensamento e nos permite, ou não, enfrentar a comple-

xidade da existência humana.

Em tons diferentes, Luft e Vygotsky nos dizem a mesma coisa: a palavra tem poder. E é com ela que podemos avançar nos dilemas impostos pela vida. Quando pensamos em diversidade e inclusão, mais ainda devemos cuidar da comunicação. Em muitas situações, bastam palavras cuidadosas ditas mansamente para incluir, acolher e respeitar. Como diz a personagem de Mia Couto, no conto “O Homem, o Velho e o Tempo”: “Não era de água a sua sede. Queria palavras, não dessas de uso e abuso, mas palavras tenras como o capim depois da chuva. Essas de reacender crenças...”.

Aliás, ainda que o assunto seja polêmico, o uso da linguagem neutra é mais uma das lições que aprendi partindo da teoria de Vygotsky. Se a linguagem e o pensamento são recursos indissociáveis na construção da aprendizagem, a sua desconstrução também requer os mesmos recursos. Ou seja, a narrativa é peça fundamental no combate das crenças limitantes e da exclusão. O preconceito torna-se visível na comunicação informal, na fala espontânea e nas frases que escolhemos para descrever uma ou outra situação. A linguagem neutra não é frescura, ela tem a função social de contemplar pessoas não binárias, que não se reconhecem nem no gênero masculino, nem no feminino. E elas existem, concorde você ou não, elas são reais.

É real também o potencial de uma boa roda de conversa. Na sociedade da diversidade e do imediatismo, vivemos num mundo de excessos, de aparências e ritmos frenéticos. Somos requisitados a dar respostas o tempo todo, em segundos, sem diálogo e reflexão. A conversa faz falta.

Minha amiga Isabel Parolin, mestre em teoria de aprendizagem, adora as conversas que acontecem em roda, por-

que entende-as como poderosos instrumentos de humanização. Eu concordo! “As conversas, quando conversadas, querendo de verdade conversar, liberam o que o grupo precisa ouvir/perceber/sentir/entender para agir. O fato de um dizer, outro replicar, outra pessoa discordar, uma silenciar, outra se mexer e remexer, outra desviar do assunto, desviar o olhar, baixar a cabeça, vai nos propiciando ler e construir o contexto, os conteúdos, as emoções, os entraves e as possibilidades daquilo que se está conversando”.

Nessa perspectiva, termino esse texto reafirmando que somos todos responsáveis pelas palavras ditas ou silenciadas. Somos seres relacionais, tão iguais na condição humana e tão diferentes na manifestação dessa humanidade. Mas, fundamentalmente, somos e seremos todos movidos pela linguagem e pensamento neste complexo mundo relacional.

Porque quando eu não estiver, a palavra estará e continuará estando.

MÉRCIA FALCINI é escritora, política e empresária. Pedagoga com pós-graduação em Teoria e Métodos de Pesq. em Esp., Lazer e Cidadania e especialista em Gestão Educacional. É membro fundadora da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 3, cujo patrono é Paulo Freire. Contato com a autora pelo e-mail: merciasaberes@gmail.com.



GRAMÁTICA: UMA MEMÓRIA

Rafael Barbi

A escrita é uma das atividades humanas que mais está presente na minha vida, seja na minha vida de estudante, na pele de adolescente apaixonado copiando textos de Caieiro e Pessoa, sem ter a mínima noção de que são literalmente a mesma pessoa, até chegar na vida de historiador e educador, com a missão de dar espaço, por meio da escrita, às múltiplas vozes do passado. Lembro-me que a prática de contar histórias me acompanha desde o ensino fundamental 1, sendo minha lembrança mais longínqua a história contada para a atividade de português do meu amigo, na longínqua terceira série, como nós da geração dos anos 90 conhecemos o atual 4º ano.

Os anos passaram, com eles os níveis de ensino e cheguei na faculdade, que por ironias e encantamentos da vida, tive a História como escolha e, poeticamente falando, sacerdócio. Nesse período, a escrita, ainda tímida e com uma tentativa de parecer muito formal, parecia sisuda demais, mas com entendimento de menos. Na pós-graduação isso finalmente se acertou e, sem falsa modéstia, comecei a sentir que escrevia bem e me sentia seguro de fazê-lo.

Essa ótima sensação, até porque nunca pode ser uma certeza, me acompanhou pelos anos seguintes até retor-

nar à sala de aula. Explico: Um belo dia, fiz a troca de aula como em qualquer escola e entrei no lugar da professora de gramática, que tem uma capacidade admirável de encher lousas e mais lousas com um sem número de regras. Até aí, nada de novo sob o sol.

Porém, ao olhar para a lousa com mais atenção, me chamou a atenção uma série de abreviações que me despertaram lembranças há muito devidamente enterradas. Afinal, nos últimos anos, como todo trabalhador, VT é o benefício que nos possibilita a ida e volta de nossos trabalhos. “Verbo Transitivo”, disse a aluna que viu minha cara de interrogação e parecia se divertir. “Ah, sim! Claro!”, respondi com uma firmeza questionável na voz. Mais para a direita da lousa, vi umas análises das orações usadas como exemplo e, mais uma vez, minha versão de 14 anos se debatia nos fundos da sala 7 do Tancredo do Amaral, com um esforço hercúleo para fazer com que eu me lembrasse o que raios é uma oração coordenada sindética (e como essa palavra tem relação com biologia). Nem tentei no exemplo seguinte que anunciava que aquela se tratava de uma oração substantiva completiva nominal.

Obviamente, o que me surgiu, foi o velho questionamento juvenil que se pergunta quando, de fato, utilizou essas informações na sua vida de egresso do ensino básico. Até dei uma olhada em partes do que já tinha escrito, para tentar relembrar se, no processo de escrita, me utilizei desse conhecimento para compor minhas análises e reflexões sobre acerca dos processos históricos sobre os quais me debrucei. E... nada. Apenas uma sombra que surge do seu âmago para dizer que, talvez, apenas talvez, você não escreva tão bem assim. E, em último caso, questionamos a importância da gramática.

Porém, me lembrei de algo que nem sempre temos a maturidade necessária para identificar: nossos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, forma o que somos. Portanto, a capacidade de usarmos as palavras com o mínimo de ordem, estrutura e regras se deve a todos os conhecimentos que adquirimos, ano após ano, sentados e tentando realizar a bendita análise sintática daquela oração toda colorida, na lousa de giz da sala 7 do Tancredo do Amaral ou na sala, que mais parecia um aquário, do 3º EM 2 da ETEC Fernando Prestes. Ufa, todos os meus “eus” podem parar de se debater e viver em paz com minhas lembranças. Sabemos gramática e, aparentemente, sabemos o que estamos fazendo.

P.S: Professores de Gramática, LPL, Português e afins que passaram pela minha vida acadêmica... Vocês conseguiram!

RAFAEL BARBI é Mestre em História pela Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (2016), possui graduação em História pela Universidade de Sorocaba (2011). É autor do livro “Festejos, Liberdade e Fé”, publicado em 2021, além de artigos e resenhas acadêmicas.



PALAVRAS SÃO FLECHAS

Toni Tordivelli

Dona Mariquinha, minha mãe, era muito falante! Herdei dela essa qualidade... Mas, infelizmente, nos dias atuais essa qualidade pode, às vezes, ser um defeito. E dos grandes!

Segundo ela, quem fala muito dá bom dia a cavalo. Dizia isso, constantemente, e cresci ouvindo-a me criticar, mas, mesmo assim, continuei dando meus bons dias aos equinos, muares e outras raças de animais.

Sou faladeira... falo pelos cotovelos! E não só pelos cotovelos, mas pelas pernas e até pelos calcanhares!

Hoje tento falar menos, mas continuo me envolvendo em questões por falar demais, e por emitir meus pensamentos em hora não oportuna. Pelas redes sociais, de vez em quando, me envolvo em tretas políticas por defender meus candidatos, apesar de reconhecer que cada um tem seu ladrão de estimação.

Tenho comichão e, quando menos espero, lá estou eu emitindo meu parecer e me colocando em desafios.

Pelos canais de mídia, consigo falar o que quero e, muitas vezes, entro em fria por defender meus pontos de vista, que discordam da maioria.

Reconheço e sei que as palavras têm poder e muitas vezes esse poder acaba com amizades, relacionamentos, e podem se transformar em verdadeiras armas mortais quan-

do usado indistintamente.

Mas, muitas vezes, as palavras adequadas, empregadas na hora certa, são bálsamos de esperança, de carinho e demonstram amor, confiança e são verdadeiros remédios para nossa alma.

Assim como o ditado popular que diz que “o sangue de Jesus tem poder”, o poder da palavra ilumina, esclarece, anima e nos deleita. Mas, também, nos leva a sentimentos opostos, a brigas e até a rompimentos de amizade.

As palavras podem, com toda a certeza, ser o caminho ou o fim, a verdade ou a mentira, e nos trazer sentimentos de alegria ou tristeza, de amor ou de ódio.

Meu pai era um homem de poucas palavras.

Muitas vezes, seu silêncio era mais significativo que suas poucas palavras. Ele pensava e selecionava cada uma, aproveitando seu significado, sua essência.

Com ele aprendi realmente o poder do sim ou do não, principalmente.

São palavras que possuem peso, portanto devem ser pensadas, avaliadas e analisadas, antes de serem proferidas.

Sempre pensei assim.

E, quando minhas crianças me questionavam algo, nunca dava a resposta imediata, pois um “não”, não deveria ser mudado rapidamente. Procurava ganhar tempo dizendo:

- Vou pensar!

O “sim” como o “não” traz consigo seu peso, e não deve ser usado esporadicamente, a torto e a direito.

Sou do tempo do sentimento valorizado, do beijo que significava amor, das verdadeiras amizades, do coleguismo e de tantas outras coisas que, hoje em dia, saíram da moda. Mas ainda cultivo as palavras, procurando usá-las com carinho, adequando-as às necessidades específicas, segundo

seu poder.

Portanto, procuro sempre palavras positivas, cheias de significado, palavras carregadas de otimismo que nos empurrem para frente e para o alto! Palavras têm poder, com toda a certeza.

Se fechar os olhos, consigo ouvir meu pai, o deficiente mais eficiente do mundo, aquele homenzinho sofrido e marcado pelas agruras da vida, me dizendo:

- Estude, minha filha. Só assim você vai mudar o mundo, o seu mundo.

Aprendi com ele o valor de cada palavra, de cada vírgula, de cada ponto.

E cada palavra, cada ponto e cada vírgula podem desencadear guerra ou paz.

Optei pela paz, pelo poder positivo de cada palavra.

Optei pelo amor às letras. Optei por ser, além do lar, ser de ler!

Cerquei-me de bons pensamentos, de otimismo, de vontade de vencer, de lutar e de jamais desistir da luta.

Só os que persistem podem colocar a coroa da vitória em suas cabeças, e se considerarem vencedores.

A vida se encarrega de entregar os prêmios e os louros.

Muitas vezes esses prêmios demoram para serem entregues, muitas vezes são entregues em cerimônias simples, sem plateia, sem aplausos, mas merecidamente, com garbo e elegância, de coração. Outras vezes, nem são entregues.

Mas sempre e sempre deixam marcas profundas na alma e no coração de quem ama e faz uso das palavras certas, poderosas, positivas e cheias de carinho.

Devemos, portanto, escolher as palavras certas, que brotem de nosso pensamento mais carinhoso, mais gentil, mais simples.

Deus, nosso Pai, assim o quer! Façamos assim, então, a Sua vontade.

Ele não faz questão de palavras rebuscadas, difíceis e arcaicas.

Ele quer que sejamos simples, mas saibamos reconhecer o poder de cada palavra, esse poder que transforma o mundo, que desencadeia amor ou ódio, guerra ou paz, alegria ou tristeza, risonha lágrima, apuros ou aplausos.

Cada sílaba tem seu poder e juntas formam e exprimem nosso pensamento, nossa opinião, nossa ideia.

A palavra tem poder transformador quando sai de nossa boca e é usada, é empregada. Porém, como flechas, depois de disparadas não podem ser redirecionadas. Atingem o alvo diretamente, em linha reta, vencendo distância. Portanto, o dever de selecionar, adequar e conscientizar deve ser mantido, para não reclamarmos do seu peso, muito menos das consequências de ferimentos ocasionados pela flechada mal atirada.

Cada um deve ter cuidado especial com o seu arco.

TONI TORDIVELLI é professora de Inglês e cronista. Diplomou-se em Letras no Brasil e estudou no American Field Service, nos EUA, onde desenvolveu fluência em Inglês. Desde 2019 integra a Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 8, cujo patrono é Gonçalves Dias. Contato com a autora pelo e-mail: tordivelli@hotmail.com.



PALAVRA É PALAVRA

Valter Berlofa

Sai para lá, palavra, que me persegue, me assusta, me invade. Não consigo ter paz, vivo para expressar palavras.

Faz-me feliz, diz o que penso, provoca, cala o outro, me vem na boca, a língua reage, o ouvido tem que ouvir, a mente tem que pensar na palavra que fica martelando, a batida que dá, o som da palavra a trepidar, sou seu escravo, não consigo sair sem a última palavra.

Diz o tempo todo, busca incomodar, provoca as letras, não as deixa em paz, faz um embaralho, junta tudo e faz de tudo.

As letras correm, ela vai atrás, mesmo indo longe, faz de todas uma.

Soma, subtrai, vira uma salada, e as letras perdidas não escapam de ser palavra.

No caça-letras, mesmo em segredo, volta a ser palavra.

Seja no pensamento, seja lá na língua, seja com a boca fechada, as mãos balançam para lá e para cá e os sinais caem nas palavras.

O surdo ouve, o cego lê, o mudo fala, pois da palavra não escapam: transforma e desenha, ela vai além do ver, ouvir ou falar.

Tudo reflete na mais pura delicadeza do tom, pode gri-

tar a palavra, pode fingir que não ouve, pode não crer, mas ela dita o rumo.

Palavra é Palavra!

Temos um pacto, digo a palavra personalidade, digo a palavra verdade, digo a palavra mentira, digo a palavra felicidade, digo a palavra tristeza, é uma palavra que expressa.

A tudo traduz, palavra chinesa, americana, portuguesa, inglesa, japonesa, espanhola e outras, faz de tudo para não ser entendível, no fim tudo é a mesma, apenas trocam-se as letras, só faz firula, no fim é palavra revelada.

Palavra confunde, perde o sentido, desmaia, finge, dissimulada, não foge, enrola, critica, palavra abusada.

De onde vem, seja baixo, alto, a palavra estica, sobe e desce.

Aguarde, palavra. Mesmo pensando duas vezes, ela vem, às vezes ruim, às vezes amiga. Descuide para ver como ela arrasa, pode vir no bom sentido, outras vezes para arrasar.

Vivo pela palavra, morro também.

Namoro pela palavra apaixonada, caso pela palavra sim, engravidado pela palavra sexo, o parto vem pela palavra nascer, a palavra criança se transforma na palavra emoção.

Faz de conta que não existe som no vasto espaço, mas tem a palavra vazio, silêncio, vai para Marte, tem a palavra vermelho, se quer ficar sem palavras, fica quieto, e vem o pensamento cheio de palavras de novo.

Posso dizer que não quero palavra, ficar na palavra meditar, mas na palavra refletir ficará.

É talvez a única opção, ignorar algumas para ter outras,

não tem onde ir mesmo sem palavra, vai ter que conceder a palavra.

Da palavra confia, ignora, finge, perturba, entende, compreende, cria, apaga, uma surge outra desaparece.

Palavra é Palavra.

Quero controlar, a palavra encanta, a palavra fala, faz de você gato e sapato, dá a volta, enrola, não adianta, a palavra vem, surge um herói, surge um vingador, tudo é palavra, o grande mito que atinge, que é superior, a palavra supera, tem poderes de manipular, de curar, de venerar, de enaltecer, sempre é a palavra que manda.

Na palavra ganha sem competição, a palavra está à frente, palavras correm mais, surge a palavra campeão.

Palavra é Palavra!

A palavra surta, faz o berro, exalta, esperneia, manifesta, expressa, palavra de discórdia.

Quando não, a palavra bagunça, incendeia, faz a palavra feia, achincalha, remonta na palavra de discórdia.

A Palavra forte, devaneia na força da palavra, derruba, amedronta, impõe, na palavra poder.

A palavra desequilibra, manipula, afugenta, derruba, na palavra impotência.

Quem somos no poder da palavra, dela reflete a determinação, o alcance, a soma de tudo que deseja, na palavra vitória.

O ser ou não ser, faz da vã filosofia um desafio na palavra pensar.

Não subestime a palavra determinação, participa de outro nível de compreensão, o toque da autenticidade refletido na palavra quero.

Da Palavra assumida, a responsabilidade, o todo para a palavra honrar.

São todos gestos das palavras que movem moinhos, palavras uivam o vento, buscam o caipira na roça, as palavras cantam, o galo de manhã faz o cocoricó, apenas palavras manifestadas.

Ela passa pelo tempo, fortalece no presente e ecoa no futuro, onde todos vão utilizar pelo existir da raça humana, na palavra eternidade.

Temos tudo e tão pouco, carregamos o destino nas mãos, pois arrastamos uma palavra de fé, sendo a base de tudo, conduzimos por um fino fio, acreditar, no que foi escrito através das palavras por gerações.

A criança que já ouve as palavras doces e meigas de sua mãe, na palavra amor, pai que já passa a palavra firme do primeiro não, que expressa valores, cria caráter, dignidade, na palavra educação.

Da relação dos jovens namorados, tudo tem sentido, na palavra paixão.

Carregar no ventre uma criança que faz o direito à vida, na palavra gestação.

Somos dignos, lutamos por valores, buscamos ser iguais, sem preconceito criamos justiça, na palavra direito.

Num dos maiores cataclismos da humanidade vêm as águas, consome o pecado, varre a humanidade, na palavra dilúvio.

Do maior livro de palavras já escrito sobre a conduta e a história do ser humano, a palavra não tem preço, e como crer na bíblia a não ser pela Palavra Fé.

Quero correr para a eternidade, envolto de um manto

de alegria na palavra felicidade.

Saltar pela humanidade, perceber o que realizei, na palavra reconhecimento.

Perceber que não sou perfeito, correr riscos, sonhar alto, buscar conquistas na palavra vitória.

Tanto faz. Palavra é Palavra.

VALTER BERLOFA LUCAS é graduado em Administração. Estudou Filosofia no Seminário da Ordem Premonstratense. Atualmente é Administrador de Condomínio e Síndico Profissional. É autor dos livros “O vira-lata Sargento” e “Palavras soltas”. Integra a Academia Saltense de Letras desde 2019, onde ocupa a cadeira 27, patrono Luís Vaz de Camões.





ENSAIOS

ENSAIO SOBRE OS YANOMAMI E OS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL

Alberto Manavello

Chegando aqui no Brasil, e tendo nascido e estudado na Itália, pouco conhecia dos problemas dos indígenas. Tudo se resumia a poucas páginas da história de alguns povos, descobertos principalmente lá pelos séculos XV/XVI, na América e no continente africano.

A Europa toda, há séculos, tinha deixado para trás esses fatos históricos. Por isso os europeus davam pouca importância a esse problema.

O europeu pensava que preservar a cultura do povo indígena não era muito inteligente. Melhor seria se os “índios” evoluíssem rapidamente para a modernidade, conquistando seu lugar na sociedade, usufruindo dos avanços econômicos, tecnológicos e sociais.

Depois de 50 anos de estadia, consegui a cidadania brasileira. Aí meus sentimentos, meus interesses e minhas inquietudes concentram-se sobre esta minha segunda pátria que é a esperança mundial de ser o pulmão do planeta.

As florestas, o pantanal, a Mata Atlântica e as outras muitas regiões têm os melhores guardiões dessas riquezas

naturais e os povos indígenas fazem muita diferença.

Quase todos os jornais do País informam que os povos indígenas, com destaque para os Yanomami, têm escalado os primeiros lugares do interesse público, criando um clamor social generalizado.

A desnutrição de crianças recém-nascidas, de idosos sem condições de trabalho, somando-se à violência dos garimpeiros ilegais na reserva indígena, têm deixado esse valente povo em situação desesperadora.

Com a Graça de Deus, a sociedade está reagindo e está cobrando do Governo ações para a proteção e preservação dos que chamei “guardiões da natureza amazônica”.

Como membro da ASLe (Academia Saltense de Letras), julgo ser importante que assumamos o papel de formadores de opinião e advoguemos com energia sobre essa causa inadiável. Precisamos pressionar os empresários, o governo e os políticos de todos os partidos.

Os jornais informam sobre abusos que são um vergonhoso escândalo fora da curva, cometidos por grileiros, empresários e políticos.

Meninas são vendidas como escravas sexuais, verdadeiras prostitutas treinadas.

Às crianças que precisam de muito amor lhes é entregue o terror da pedofilia.

Os peixes pescados estão contaminados pelo mercúrio usado na busca do ouro, contrabandeado pelos grileiros, independentes ou empregados dos “donos” de alguma propriedade da região.

Outros animais bebem dessa mesma água. Caçados

pelos indígenas, comem sua carne contaminada, deixando muitas pessoas doentes. São Yanomami ou de outras etnias das reservas indígenas.

Etnia significa: originário, aquele que está ali antes dos outros.

Existem muitas etnias no Brasil e, entre elas, me disponho a fazer uma escolha, não digo das principais porque todas são igualmente importantes, mas de algumas das mais conhecidas. Esta é a lista: Guaranis, Ticuna, Terena, Guajajara, Yanomami, Xavante, Pataxó e Potiguara, Tupi, Tapuia e Caraíba.

As quarentenas, impostas pela Covid no mundo inteiro, nos fizeram perceber que somos passageiros do planeta Terra que navega em volta do Sol. Nossa sobrevivência depende dessa navegação.

Pessoalmente, esforço-me para aumentar minha empatia com o próximo. Escuto com mais interesse e paciência a todos. Procuro sempre olhar o “outro”, consciente de que Deus o ama e lembro do Pai Nosso, com o qual se reza assim:

“Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Essa é a condição que Jesus deixou para obtermos o Seu perdão!

Quero aumentar meus conhecimentos sobre este assunto e não vejo outra maneira de fazê-lo, senão procurando novas notícias nos jornais, revistas, televisão, rádio etc. Fico feliz com a mídia que propõe aos leitores um mundo melhor e mais fraterno.

Em recente artigo do Estadão

Aqui alguns trechos da jornalista Fabiana Combricoli,

que entrevistou a Dra. Carla Cristina Ferreira Rodrigues. Ela trabalhou no programa Mais Médicos, dentro do território Yanomami. Graduada em 2016, dedicou sua carreira às populações carentes.

Esse contrato consiste em trabalhar 15 dias por mês dentro da floresta, em difíceis condições vivenciais, agravadas pela escassez de recursos de toda espécie, inclusive para o tratamento de pacientes.

Muitos colegas se desgastavam em pouco tempo. Ela durou 11 meses e, depois, deixou o trabalho por não poder salvar os pacientes e com medo de morrer.

Dormia numa rede com um facão ao lado, por causa da violência dos garimpeiros e de alguns indígenas, “obrigados” a se submeterem como escravos aos mandachugas de turno.

“Víamos acontecer tiroteios frequentes. Um dia, atiraram no nosso Polo de Saúde e tivemos que ser resgatados do banheiro onde nos protegemos”, contou a médica.

“No Polo de Saúde havia uma completa escassez de itens básicos. Por isso decidi separar R\$ 600,00 do meu salário para comprar remédios e insumos básicos”, comentou ainda.

Carla sonha em voltar para junto dos Yanomami, porque é um povo guerreiro, que precisa recuperar sua dignidade. “Precisamos apoiá-los com todas as nossas forças”, disse ela.

A segunda reportagem que me agrada muito é de autoria de Anderson Coelho e Eugenia Logiuratto. Foi publicada no jornal O Estado de S. Paulo:

Indígenas buscam salvar araucária e o próprio povo

Os indígenas Xokleng têm na floresta fonte de alimentos, remédios e espiritualidade.

Diz Carl Gakran que a extinção das araucárias levaria ao desaparecimento de seu povo, os indígenas de Xokleng. Ele é morador da terra indígena Ibirama Laklanõ, em Santa Catarina.

“Nosso povo e nossa cultura correm risco de extinção porque ficamos sem a nossa comida tradicional com a qual estamos acostumados”, declarou Carl Gakran.

Tem havido muito contrabando pelo alto valor comercial da araucária, que está hoje na lista oficial de flora ameaçada de extinção.

Por isso Carl e sua esposa, Gape Grakran, fundaram há quatro anos o Instituto Zag (Araucária), um projeto de conservação por meio do qual têm plantado mais de 50.000 exemplares. São verdadeiros heróis que se dedicam à defesa cívica de altos ideais.

A mídia impressa e falada é consciente da necessidade de entronizar no mundo a bendita fraternidade. O desafio é não permitir excluídos de espécie alguma. Chegou a hora de começar por eles, os excluídos.

Tenho selecionado mais um destaque do Estadão, obra de Edwaldo Costa, muito importante para a continuação deste trabalho:

Yanomamis e instituições: um encontro pela saúde

“Urihi”, a terra da floresta. É assim que o povo Yanomami nomeia o espaço de vida que o cerca. Compreende que a própria natureza é uma força viva e dinâmica de intercâmbio entre humanos e não humanos, onde nada nem ninguém se exclui.

Desbravar esse território brasileiro, onde não se fala português, é entrar em contato com esse coletivo cheio de surpresas escondidas.

Os pajés, sem a floresta, não conseguiriam chamar seus filhos “xapiripé” para protegê-los da fumaça, dos maus espíritos e de epidemias cheias de terríveis doenças.

Nesse espaço místico vivem 2500 indígenas Yanomami. O local fica a 270 Km da capital de Roraima. Ali se reuniram muitas ONGs, o Ministério do Desenvolvimento, as Forças Armadas, Assistência Social, Polícia Federal, Funai, Sesi, Ibama etc para planejar uma ação conjunta de saúde pública.

Na região será instalado um sistema de radar com a capacidade para combater a circulação de aeronaves proibidas e facilitar socorro, entrega de cestas básicas, etc.

Brasileiros de diversos estados realizam um trabalho integrado de assistência emergencial aos Yanomami. Esse é o povo brasileiro solidário que conhecemos.

Observo, como escritor deste ensaio, que essas crenças fantasiosas e mirabolantes, relatadas pelos pajés, nos fazem sorrir junto a outros. Estamos certos ou errados? Tenho certeza de que o respeito que exigimos pelas nossas crenças tem que ser o mesmo que exercemos para a pureza que acabamos de conhecer.

Amigos leitores,

Quero desejar a todos que tenham bons momentos de meditação e que resolvam ajudar este projeto de salvação dos nossos “guardiões da natureza”.

Deixo para vocês pensarem como fazê-lo. Não se esqueçam de que podem pedir que ao Deus de cada um que

esteja sempre ao seu lado para o inspirar as melhores soluções para a salvação deste nosso transporte interestelar chamado Terra.

ALBERTO MANAVELLO é empresário da indústria e escritor. Nascido em Treviso, o italiano seu idioma nativo. Autodidata, publicou, em português, três romances. Desde 2019 é membro da Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 9, cujo patrono é José de Alencar. Contato com o autor pelo e-mail: a.manavello@gmail.com.



AS MÚLTIPLAS FACES DA PALAVRA

Décio Zanirato Jr.

Este desprezioso ensaio sobre a palavra não é de autoria de um linguista, mas de um curioso que tem tropeçado nela sempre que precisa falar ou escrever. Considero “palavra” um termo quase indefinível, equívoco e ambíguo. A palavra, ora valorosa, ora débil, tem seu poder proclamado por muitos, porém, com exceção do “Verbo Revelado” do título desta coletânea, em que assume uma autoridade bíblica, sua caracterização é fluída e fugidia.

PALAVRA DADA

A começar, é possível estabelecer uma distinção básica: o termo tem um significado em si, próprio, e outro em que designa as palavras em geral. No primeiro sentido identificamos seu valor quando uma pessoa diz a outra “dou minha palavra”, como um aval inatacável de veracidade do dito anteriormente por ela. Nesse caso, seu poder é identificado com o peso moral que a expressão carrega, um autêntico compromisso de honra que se sobrepõem a leis e a contratos formais. Quanto às palavras em geral, abre-se um universo de possibilidades a explorar.

COMUNICAÇÃO

A palavra é um dos elementos mais importantes do processo de comunicação. Nele existe um emissor formulando as palavras, que conduzem uma determinada mensagem, e um receptor recebendo-as. Elas são veiculadas pela escrita ou pela oralidade, pessoalmente ou por meio de tecnologias diversas. O mecanismo é objetivamente simples, mas suas implicações são imprevisíveis. O imponderável filtro da subjetividade permeia a intenção de quem as emite e a percepção de quem as recebe. Dizia Michel de Montaigne (1533-1592), ensaísta francês, “as palavras pertencem metade a quem fala metade a quem ouve”, o que pode ser dito igualmente em versos brejeiros:

*As palavras transmitidas com certa intenção e conceito
de outra forma são ouvidas,
Têm seu sentido refeito
e entendido de outro jeito.*

A expressão escrita das palavras é balizada pela gramática e pelo estilo, condicionados pela escolaridade e pela cultura. A oral, pela ênfase e entonação temperadas pela sensibilidade. Esses ingredientes variam em graus e níveis entre as pessoas, o que complica o processo e exige alguns cuidados. Na transmissão oral, p. ex., vale o conselho de um poeta persa do séc. XIII:

*Eleve suas palavras,
não sua voz.
É a chuva que faz florescer,
Não o trovão.*

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

A denotação é a forma, campo da morfologia, a literalidade da palavra, o significante, símbolo que designa seu sentido principal, básico e objetivo. A conotação é seu significado ampliado, área da semântica.

Uma palavra pode ter outros significados além do principal, dependendo do contexto em que é usada e das diferentes percepções individuais. A palavra “abacaxi”, p. ex., nomeia uma fruta em sua acepção principal, mas em outra situação pode significar algo depreciado, de pouca qualidade. Um elogio, igualmente, em certa circunstância, pode ter a conotação de uma ironia ou crítica velada.

SINCRONIA E DIACRONIA

A sincronia diz respeito à variação e à interrelação das palavras no espaço em um dado momento. Cada nação tem sua língua e esta tem seus dialetos. Existem ainda diferentes pronúncias e sotaques regionais no mesmo idioma. Há também uma multiplicidade de palavras diferentes que designam o mesmo objeto e, simultaneamente, de palavras semelhantes que se referem a objetos diversos.

A diacronia considera a evolução da palavra no tempo. Desde sua gênese, as palavras mudam na forma e no significado, de acordo com as transformações nos usos e costumes, nas relações entre as pessoas, na cultura e nos valores de um momento histórico.

PALAVRAS E PENSAMENTO

Com as ideias vêm as palavras; ou será o contrário? O ovo ou a galinha, o que vem antes? Na evolução, ideias e palavras foram forjadas no embate dos humanos com a natureza, na construção da cultura. Indicações existem que

palavras, orais e escritas, e pensamento são entrelaçados no processo de comunicação. O pensamento concebe as palavras e estas o retroalimentam. Essa parece ser a razão para que, em geral, quem fala ou escreve bem pense bem ou vice-versa, quem pensa bem fale ou escreva bem.

Com o desenvolvimento do processo civilizatório e a valorização do comportamento racional, gera-se a expectativa que os humanos, conscientemente, sempre pensem antes de agir, falar ou escrever, embora contingentes deles, por temperamento ou por adesão irrefletida a doutrinas e dogmas, insistam em inverter essa ordem.

FORÇA E FRAQUEZA

A palavra é, paradoxalmente, dotada de força e fraqueza. Se, de um lado, ostenta um poder transformador, de outro, evidencia fragilidades e descaminhos causados muitas vezes pela desmesurada crença nesse mesmo poder.

Roland Barthes (1915-1980), teórico literário e filósofo francês, declarou que “o objeto em que se inscreve o poder, desde toda a eternidade humana, é a linguagem”. Segundo ele, as palavras são poderosas e transformadoras até quando conversamos ou escrevemos em ambientes triviais de família, amigos e colegas. Algo muda nessa interação social. Quando colocadas em discursos de líderes e alimentadas por ideias fortes e mobilizadoras, ganham um enorme poder motivacional que pode provocar transformações significativas nos povos e nações. Foi o que ocorreu, *verbi gratia*, com discursos históricos famosos como os de Winston Churchill (promessa de “sangue, labuta, lágrimas e suor” feita à Câmara dos Comuns Britânica, ao assumir o cargo de 1º Ministro durante a 2ª guerra mundial), Mahatma Gandhi (defesa da não-violência no Congresso Nacional

Indiano, antes da Índia tornar-se independente), John Kennedy (afirmação do testemunho e da responsabilidade de uma nova geração, feita ao Congresso Americano em sua posse como Presidente), Martin Luther King (discurso pelos direitos civis no Memorial de Lincoln com o refrão “eu tenho um sonho”) e Nelson Mandela (apelo à reconciliação e à união entre negros e brancos, feito em sua posse como Presidente da África do Sul).

Em sentido contrário, as palavras são empobrecidas e perdem significação quando não são usadas com a espontaneidade desenvolvida no processo cultural histórico; quando são renegadas ou brandidas apenas como instrumentos de afirmação de valores grupais, políticos ou ideológicos. É o terreno das mentiras, das palavras de ordem sem reflexão, das notícias falsas e, também, das improdutivas censuras a palavras e dos injustificáveis cancelamentos a pessoas promovidos por ativistas mais afoitos dos movimentos identitários, que acabam persistindo pela chancela a eles conferida pela sociedade. Como decorrência, o cunho ético desses vários juízos cria, estranhamente, palavras boas e más, palavras certas e erradas.

As palavras, por si só, não mudam a realidade e as narrativas inventadas fazem, dentre outras, das palavras suas vítimas. Valem aí as advertências de Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão - “Deveríamos nos livrar de uma vez por todas da sedução das palavras.” - e de Paul Valéry (1871-1945), poeta e pensador francês - “Não devemos acreditar rápido demais em nossas próprias palavras.”

Lembre-se, além disso, que, em situações corriqueiras, o palavrório é fútil e o palavrão pode ser grosseiro e indecente.

CONCLUSÃO

Encerrar estas considerações sobre um tema de inegotáveis possibilidades analíticas como este é difícil e frustrante. As palavras e suas ideias são cruciais para a cultura e a civilização. Afirmção grandiloquente como essa poderia dar conta dessa tarefa com alguma galhardia. Prefiro, no entanto, concluí-la no tom leve e descontraído deste modesto ensaio.

O decisivo teste para o poder da palavra foi realizado com um desafio lançado anos atrás por Millôr Fernandes. À conhecida frase “uma imagem vale mais do que mil palavras” ele retrucava “diga isto com uma imagem”. Diga isso ou qualquer coisa sem palavras.

DÉCIO ZANIRATO JR. diplomou-se em Pedagogia e Direito. Cursou Sociologia na Fesp/SP e Administração no IMD, na Suíça. Integra a Academia Saltense de Letras desde 2013, como titular da cadeira nº 22, cujo patrono é Fernando Pessoa. Contato com o autor pelo e-mail: zanirato@uol.com.br.



PARA BOM ENTENDEADOR MEIA PALA...

Francisco Carlos Garcia

“Não me venham com conclusões;
a única conclusão é morrer”.

Álvaro de Campos

Certa vez, José Saramago, em entrevista no programa do Jô Soares, contou que, chegando ao hotel vindo de Portugal, avisou na recepção que aguardava mensagem urgente. No dia seguinte, antes de sair para gravação, tornou a perguntar se algo lhe havia chegado, ao que a recepcionista respondeu: “Um momento que eu vou CHECAR!”. A reação dele foi instantânea: “Como assim, minha senhora? Vai checar? Por que a senhora não vai verificar? Não vai investigar? Apurar? Averiguar? A senhora não sabia que nossa língua portuguesa é muito rica para usar estrangeirismos?!”. Apesar de minha admiração por ele, achei que, falando daquela forma, ele colocou o sarrafo muito alto; sua reação, além de intempestiva, foi mal-educada!

Naturalmente, isso aconteceu no tempo em que escritor e apresentador ainda viviam. O fato é que não esqueci dessa história e a estou mencionando por duas razões: pelo fascínio que palavras me despertam e por eu estar em clima

de reflexão para a coletânea Asle 2023, com tema: “Verbo revelado - o poder das palavras escritas, ditas ou silenciadas”. Portanto, faço daquela lembrança a largada para minhas considerações.

No livro autobiográfico de Charlie Chaplin, “História da minha vida”, Carlitos narra que ficou maravilhado na primeira vez que viu seu nome escrito. Disse que ficou olhando longamente aquelas letrinhas, achando-as muito parecidas com ele. É por esse encanto que tanto fascinou Chaplin que as palavras também me seduzem e até surpreendem quando inusitadas, como nesta frase: “em briga de saci qualquer chute é uma voadora!”.

Esse meu gosto por palavras decorre do prazer que sempre tive pela leitura e juntas – palavras e leitura – me levaram a gostar de escrever, sem outra pretensão senão pelo prazer. Elas me causam o mesmo estímulo de quem preenche palavras cruzadas. Ocorre que, para escrever, precisamos ter o que contar e chego assim àquilo que chamo “estar em estado de”. Estou sempre atento. Anoto coisas que me surpreendem, a frase do saci ou curiosidades como: na guerra fria, russos e americanos, para fixar suas nacionalidades na corrida espacial, diziam para uma mesma coisa, “cosmonautas” ou “astronautas”, respectivamente!

Isso de anotar começou quando eu soube da coleção de um publicitário: frases. Elas lhe serviam de inspiração em momentos de criação, dizia. Passei, também, a anotar ideias, fatos, pensamentos. Mesmo o que escrevo, eu reservo para maturarem. Quando retomo, costumo reescrevê-los, enxugá-los, extraindo o óbvio para não terem a profundidade de um pires. Aliás, uma frase me ajuda: “numa briga entre dois, sempre existem três verdades; a de cada um e a verdadeira verdade”; reescrevendo, sempre surgem

outras possibilidades. Continuando, retomo o fio das reflexões.

Desde sempre, cada animal, em sua espécie, se comunica entre os seus. Já humanos, dada a evolução, desenvolveram a cognição, subindo de patamar. Só nós temos consciência da dor. Só humanos têm percepção de passado ou futuro e, além da linguagem corporal, nos comunicamos com palavras faladas, silenciadas e escritas. Pela grafia, inclusive, conforme o provérbio latino "*Verba volant, scripta manent*", nós registramos coisas e transcendemos a própria morte, futura e certa. Mesmo porque, a força da palavra, como registrada no Gênesis, já na primeira frase diz "no princípio havia o verbo". Aliás, só sabemos disso hoje, justamente por ter sido escrita, portanto, permaneceu! Resumindo, tenho nas palavras que me encantam um enlevo desde a juventude, quando costumava repetir um mantra especial: "Toda beleza do Universo pode ser contida numa flor ou verso; o poder da palavra é tão grande que mar é monossílabo."

Desse poder mágico envolvendo combinação de palavras, um nome em particular me surpreende demais, um ourives de belezas escritas: Fernando Pessoa! Em seu poema "Mar Português", existem várias frases que todos nós tanto conhecemos como repetimos. Uma delas é brilhante: "tudo vale a pena quando a alma não é pequena". Nesse poema, todo seu conjunto nos remete às conquistas além-mar de Portugal e, já no primeiro verso, ele abre com o soluço de um choro triste: "Ó mar salgado, quanto do seu sal são lágrimas de Portugal". E segue referindo-se aos aventureiros que partiram deixando filhos a rezar, mães a chorar, noivas na eterna espera de se casar. Pois eu diria que, o "sal dessas lágrimas" têm a mesma força daquele "mar" monos-

sílabo. Surpreende pela imensidão e dor!

Outro artesão com palavras, Nobel de literatura como Saramago, foi Ernest Hemingway. Ele mesclou vida de escritor com muito álcool e aventura. Participou de duas guerras mundiais; na primeira, como motorista da Cruz Vermelha e, na segunda, como repórter, presenciou o desembarque na Normandia. Sobreviveu a dois acidentes de avião, no Congo Belga, quando, apesar da queda, teve sorte de sofrer só ferimentos leves. Já em Entebbe, Uganda, seu avião explodiu na decolagem, provocou-lhe ferimentos sérios: fratura de crânio, deslocamento do ombro, lesões críticas nos rins, fígado, vértebras fraturadas. As dores da recuperação agravaram seus problemas com álcool, culminando com seu suicídio em 1961.

O fato é que, o nome Hemingway entrou aqui como criador do estilo “*Six Words Stories*”. Em português, “história de seis palavras”, um texto curtíssimo que começa, mas não acaba. As palavras continuam reverberando e faiscando na livre interpretação de quem as lê. Além de “Por quem os sinos doam” ou “O velho e o mar”, veja a genialidade desse “*Six Words*” dele: “Vende-se: sapatos de bebês, nunca usados”. As ideias não só não se encerram, mas abrem possibilidades de digressões ao leitor: Quem está vendendo? Qual a razão? Por que eles nunca foram usados? Qual a cor ou quanto custa o par? De quem seria(m) esse(s) bebê(s) ou sapatos?

Parecido com esse estilo “*Six Words*”, um outro gênero de literatura, curto mas substancial, prima por concisão, forma, beleza e surpresa. Estou falando do *Haikai*, gênero literário de origem japonesa, mas que vários brasileiros nos brindaram com o uso. Mário Quintana deixou: “Esses que aí estão, passarão. Eu passarinho!”. Millôr Fernandes é ou-

tro de registros memoráveis: “Esnobar é exigir café fervendo e deixar esfriar”. Como existem muitos outros, cito só mais um, Paulo Leminski: “De colchão em colchão chego à conclusão: meu lar é no chão”.

Cada um deles – Pessoa, Hemingway, Quintana entre outros – nas diferentes propostas e habilidades, sempre me encantaram. Parece terem criado algo novo, mas na prática é algo antigo que só se renova. Aristóteles disse: textos são palavras bordadas e costuradas. Registram pensamentos que foram tecidos pelas mãos hábeis do tecelão. Essa é na verdade a mágica central das palavras. O que de fato acontece é que o “escritor tecelão”, só reorganiza as palavras existentes, vestindo-as de novas roupagens, como acontece em palavras cruzadas. São sempre as mesmas em novos desafios!

Na leitura de uma coletânea “história em seis palavras”, topei com achados que me causaram enorme inveja. Inveja positiva bem entendido! De Adriana Guimarães Costa: “Chorei de saudade; ela, de cebola”. Renato Alves foi sutil: “Fez fortuna vendendo espetinhos; odiava gatos”. Jorge Souza, sobre um encarcerado escreveu: “Não tem mais amanhecer, apenas grades”. De cadeia para liberdade, Léo Ottesen escreveu: “Marido morto, ela presa. Estava livre!”. De um último e desconhecido autor, esse triste desfecho: “Quatro casamentos, três filhos, depois câncer”.

Encerro aqui minha arenga de um tema que não se esgota, com uma frase sempre repetida por Arnold Schwarzenegger: “*No pain, no gain*”. É isso, nada vem de graça. Sucesso sempre decorre de esforço. O mesmo acontece com palavras, sempre as mesmas. Textos que tanto nos fasci- nam, exigiram esforço em sua urdidura, como testemunhou Clarice Lispector: “Não, não é fácil escrever. É duro

como quebrar pedras!”. João Cabral de Melo Neto, falando das dificuldades em lapidar palavras por serem incorpóreas, ensinou que é como escolher feijão. Jogam-se ideias numa folha e, como se descartam grãos que boiam, deve-se cuidar das palavras ditas, sussurradas, silenciadas e escritas. Como flechas quando lançadas, também não pegamos palavras. *Verba volant*. Já com palavras escritas, o cuidado é maior porque permanecem. *Scripta manent!*

FRANCISCO CARLOS GARCIA é professor do Ensino Superior. É graduado em Administração e Mestre em Gestão Estratégica de Negócios. É membro fundador da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira de nº 13, cujo patrono é Monteiro Lobato. Contato com o autor pelo e-mail: francarcia@gmail.com



DO ANONIMATO À HISTÓRIA

Katia Auvray

“Eu queria dar para ela o presente mais bonito do mundo: uma sombrinha, um corte de tecido e uma bolsa feminina. Tudo da mesma cor, azul”.
Benjamim João, o seu Beijo (1933-2008).

Sob uma montanha de ruínas arquitetônicas e de vidas ceifadas compulsoriamente ao longo de quase 40 anos, pérolas são colhidas quando há quem se disponha a ouvir e a escrever.

Benjamin João, o “seu Beijo”, viveu no antigo Asilo-Colônia de Pirapetinguy, dos 20 aos 75 anos. A instituição hoje é o Hospital Estadual Especializado em Reabilitação Francisco Ribeiro Arantes (Heerfra), localizado em Itu, São Paulo.

Para lá ele foi levado sem escolha, no tempo em que vigorou a lei paulista 2169, de 27 de dezembro de 1926, destinada aos leprosos. Os doentes eram denunciados por suas famílias, vizinhos, amigos e professores, e encaminhados à instituição, um dos cinco asilos-colônia do estado. Outros se espalhavam pelo País, num total de 35.

Aos 70 anos e pilotando uma cadeira de rodas, o gentil senhor de cabelos brancos se aproximou para contar a sua

história. A voz era mansa e tranquila. O bem organizado discurso colocava os fatos com precisão. Difícil acreditar que aquele homem só estudara até o 3º ano do antigo primário, além de um ano, na década de 1970, com um padre como professor. Para ele, o pouco tempo de estudo foi compensado pela leitura durante toda a vida.

Sua infância foi vivida na lavoura, junto com os pais e mais sete irmãos. A família de lavradores se mudava sempre em busca de trabalho, passando pelos estados do Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

A doença se manifestou quando tinha apenas 3 anos. Aos 7, apanhava do pai porque se coçava muito. Ignorante, a família acreditava que os problemas de pele eram “cobreiro” – dermatose com escamas amareladas que, quando arrancadas, produziam ferimentos. A mãe amarrava suas mãozinhas dentro de sacos plásticos para evitar o toque nas feridas. O tratamento empregado era muita benzedura e ervas do mato.

Beijo contou que comeu folha de urtiga em forma de salada e bebeu seu extrato, quando a erva era socada no pilão. Tomou também chás de sabugueiro, de piteira, de almeirão, de salsa e de capim-gordura, mas nada adiantara.

A doença não impedia o trabalho, mas, em casa, quando chegavam visitas, ele era escondido. O avanço do mal o prendeu por seis meses a uma cama. Só depois de uma epopeia de 17 anos é que o pai decidiu levá-lo ao médico. Na época, Beijo contava 20 anos e morava no estado do Paraná.

Foi sozinho que entrou no consultório. Após ser consultado, ficou ali, parado, aguardando o retorno do pai, pois o médico lhe havia dito que deveria ir de ambulância a outra clínica, para completar os exames. Não foi informado sobre a natureza de sua doença. A ambulância chegou e

Beijo estranhou as muitas horas de viagem. Desembarcou no asilo-colônia Pirapitingui, sem passagem de volta.

Ao chegar, descobriu seu parentesco com outra paciente – sua irmã Maria José, desaparecida há anos. Nunca soube que ela tinha hanseníase, pois os pais esconderam o fato. Dois meses depois, Beijo viu a moça pela qual se apaixonou. Era Lili, a jovem por quem chegou a fugir do sanatório, apenas para comprar um presente especial para o Dia dos Namorados. Para isso andou três quilômetros a pé, pelo meio do mato, para não ser capturado, e tomou o ônibus em direção a Sorocaba.

Ao retornar, encontrou um guarda na porta de seu quarto, que o levou à delegacia interna. Por sorte foi solto ileso. “Muita gente apanhava lá dentro”, comentou. A namorada tornou-se sua esposa e viveu com ele durante 42 anos. Tiveram oito filhos que residiram fora do Heerfra e iam visitá-lo. Lili partiu em 1998. Beijo a acompanhou, dez anos depois.

Os asilos-colônia foram frutos de políticas governamentais no Brasil e no exterior, no início do século XX. Criados para confinar, tratar e retirar do convívio social os morféuticos, na crença de evitar a propagação de uma doença cujos mecanismos de transmissão eram desconhecidos na época.

O Pirapitingui foi o maior deles e abrigou, em seu auge, mais de 5 mil pacientes. Além de funcionar como hospital, a instituição reproduzia uma cidadela completa, no intuito de apaziguá-los, que atendia aos doentes de todas as partes do estado, Salto entre elas.

Ainda assim, as fugas eram constantes e punidas com estadias na prisão ou nas alas psiquiátricas, quando as situações saíam do controle.

Eram presos os que se rebelavam contra o sequestro

que sofreram, desafiavam as autoridades, recusavam a se submeter aos dolorosos tratamentos com picadas de abelhas ou azeite de chaulmoogra, os que fugiam ou eram pegos por furtos, roubos ou por bebedeiras.

Entre seus muros e cercas havia plantações, criação de animais, fábrica de ladrilhos, cinema, estação de rádio, cassino, comércios variados, restaurantes, quadra de esportes, prefeitura e cadeia, além de vigias e da área hospitalar propriamente dita. Tudo para criar uma sensação de vida normal aos que para lá foram levados. Muitos se suicidaram, outros enlouqueceram e, mesmo sendo diagnosticados como “curados”, poucos retornaram para suas famílias, que desapareceram ou não os queriam de volta.

Os asilos-colônia tinham um forte esquema de controle, exercido nos bailes, no cinema e em outras situações que proporcionassem o encontro entre os doentes. Beijos, abraços e atitudes íntimas eram reprimidos e mesmo o casamento não era bem visto, necessitando de uma autorização especial. Acreditava-se, na época, que a excitação sexual piorava o estado de saúde dos pacientes.

O controle era ainda maior entre os asilados e os “de saúde” – familiares, religiosos e beneméritos que iam em visitas ou em ocasiões especiais. Uma grande vala os separava no parlatório, onde eram recebidos. Por ela transitava um guarda para impedir qualquer tipo de contato entre eles.

Além da vigilância ostensiva, havia uma outra, feita pelos próprios internos, que relatavam às autoridades da instituição o que viam e ouviam, mantendo de forma permanente entre os doentes, a sensação de serem vigiados.

O conjunto dos edifícios, alamedas, cercas, muros e os mecanismos de controle disciplinar dos asilos-colônia re-

metem ao Panóptico, de Jeremy Bentham, filósofo utilitarista e jurista inglês.

Bentham idealizou, em 1775, um projeto de construção carcerária descrito no livro “O Panóptico”, que consistia em um edifício circular com uma torre ao centro, vazada por amplas janelas que se abriam sobre a face interna do círculo.

As celas eram ocupadas pelos prisioneiros e separadas, sem qualquer comunicação entre elas. Cada uma tinha duas janelas: uma voltada para o interior da torre e a outra para o exterior, para permitir que a luz a atravessasse de lado a lado. Sem ser visto, o vigia na torre central tinha panorama de todas as celas e das silhuetas de seus ocupantes, constantemente visíveis. Para atingir seu objetivo, o Panóptico não dependia da vigilância concreta, mas da certeza do prisioneiro de ser observado dia e noite.

Seu Beijo é um representante de tantos outros que viveram no “Panóptico do Pirapitingui”, e superaram a dor e a falta de esperança. Silenciar para ouvir as suas palavras produz reações distintas, mas a que brotou, que brota sempre do coração de um escritor, é REGISTRAR.

É a palavra que confere sentido ao mundo, proporciona ao indivíduo o acesso ao outro, possibilita a comunicação entre os seres humanos. Quando escrita, captura a realidade e preserva o conhecimento que seria perdido sem a sua existência.

A escrita trouxe até os dias atuais informações sobre os modos de vida de povos que viveram há milhares de anos e sobre tantos outros, confinados nos asilos-colônia brasileiros no século XX.

Empregar a palavra escrita para honrar essa memória é indispensável para que suas histórias e nomes não sejam

esquecidos, assim como preservar as estruturas físicas dos asilos-colônia. Elas constituem valiosos testemunhos das políticas públicas sanitaristas. Seu estudo contribui para a compreensão dos meios de dominação humana, materializados em cidades e instituições.

Katia Auvray é escritora, pesquisadora e terapeuta holística. Graduada em Estudos Sociais pela FAC e em História pela PUC-SP. É membro da Academia Saltense de Letras desde 2013, onde ocupa a cadeira nº16, cuja patronesse é Cecília Meireles. Contato com a autora pelo e-mail: kauvray@outlook.com.



A LIBERTAÇÃO DA PALAVRA

Leandro Thomaz de Almeida

A linguagem é alvo de cerrada vigilância. Gramáticas, gramáticos, livros didáticos, manuais, dicionários, vídeos, sabichões, especialistas se veem no direito de cancelar, censurar, cercear, corrigir, criticar, o modo como se fala a língua portuguesa (ou será brasileira?), que seria pretensamente assassinada, deturpada, escarrada, escrachada, esmagada, estragada, estropiada, estuprada, ferida, vilipendiada, pelo falar bronco, desleixado, errado, feio, grosseiro, precário, torpe, vil, de gente tida como analfabeta, burra, deseducada, ignorante, iletrada, inculta, limitada, limítrofe, *bárbara*. Celebra-se a diversidade brasileira: na música, na arte, na culinária, na dança, na moda, no esporte; na língua, não. Nesta se impõe o modelo único, abstrato, ideal-irreal, europeu; modelo estampado nas gramáticas tradicionais, nos absurdos livros didáticos escolares, nas famigeradas publicações estilo “não erre mais”, publicações todas eficientíssimas em perpetuar a esquizofrenia linguística responsável pela violência simbólica e exclusão real que marcam o modo como se lida com a língua no Brasil.

Já aprendemos que é bom conceder à ciência a palavra naqueles assuntos que lhe cabem: na medicina, na enge-

nharia, na botânica, na genética, na tecnologia, em todos os campos, em suma, do saber e do fazer que dependem do conhecimento aprofundado de seus respectivos objetos. Ignora-se solenemente, no entanto, o que há décadas vem sendo dito por linguistas, os cientistas da linguagem, em matéria de... língua! Reinam as visões pré-científicas, muitas delas com *pedigree* platônico, pois se fala de uma língua existente no mundo ideal, cuja contrapartida seriam as cópias imperfeitas, limitadas, opacas, as línguas reais faladas por pessoas de carne e osso; imperam os preconceitos repetidos à saciedade a ganhar estatuto de verdade inquestionável; predominam os achismos provenientes de observações sem qualquer método, dependentes das idiossincrasias de cada um. Em matéria de língua, portanto, estamos antes da revolução copernicana: o sol a girar em torno da terra é, metaforicamente, a língua a girar ao redor de uma suposta norma culta, que não se sabe exatamente o que é e nem quem a fala.

Vale, aliás, se deter ainda na analogia. Quando Galileu sustentou o heliocentrismo, no século XVII, na esteira do que Copérnico dissera no século anterior, foi julgado e condenado a partir de afirmações cuja sustentação era a interpretação que se fazia de um livro. O que não pudessem ser confirmado na Bíblia não podia ser afirmado como sendo verdade fora dela. A divisa era “ler, em vez de ver; comentar, em vez de verificar”, ao passo que a atitude de Galileu, emblema do que seria a atitude científica por excelência, inverteu a proposição: ver e verificar, antes que ler e comentar. Pois no âmbito linguístico a atitude hodierna ainda é seiscentista: parece somente receber chancela, reconhecimento, estatuto de verdade o que está previsto nos li-

vros, mormente sisudos manuais gramaticais, interessados menos em dizer *como as coisas são* do que em *como devem ser*. Continuemos, no entanto, o paralelo: imagine-se um botânico observando um exemplar da *passiflora incarnata*, a popular flor de maracujá. O que diríamos de sua atitude se, ao invés de descrever suas propriedades, explicar as razões das diferenças de características com outras de uma mesma plantação e detalhar sua composição, passasse a dizer que achava a flor feia ou bonita; errada por não atender seus gostos; defeituosa por não corresponder a suas expectativas; encantadora por ser tudo o que ele esperava de um exemplar da espécie? Poderíamos chamar sua atitude de científica? Deveriam suas meras opiniões estar presentes nos manuais de descrição da flora brasileira?

Passemos à língua: não seria a atitude científica, para além dos gostos particulares, aquela que explicasse os fenômenos que ocorrem em seu âmbito? Aquela que esclarecesse as razões pelas quais é possível ouvir uma palavra como “porta” com “erres” que variam de região para região (quando não de falante para falante)? Aquela que explicasse por que é possível ouvir frases como “eles foram de carro”, “eles foi de carro”, “eles ‘foro’ de carro”, mas nunca “ele foram de carro” ou “eles foi de carros”? Aquela que esclarecesse a absoluta predominância da próclise na colocação pronominal do português (e a canhestra exigência de uso de ênclise)? Atitude científica essa que embasaria as gramáticas (que seriam livros eficientes em dizer como a língua é), que estaria nos livros didáticos, que direcionaria o debate sobre a língua no país. Ao invés disso, o que predomina, quando se fala do idioma pátrio, é uma atitude pré-científica, quando não anticientífica, visível pelo voca-

bulário utilizado diante de variações socialmente desprestigiadas do português: é errado, é feio, dói nos ouvidos...

Assim, o mal-entendido, a incompreensão, a indisposição estão mais do que arraigados na sociedade brasileira. É praticamente unânime a noção de que há uma única língua correta, sendo qualquer manifestação diferente dela alvo das repreensões, das críticas, dos cochichos, dos risos, mais ou menos disfarçados. Veja-se o efeito disso no campo pedagógico: as escolas parecem ser muito eficazes em fazer com que todos *reconheçam* que existe uma língua que parece que ninguém chegará a *conhecer* de fato. Todos chegam e saem da escola afirmando que não sabem falar português; o máximo que se ouvirá é alguém confessar que fala, mas “mais ou menos”, “não muito bem”, “não tenho certeza se está certo como falo”. Isso após doze anos, em média, de bancos escolares... Seguindo essa toada, o brasileiro é aquele que nem mesmo na língua que fala se reconhece plenamente, pois, diante dela, se acha sempre em falta, sempre alguém, sempre alguém que nunca chegou lá. Qual o efeito disso para a autoestima de uma nação? Alguém aí falou em complexo de vira-lata? *Cui prodest?*

Contra os linguistas as acusações são aquelas que comprovam que seus proponentes nunca abriram um livro de linguística na vida: eles, os linguistas, defenderiam que se pode falar de qualquer jeito em qualquer situação, que “o importante é se comunicar”, que não há regras na língua, que não se deve ensinar norma alguma na escola etc. Os que sustentam tal ponto de vista poderiam se dar o trabalho de citar um único livro de algum linguista com boa formação em que tais platitudes estivessem expostas e defendidas. Paira uma incompreensão generalizada sobre os fenôme-

nos linguísticos porque há uma insistência em se ignorar o percurso sistemático de mais de meio século da linguística no Brasil; é bem verdade que as diretrizes propostas pela disciplina já chegaram às orientações curriculares oficiais, mas destas têm passado muito timidamente aos livros didáticos – cujas mudanças parecem ter como alvo que tudo continue como sempre foi – e muito raramente têm alcançado jornais, revistas e televisão, ou seja, visto algum tipo de divulgação em massa.

Quando falamos de língua, no entanto, nunca falamos só de língua. A língua que falamos é o intermédio entre nós e o mundo. Tocamos a realidade sempre pela mediação de uma camada de signos interpretativos, como se nossos tato, olfato, paladar, visão e audição necessitassem de um intérprete que dissesse a todo tempo *do que se trata*. Esse intérprete é a linguagem, manifestada na riqueza particular de cada um de seus possuidores. Interdições sobre as manifestações linguísticas que não correspondem a uma norma erigida como única modalidade legítima não dizem respeito, portanto, apenas a uma questão propriamente linguística, mas tocam no próprio modo de ser e estar em sociedade (conceda-se a palavra à sociolinguística e ela será eficiente em apontar as razões pelas quais as muitas variantes do português, todas lógicas, regradas e estruturadas do ponto de vista linguístico, encontram, ao se exporem na sociedade, avaliações que extrapolam critérios estritamente linguísticos). As alvissaras, no entanto, após o que pode ser considerado uma acusação contra um estado de coisas proposta nesse texto, é que a língua efetivamente falada por cada pessoa sempre encontra uma forma de driblar os interditos. Essa sua característica revela um fenômeno curio-

so: em matéria de linguagem, os conservadores do presente foram os transgressores do passado; é bem verdade que os transgressores do presente poderão se transformar nos conservadores do futuro. Mas esse não precisa ser um destino. A palavra pode um dia finalmente encontrar sua plena liberdade.

LEANDRO THOMAZ DE ALMEIDA é formado em Letras pela Unicamp e Mestre e Doutor em Teoria e História Literária pela mesma instituição. É titular da Cadeira Acadêmica nº 33 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Luiz Castellari.



POR NARRATIVAS OUTRAS, POR OUTRAS PALAVRAS

Marco Ribeiro

O processo de escrita da história passa por um conjunto de narrativas construídas de acordo com análises das mais diversas fontes históricas, interpretadas pelo agente que está narrando a partir do recorte escolhido e das fontes disponíveis. Toda história, portanto, é passível de críticas e análises, seja pela descoberta de novas fontes, pelas interpretações geradas a partir de novos olhares ou, ainda, de outros interesses.

Por falar em interesses na construção da história, nota-se ao longo do tempo – ainda que isso esteja mudando graças às novas pesquisas e novos pesquisadores, bem como com um aumento na democratização do acesso às informações e acesso aos conteúdos – narrativas sendo construídas na educação formal ou não a partir dos “grandes vultos”, histórias tidas como oficiais, muitas vezes contadas sob a ótica do grupo tido como vencedor e/ou dominante.

Edward P. Thompson (1924-1993), um dos grandes nomes da historiografia no século XX, desenvolve boa parte de seus estudos a partir da história contada por grupos que tinham pouca – ou nenhuma – voz nas narrativas, como a

história dos operários, das mulheres, de grupos marginalizados pela sociedade, modo de escrita que fica conhecida como a “história a partir de baixo”¹.

Pois bem, tendo em vista a proposta desta coletânea promovida pela Academia Saltense de Letras, será feita uma breve apresentação de um conceito que traz uma perspectiva outra na escrita das histórias, demonstrando o poder que as palavras, as narrativas e as formas de olhar o fato histórico e seus desdobramentos como ferramentas extremamente poderosas, e que entra para a história da escrita da história como uma área nova (ou nem tanto) e que precisa estar presente nos debates acadêmicos, nas aulas do ensino básico ou superior e em nossas prosas mais críticas: trata-se do termo *decolonialidade*.

Quanto ao termo,

... é possível afirmarmos que o pós-colonialismo como termo originou-se nas discussões sobre a decolonização de colônias africanas e asiáticas depois da Segunda Guerra Mundial [...] tendo sido produzido, principalmente, por intelectuais do Terceiro Mundo² que estavam radicados nos departamentos de estudos culturais, de língua inglesa, antropologia das universidades inglesas e posteriormente das universidades norte-americanas. A consequência mais óbvia disso foi o fato de o pós-colonialismo ter uma língua de nascença, o inglês, e ter também um espaço de circulação, o mundo anglofônico. (COSTA; GOSFOGUEL, 2016).

1 Destaco algumas obras de Thompson como: *Formação da Classe Operária Inglesa (3 volumes)* e *Costumes em Comum*.

2 Vale ressaltar que o termo Terceiro Mundo já caiu em desuso.

Pensar em decolonialidade é refletir de acordo com o olhar daqueles que outrora sofreram com as imposições feitas pelas metrópoles, seja através da colonização moderna, com a invasão dos europeus na América, ou pela neocolonização e partilha da África entre as potências europeias, em ambos os casos deixando sequelas graves como o subdesenvolvimentismo, pobreza, escassez de alimentos, genocídios de povos tradicionais, dentre tantos outros fatores. “A escrita da decolonialidade consiste também numa prática de oposição e intervenção, que surgiu no momento em que o primeiro sujeito colonial do sistema mundo moderno/colonial reagiu contra os desígnios imperiais que se iniciou em 1492.” (ibidem, 2016).

Em meados do século XX, em uma crítica aos sistemas coloniais e imperialistas, autores debatem sob o viés da intelectualidade, de denúncias e lutas contra os colonialismos, dentre eles Aimé Césaire (1913-2008). No livro *Discurso Sobre o Colonialismo*, o autor aponta severas críticas ao sistema de colonização, sendo ele próprio nascido na ilha da Martinica³, colonizada pelos franceses..

A verdade é que a civilização dita europeia, a civilização ocidental, tal como a modelaram dois séculos de regime burguês, é incapaz de resolver os dois problemas maiores e que a sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial; que, essa Europa acusada no tribunal da razão como no tribunal da consciência, se vê impotente para

3 Mais informações sobre Martinica, recomenda-se a leitura do texto no site: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/martinica#:~:text=Desde%20de%20abril%20de%202015,mas%20ganhou%20maior%20autonomia%20administrativa>

se justificar; e se refugia, cada vez mais, numa hipocrisia tanto mais odiosa quanto menos susceptível de ludibriar. (CÉSAIRE, 1978).

Seria apressado dizer que Césaire, como um homem de seu tempo, foi um pensador da decolonialidade, tendo em vista sua obra baseada nos processos de descolonização. Na edição portuguesa de seu livro, publicado em 1978, quem faz o *prefácio* é Mário de Andrade, mencionando que “o *discurso* é tão transparente que a sua substância só se presta a uma interpretação: trata-se do processo dos valores da Europa capitalista, responsável por um odioso empreendimento etnocidário – a colonização.”

Como toda narrativa histórica é fruto de um processo, observa-se que a decolonialidade, no âmbito do pensamento intelectual, apresenta-se como desdobramento de constantes lutas em diversas áreas, seja na história em si, ou em campos dos saberes como a psicologia, sociologia, filosofia, psicanálise, dentre tantas outras. Mas afinal, o que é a decolonialidade?

A decolonialidade é um termo que emergiu da necessidade de ir além da ideia de que a colonização foi um evento acabado, pois entende-se que este foi um processo que teve/tem continuidade, mesmo tendo adquirido outras formas. Por esse motivo, os estudiosos entenderam a necessidade de ampliar categorias e conceitos adequados à América Latina como uma iniciativa de desenvolver estudos acadêmicos dedicados a esta problematização. [...] deve ser uma luta contínua contra as colonialidades impostas

aos grupos subalternos. (OLIVEIRA; LUCINI, 2021).

Vale pensar que em tal conceito, para além das atitudes teóricas, há a atitude prática, a chamada atitude decolonial, sendo esta “o “grito de espanto” que ocorre individualmente, ou seja, é a atitude do próprio sujeito frente ao horror da colonialidade em busca de mudanças quanto às colonialidades do saber, do ser e do poder.” (ibidem, 2021).

Pois bem, como já dito, seja na pesquisa acadêmica, em sala de aula ou em outros meios de divulgação de pensamentos (como uma coletânea, por exemplo) o pensamento decolonial pode ser debatido, trazido à tona, levando a história “oficial” ao campo da crítica acerca de sua narrativa. No Brasil, um indígena historiador narrar a história da colonização ou das missões jesuíticas, o afrodescendente narrar a trajetória do negro em território brasileiro e a relação com o próprio continente africano é possível para elucidar outras narrativas, afinal, as palavras geram poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. Prefácio. *In*: CÉSAIRE, Aimé. **Discurso Sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso Sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

COSTA, Joaze Bernardino; GROSGUÉL, Ramón. **Decolonialidade e Perspectiva Negra**. Revista Sociedade e

Estado., vol. 31, n. 1, 2016. Em: <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 12 de jul. de 2023.

OLIVEIRA, Elisabeth de Souza; LUCINI, Marizete. **O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência**. Boletim Historiar, vol. 8, n. 1, 2021. Em: [file:///C:/Users/Home/Downloads/15456-Texto%20do%20artigo-45306-1-10-20210407%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Home/Downloads/15456-Texto%20do%20artigo-45306-1-10-20210407%20(1).pdf). Acessado em: 22 de jul. de 2023.

MARCO R. LEITE RIBEIRO é professor, pesquisador, ensaísta e gestor público. Graduado em História e Sociologia e Pós-graduado em Sociedade e Cultura. É membro da Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 1, cujo patrono é Ettore Liberalesso. Contato com o autor pelo e-mail: marcorafaelleiteiribeiro@gmail.com.



O ELEFANTE EM NÓS

Romeu Gonçalves Bicalho

Temos uma tendência muito forte de levar as coisas para o lado pessoal. Uma ideia postada nas redes sociais, uma piada, um comentário inocente, uma simples palavra, podem atingir alvos que nunca foram almejados. E quando contrariados, parece que o sentimento é ainda mais forte. Se for alguma ideologia, ou seja, um conjunto de preceitos mais ou menos sistematizado para organizar a vida, e ela é contrariada, vixi. Democracia? Liberdade de expressão? Ninguém tem o direito de dizer bobagens e, se tem, eu não sou obrigado a escutá-las, salvo se concordar com elas.

Se a palavra for escrita então, aí o bicho pega, pois a interpretação pode tomar rumos inesperados, já que não se pode contar com nenhum dos nossos outros sentidos, para além da visão, que denote o que o autor pretendeu descrever. Poucos têm, como Patrick Süskind, em seu livro “O Perfume”, o talento de traduzir aromas em palavras por exemplo.

Por que fazemos isso? Desejo irrefreado de preencher um vazio infinito? Tentativa de dar sentido à vida, já que o universo parece nem dar bola para nós? Vaidade? Não importa! Foi para mim que aquela pessoa disse aquilo e se não foi, não faz diferença, como pode ela pensar assim?

A boa notícia (ou não) é que este jeito de “pensar”, de

tomar como pessoal algo que nunca nos foi direcionado, pode não ser nossa culpa, mas do elefante em nós. Estudos científicos em economia, microsociologia, primatologia e psicologia cognitiva e social, indicam que somos enganados por nossa própria mente, que toma decisões sem nossa autorização ou nos induz a tomá-las. Papo estranho né? Se nossa mente faz isso, quem é esse “eu” que é enganado? Quem sou “eu”, afinal? Se lhe conforta um pouco, essa dúvida não é apenas sua. Como afirma Timothy D. Wilson, professor de psicologia social da Universidade da Virgínia, somos “estranhos para nós mesmos”.

Ao longo da sua história, a filosofia sempre tentou explicar nossa mente. É conhecida a metáfora de Platão, que a compara com um cocheiro numa carruagem com dois cavalos. E também a de Freud, que a divide em três partes, o ego, o superego e o id. O psicólogo social Jonathan Haidt, professor da Universidade de Nova Iorque, autor de “A Hipótese da Felicidade: encontrando a verdade moderna na sabedoria antiga”, dentre outras obras, também tem uma metáfora interessante. Ele diz que nossa mente pode ser comparada a um ginete montado em um elefante. O ginete seria nossa razão, responsável pelo raciocínio consciente, pelas decisões mais complexas. O elefante seria o nosso irracional, nossos pensamentos automáticos provocados por nossas emoções, desejos e intuição.

Contudo, para Haidt, todo esse aparato irracional, também constitui uma forma de processamento de informações, uma forma de “pensar” e, sem ele, o ginete não daria conta do próprio trabalho, não conseguiria tomar todas as decisões. Realmente, imagine se tivéssemos que raciocinar para tudo o que fazemos no dia a dia. Vamos fazer uma

viagem? É o ginete quem planeja o roteiro, o orçamento, o horário de sair. Mas depois que pegamos a estrada, a maioria das nossas ações passa para o modo automático. Nas situações críticas de perigo, por exemplo, o que aconteceria se tivéssemos que parar para pensar: “Será que esta cobra é venenosa? Corro ou não corro dela?”. Nesse caso, o medo entra automaticamente em ação e saímos correndo antes mesmo do ginete perceber o que está acontecendo. É o elefante no comando. Ele se sente preparado para a maioria das questões e age rapidamente, intuitivamente. O ginete é mais lento, precisa pensar um pouco antes de agir. A diferença de tamanho entre os dois dá a noção do quanto é difícil controlar nosso animal.

O problema (ou não) é que o elefante parece controlar a maioria dos nossos comportamentos e muitas vezes faz isso escondido. E o tonto do ginete, quando percebe a situação posta, para não dar o braço a torcer, inventa uma explicação post hoc para o que o elefante acabou de fazer, num jogo mental que se aproxima de uma confabulação. Haidt afirma que, na verdade, é o ginete quem serve ao elefante e isso decorreria do fato de que, no processo evolutivo de formação do ser humano, ele chegou bem mais tarde, provavelmente entre os dois milhões e quarenta mil anos atrás, quando começamos a desenvolver nossa capacidade de linguagem e raciocínio. Contudo, nosso “cérebro não se recompôs para entregar as rédeas a um cocheiro novo e inexperiente. Em vez disso, o ginete (raciocínio baseado na linguagem) evoluiu porque fez algo útil para o elefante”.

Além do elefante exercendo esse enorme controle, também temos tendências quase irresistíveis para fazer as

coisas apenas segundo as nossas preferências. Somos tão afetados pelos chamados “vieses cognitivos”, ou seja, erros sistemáticos na forma como nosso cérebro processa as informações, que fica difícil sustentar nosso título de “ser racional”. Daniel Kahneman, psicólogo, ganhou Prêmio Nobel de economia pelos estudos realizados nesta área, que podem ser acessados em sua incrível obra “Rápido e devagar: duas formas de pensar”.

Temos o viés da confirmação, da disponibilidade, da ancoragem, da informação, da atribuição, do status quo, de ajustamento, da expectativa e tantos outros deslizes cognitivos disfarçados de processos racionais que, acompanhados de uma boa racionalização, podem convencer os menos e até os mais avisados. São tantos vieses, que o cientista social Dan Ariely deu título ao seu livro de “Previsivelmente irracional”, destacando nossa quase incapacidade de resistir às nossas tendências.

O viés da confirmação, me parece ser o mais forte de todos. É muito poderosa a tendência que temos de buscar informações que apoiam nossas crenças ao mesmo tempo que, inconscientemente (olha o elefante aí!), descartamos ideias contrárias a elas. E pobre daquele que insistir em nos convencer do contrário. Afinal, se é difícil pensar, mais difícil ainda é repensar. Depois que aceitamos um conceito, passamos a defendê-lo como se fosse algo sagrado, às vezes ofendendo até mesmo familiares e amigos. E depois contamos uma história, justificando tudo o que aconteceu. É o elefante desembestado e o ginete racionalizando o ocorrido!

É fácil notar esse viés nas questões políticas, por exemplo. Nas eleições, muitas vezes escolhemos nossos

candidatos com base apenas no discurso que foi ao encontro dos nossos interesses ou na mera indicação de amigos. Mas feita a escolha, se alguém falar alguma coisa contra aquele candidato, mesmo com base em dados concretos, dependendo do dia, comprou briga. Olha o elefante aí! Nos tornamos defensores, verdadeiros advogados da ideia que construímos.

Os pesquisadores Kevin Samler e Robin Hanson, em sua obra “The Elephant in the Brain”, ainda sem tradução para o português, apontam o egoísmo como o coração desse nosso jeito de “pensar”. Segundo os autores, seríamos naturalmente egoístas e o fato de sermos animais competindo por poder, status e sexo, às vezes dispostos a mentir, trapacear, esconder alguns dos nossos motivos para progredir, para atingir nossos objetivos declarados ou ocultos, nos empurraria sempre na direção do próprio interesse e, literalmente, a enxergarmos as coisas de forma totalmente diferente do outro.

É isto: uma palavra, dita ou escrita, um olhar ou outro gesto estranho e nosso elefante pode entrar em ação. Movido pelas emoções, pelos desejos ou pela intuição, aliados a algum viés cognitivo, ele assume o controle e pode fazer estragos. Porém, embora isso possa aliviar nossa culpa, não reduz em nada nossa responsabilidade. Mudar o elefante é muito difícil, pois ele sempre será um animal. Mas podemos fortalecer o ginete. Com boa leitura, senso crítico, refletindo antes de agir, sabendo que o mundo não gira em torno de nós mesmos e sempre duvidar um pouco de si mesmo, parecem ser boas práticas para dar músculos ao ginete. Mas não é fácil, pois cada um tem seu próprio elefante e, tentando parafrasear Pascal, “o elefante conhece

caminhos, que o próprio ginete desconhece”.

Ah, você não é assim? Seu elefante está totalmente domesticado? Quero só ver quando eu te contrariar!

ROMEU GONÇALVES BICALHO é Advogado e Professor de Direito. Doutor em Direito pela PUC-SP; Pós-Doutor em Direito pela Universidade de Coimbra, Portugal; Autor e coautor de obras jurídicas. Fundador e Diretor do ICDE - Instituto Central de Direito e Educação; Membro da ASLe - Academia Saltense de Letras, Cadeira 19, cujo patrono é Olavo Bilac. Contato com o autor pelo e-mail: rgbicalho@me.com





POESIAS

O PODER DA PALAVRA

Augusto Gasparini Filho

A palavra “poder” nos remete a diferentes formas de pensamentos, cujo sentido permite uma abertura, qual palhetas de um leque, as quais mostram de forma individual uma modalidade diferente em atribuir forma e sentido à expressão “poder”.

Entretanto, cabe-nos aqui abordar um poder específico denominado “o poder da palavra”, que nos leva a explicar, antes, o verdadeiro sentido de palavra, como sendo “um som, ou até um conjunto de sons que articulamos, formado por uma ou mais sílabas, apresentando determinado sentido”. Porém, torna-se mais amplo quando nos cabe descrever o seu verdadeiro poder.

Se fizéssemos um retrospecto na linha do tempo e voltássemos algumas décadas na história da humanidade, iríamos encontrar, na galeria de nossas recordações e nos escritos alusivos à referida época, a forma usual “homem de palavra”, cujo significado envolvia, inclusive, a honra da pessoa; e aí estava retratado “o poder da palavra”. Frases como “eu falei e está falado”; “prometi e juro que vou cumprir”; “jamais vou manchar o meu nome”; e outras expressões semelhantes que simbolizavam o caráter inquestionável da pessoa.

Palavras que mais pareciam transmitir um sistema emocional abalado do interlocutor, quer estivesse tomado

por uma ira ou por algo que não havia dado certo ou até por acontecimento ocorrido de forma repentina e contra os seus desejos.

Palavras expressas com potencial vocálico demasiadamente alterado e estridente, tornando visíveis suas veias, ao calor do seu galantear, além de tornar a face avermelhada, como se os gritos e as lápidas, em forma de estrias, dessem maior peso e transparência às expressões proferidas em meio ao estresse e ansiedade, em demonstração de repúdio e resignação. Resquícios que permeiam a história de um período longínquo onde a fibra e a garra de muitos mais pareciam sobrepor aos direitos humanos, colocados em plano inferior.

Aliás, assim disse o poeta:

*Nestas angústias que oprimem,
que trazem o medo e o pranto,
há gritos que nada exprimem,
silêncios que dizem tanto!*

Mas, tudo passa e tudo se modifica, ganhando novas versões e aprimoramentos que nos levam a entender, dialogar e buscar conclusões do assunto em pauta. E, seguindo a mesma linha de raciocínio, faz parte do tema ora abordado o dom da oratória, no qual a empatia se destaca, proporcionando ao sábio orador acumular sinônimos, verbos, frases e orações que dão maior brilho e qualidade aos adjetivos, em plena locução, sintetizando em seu crepúsculo a transparência do assunto, tornando-o claro e compreensível, cuja lucidez torna suas palavras plenamente audíveis, com variações fonéticas colocadas com precisão, variando em forma e tempo, sem deixar de obedecer às normas do as-

sunto que lhe coube abordar.

A voz macia e suave, proferida com leveza, segue as pautas do pergaminho que repousa discretamente no púlpito, como guia seguro a nortear, com precisão, possíveis momentos que possam fugir ao alcance da memória ou criar uma pausa demasiadamente longa, para depois retomar o assunto ou tema ainda sem conclusão.

E o que se falar sobre o poder da palavra dentro da família, como modalidade que jamais pode estar ausente, visto ser esta (a família), a célula *mater* da sociedade? Sabe-se que na prole, cada momento se apresenta de forma diferente, levando-se em conta quando falamos ao filho ou à filha, pois para ambos, as expressões devem ser diferenciadas. Notório, sem dúvida, é levar-se em conta a idade e diversificar as formas de tratamento para cada ciclo de vida, jamais se preocupando em adiantar assuntos pertinentes ao tempo futuro, pois o próprio futuro se encarrega de esclarecer no tempo certo. Precisamos, ainda, ir um pouco além, pois não abordamos o diálogo junto ao cônjuge, onde se torna necessário valer o poder da palavra, mas de forma recíproca, para o perfeito equilíbrio que mantém a estrutura familiar sem mácula ou restrições, todavia, prevalecendo os mesmos direitos, onde impera de forma inquebrantável o respeito mútuo em todas as ocasiões, deixando prevalecer o poder da palavra que acolhe, divide e compreende, sem jamais se utilizar de forma imperativa ou imponente.

E assim disse o poeta:

*A vida é maravilhosa
e o lar, um jardim florido,
quando a mulher é uma rosa
e o jardineiro, o marido.*

O poder da palavra visto de cima, aliás, bem do alto, ou seja, pelo poder da fé! Nem todos são iguais, mas todos são importantes. Religiões, orações e crenças. Em respeito a todas elas, cumpre-nos, como dever e obrigação, devotar perene respeito às coisas sagradas, pois todas nos levam ao mesmo caminho e ao mesmo ponto. O poder da palavra que move montanhas, que faz a pedra rolar e o coxo caminhar. Que separa as águas do mar, que faz o cego enxergar. E ao pedido de Marta faz Lázaro ressuscitar. O poder da palavra que multiplica o pão – só para a fome matar! E da água, o bom vinho – que todos querem provar. Em meio às ondas bravias, andar nas águas do mar!

Pelo poder da palavra e pelo milagre da vida, tudo se pode explicar...

E assim disse o poeta:

*Palavra não tem idade
(acredite, sim senhor)...
São ecos da eternidade
nas palavras do Senhor!*

AUGUSTO GASPARINI FILHO é Bacharel em Direito e radialista graduado pela Faculdade Anhembí-Morumbi. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, titular da cadeira nº 12, cujo patrono é São Francisco de Assis. Contato com o autor pelo e-mail: gasparinifilho@fm90.com.br.



LAR, DOCE LAR ORTOGRÁFICO!

Lázaro Piunti

Embora já não tão jovens, o doutor Parágrafo e a professora Vírgula resolveram assumir seus sentimentos ocultos e se casaram.

Com pompa as núpcias foram celebradas na mansão rural do mestre Artigo e o casal Dom Inciso e a beata Crase serviu de padrinhos da noiva. O noivo escolheu para padrinhos o sociólogo Pronome e a sua prima sexagenária, a robusta sexóloga Análise.

Os nubentes viajaram em lua de mel para a ilha cedida pelo empresário e amigo Advérbio, localizada na formosa região serrana governada por Predicado. E desfrutaram instantes inenarráveis de sonhos!

Pretérito marcou o tempo!

Um decênio depois, o venerável mestre Sujeito – diretor da vetusta Universidade do Saber – programou um reencontro dos antigos discípulos.

Ele expediu convites especiais, reunindo para formidável ágape das Letras, os membros da antiga e propecta confraria.

Foi uma tarde homérica que avançou noite adentro! Festa inolvidável!

Alegrias tantas compartilhadas e celebrações de lembranças múltiplas. O evento ganhou dimensão superlati-

va, pois os convivas se surpreenderam e se sentiram inebriados ante a afável presença de numerosa prole. Os sete rebentos produzidos pelos cônjuges Parágrafo e Vírgula. Uma década depois das núpcias, o jubiloso casal exibia a safra colhida do feliz enlace. Do incondicional amor nasceram os gêmeos Sinônimo e Antônimo, a delicada Frase, o travesso Aposto, o circunspecto Vocativo e a extrovertida Palavra. Poxa! Quase nos esquecíamos do adorável caçula: O gracioso Ponto e Vírgula. Filho da modernidade, orgulho gay da família!

CIÊNCIA PRÁTICA E PRAGMÁTICA!

Lázaro Piunti

O primo do meu irmão Arlindo é o novo superintendente da Rádio Flor Sempre Viva. Mediante as potentes ondas etéreas da emissora online, espalha conhecimentos vinculados ao vasto campo científico. Método simplista de popularizar a Ciência. SIGA O PRIMO!

ASTRONOMIA é o estudo dos corpos celestes. Decifração do Universo.

BIOLOGIA ocupa-se do estudo dos seres vivos.

ECOLOGIA estuda as interrelações dos seres vivos e o seu habitat.

FILOLOGIA - Estudo da linguagem; mergulho na fonte literária e nos escaninhos da História. O vasculhar dos textos escritos. O gosto saboroso da literatura!

FILOSOFIA - “Amor à Sabedoria”, na definição grega. Estudo dos fundamentos teóricos e práticos do pensamento e da cultura humana! GENEALOGIA - Ciência auxiliar da História. Estuda a origem e a evolução das famílias. É a Pesquisa em documentos.

GEOGRAFIA - Entender, pelo estudo, os fenômenos da superfície da Terra!

MINERALOGIA - Estudo químico da estrutura molecular e cristalina.

MORFOLOGIA - Estudo da estrutura e formação das palavras. Modernamente, estudo morfológico fetal (ultrassom)!

ORNITOLOGIA - Um dos ramos da Biologia que estuda as aves! PSICOLOGIA - Estudo das emoções e fenômenos psíquicos. A ALMA!

Quando cintilam lâmpadas artificiais nos centros urbanos a imitar estrelas, o primo do meu irmão Arlindo se abstrai da cátedra e o espírito passeia nas galáxias. A seu modo ele presta reverência ao Universo!

DANÇA DAS PROPAROXÍTONAS!

Lázaro Piunti

Entrou na academia com um sonho ilógico
Na posse discursou com seu timbre atávico
Pintando as mensagens no linguajar lírico
Brindou os acadêmicos com sorriso sádico.
Escolhendo sua cadeira com o gesto típico
Filetes de sapiência no velho viés socrático!

Não tardou a exhibir seus projetos sórdidos
Sua paixão secreta cheia de desejos cínicos
Por si mesmo eleito o prior dos catedráticos
A acalentar na alma seus anseios mórbidos
Clamava ser Apolo dos deuses emblemáticos
E para as acadêmicas pedia favores íntimos.

O líder dos seus pares o arguiu bem próximo
Segredou conselhos em frases diplomáticas
E na elegia do bem teceu loas ao escrúpulo!
Uma tentativa vã de corrigi-lo por metáforas
Mas fracassou na lógica, pois seu senso lívido
Esbarrou na teimosia do confrade esdrúxulo.

Restou a última oitiva junto ao comitê de ética
E ele perfilou poemas em versos sem métrica
Na volúpia insensível refluíu do campo lúcido
Com argumentos insípidos provou ser estúpido
Reviveu da era pretérita a mais prosaica fábula
O débil libelo defensivo puniu o tímido rábula.

Na assembleia de expulsão bradando enfático
Destilou crítica a Pitágoras, o sábio matemático.
Inútil sua prédica expendida em tom fleumático
Sem resquício, o nobre sodalício foi pragmático.
Eliminou da academia o elemento pornográfico.
Mas ele acabou no Senado agente burocrático!

LAZARO JOSÉ PIUNTI é advogado e escritor. Pós-graduado em Direito Ambiental / Sistemas de Gestão Integrados de Qualidade / Segurança e Saúde no Trabalho. É membro fundador da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 14, cujo patrono é Castro Alves. Contato com o autor pelo e-mail: ljpiuntiescritor@uol.com.br



O que poderia ser mais instigante para um escritor do que falar sobre a PALAVRA, sua principal ferramenta de trabalho? Trinta membros da Academia Saltense de Letras (ASLe) encararam o desafio e verteram para o papel sua multiplicidade de olhares, em crônicas, contos, ensaios e poesias.

O tema desta coletânea, "Verbo revelado: o poder das palavras escritas, ditas ou silenciadas", dá sequência às publicações anuais produzidas pela ASLe, que celebra, em 2023, 15 anos de existência.

Esta edição presta, também, uma homenagem póstuma ao jornalista e escritor Valter Lenzi, membro fundador da Academia, por seu inestimável legado à comunicação e à história da cidade de Salto.



**ICDE - Instituto Central
de Direito e Educação**

ISBN: 978-85-64005-17-4



9 788564 005174